

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

ODIRLÉIA LIMA ARNAL

**BOPE, HERÓI OU VILÃO? : DISCURSOS E FORMAÇÕES
DISCURSIVAS COMO DETERMINANTES DA OPINIÃO
PÚBLICA**

Campo Grande – MS
Fevereiro - 2011

ODIRLÉIA LIMA ARNAL

**BOPE, HERÓI OU VILÃO? : DISCURSOS E FORMAÇÕES
DISCURSIVAS COMO DETERMINANTES DA OPINIÃO
PÚBLICA**

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Pacheco Limberti. Área de Concentração: Linguística e Semiótica

Campo Grande – MS
Fevereiro – 2011

ODIRLÉIA LIMA ARNAL

**BOPE, HERÓI OU VILÃO? : DISCURSOS E FORMAÇÕES DISCURSIVAS
COMO DETERMINANTES DA OPINIÃO PÚBLICA**

APROVADA POR:

RITA DE CÁSSIA PACHECO LIMBERTI, DOUTORA (UFMS)

MARIA EMÍLIA BORGES DANIEL, DOUTORA (UFMS)

PAULO SÉRGIO NOLASCO DOS SANTOS (UFGD)

Campo Grande, MS, 22 de março de 2011.

Ao meu marido Sandro, à minha filha Isadora
e ao pequeno bebê que acaba de tornar-se vida
dentro de mim.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Rita Limberti – pela confiança, apoio e orientação.

Ao Sandro, meu marido, amigo e companheiro – pela paciência, apoio e
compreensão.

A meus pais, Odílio e Maria (Preta) – pela confiança e os sonhos em mim
depositados.

À minha irmã, Fernanda – por saber que posso contar com você.

Ao Matheus, o filho que ganhei de presente – pelo carinho de sempre.

À Isadora, minha filha – simplesmente por existir.

Aos companheiros de trabalho da escola Prof.^a Irma de Lima Matos – pela
compreensão em minhas ausências.

ARNAL, Odirléia Lima. BOPE, HERÓI OU VILÃO? : DISCURSOS E FORMAÇÕES DISCURSIVAS COMO DETERMINANTES DA OPINIÃO PÚBLICA. Campo Grande, 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul).

RESUMO

Este trabalho tem como proposta estudar os discursos e as formações discursivas como determinante na formação da opinião pública, tomando por base os sentidos produzidos na polêmica em torno do modelo de atuação do BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais) a partir de dois episódios marcantes na história do batalhão: o incidente com o ônibus 174 e o lançamento do filme “**Tropa de Elite**”. Para proceder a esta análise, pautamo-nos nos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, fundados por Michel Pêcheux em especial, no que diz respeito ao estudo das condições de produção do discurso, bem como nos estudos de Dominique Maingueneau no interior da proposta de uma semântica global e de seu conceito de interincompreensão. Foram selecionados para análise (*corpus*) textos que circularam na mídia nacional impressa, em especial, textos veiculados, nesse período, nas revistas **Veja** e **Época**, os quais comentavam as atitudes dos policiais e a eficácia, ou não, dessa polícia. Neles foi observada uma grande dissonância nos discursos das duas épocas. Logo após o sequestro, o BOPE é apresentado como o reflexo do descaso e baixo investimento das autoridades com a segurança do país, considerada uma elite despreparada, mal equipada e falha. Posteriormente ao filme, sete anos depois, o mesmo Batalhão volta ao discurso da mídia, com muito mais evidência, agora apontado como uma esperança a todos os problemas de segurança, um herói nacional, iconizado na figura do Capitão Nascimento, a melhor polícia do país e um modelo a ser seguido. No decorrer da análise fortifica-se a hipótese de sustentação política aos dois discursos acerca do mesmo objeto, reforçando a necessidade do desenvolvimento de leituras críticas, sobretudo quanto aos temas polêmicos divulgados pela mídia que, teoricamente, deveria ser isenta, o que, de acordo com os preceitos da Análise do Discurso, não seria possível, já que não há produção de discurso que não seja ideológica.

Palavras-chave: Análise do Discurso; polêmica; mídia; ideologia; polícia.

ARNAL, Odirléia Lima. BOPE, HERÓI OU VILÃO? : DISCURSOS E FORMAÇÕES DISCURSIVAS COMO DETERMINANTES DA OPINIÃO PÚBLICA. Campo Grande, 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul).

ABSTRACT

This work is proposed to study the discourses and discursive formations as decisive in shaping public opinion, based on the meanings produced in the controversy surrounding the performance model of the BOPE (Special Police Operations Battalion) from two salient facts in history of the battalion: the incident with the bus 174 and the movie "Tropa de Elite". To perform this analysis, based us in theoretical and methodological assumptions of Discourse Analysis of the French line, founded by Pêcheux in particular with regard to the study of the conditions of discourse production, as well as in studies of Dominique Maingueneau inside the proposal for a global semantics and its concept of interincomprehension. Were selected for analysis (*corpus*) texts that circulated in the national media in print, in particular, text broadcast, this time in the magazines *Veja* and *Época*, which commented on the attitudes of police and the effectiveness or otherwise of the police. In them there was a great dissonance in the speeches of the two periods. Soon after the kidnapping, BOPE is presented as a reflection of low investment and neglect of the authorities with the security of the country, considered an elite unprepared, poorly equipped and failure. Later the film, seven years later, the same battalion back to media discourse, with much more evidence now pointed to as a hope to all security problems, a national hero, iconized the figure of Captain Nascimento, the better the country's police and a model to follow. During the analysis strengthens the hypothesis of political support to the two speeches on the same object, reinforcing the need to develop critical reading, especially regarding controversial issues covered by the media that, theoretically, should be exempt, which, according with the precepts of Discourse Analysis would not be possible, since there is no speech production that is not ideological.

Keywords: Discourse Analysis; controversy; media; ideology; police.

Lista de Anexos

Anexo 1 – Veja Rio <i>on line</i> , 06 de junho de 2007 (Capa)	102
Anexo 2 – Veja Rio <i>on line</i> , 06 de junho de 2007 - Diários de Guerra	103
Anexo 3 – Veja, 17 de outubro de 2007 (Capa)	109
Anexo 4 – Veja, 17 de outubro de 2007 – A realidade, só a realidade	110
Anexo 5 – Veja, 17 de outubro de 2007 – Abaixo a mitologia da bandidagem	114
Anexo 6 – Veja, 17 de outubro de 2007 – Record de contravenção	117
Anexo 7 – Veja, 17 de outubro de 2007 – Máquina letal contra o crime	119
Anexo 8 – Veja, 17 de outubro de 2007 – Capitão Nascimento bate no bonde do Foucault	122
Anexo 9 – Época – 24 de setembro de 2007 (Capa)	125
Anexo 10 – Época – 24 de setembro de 2007 Polícia, Drogas, Ação	122
Anexo 11 – Carta Capital, 10 de outubro de 2007 (Capa)	135
Anexo 12 – Veja, 21 de junho de 2000	136
Anexo 13 – Veja, 21 de junho de 2000 – A gota d’água (imagem)	137
Anexo 14 – Veja, 21 de junho de 2000 – A gota d’água	138
Anexo 15 – Época, 19 de junho 2000 (Capa)	143
Anexo 16 – Época, 19 de junho 2000 - Tragédia Brasileira	144

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. REFLEXÕES TEÓRICAS	28
1.1. Discurso, ideologia e formação discursiva	30
1.2. Interdiscurso e o Primado do interdiscurso: o Outro e o Mesmo	34
1.3. A Semântica Global: Discurso polêmico e interincompreensão	36
1.4. As condições de produção na Análise do Discurso	39
1.5 . Em nosso caso...	40
2. APRESENTANDO AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	42
2.1. Rio de Janeiro ⇨ Brasil	42
2.2. BOPE – Tropa de Elite: o Filme	44
2.3. Elite da Tropa: o livro	49
2.4. O sequestro do ônibus 174	51
3. PEGA UM PEGA GERAL...	54
3. 1. O Salvador da Pátria	54
3.1.1. Veja: agora o bicho vai pegar	57
3.1.1.1. Diários de Guerra	58
3.1.1.2. Pegou Geral	64
3.1.1.2.1. A realidade só a realidade	65
3.1.1.2.2. Abaixo a Mitologia da Bandidagem	67
3.1.1.2.3. Record de Contravenção	68
3.1.1.2.4. Máquina letal contra o crime	69
3.1.1.2.5. Capitão Nascimento bate no bonde do Foucault	69
3.1.2. Época: também vai pegar você:	73
3.2.1. Polícia, Drogas, Ação	74
3.2. Desequilíbrio Total	78

	10
3.2.1. A gota d'água	80
3.2.2. Passageiros do horros	83
3.3. Paparapaparapapara clack bum	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	101

INTRODUÇÃO

*“Homem de preto
o que é que você faz?
Eu faço coisas
que assustam o satanás.
Homem de preto,
qual é sua missão?
É invadir favela
E deixar corpo no chão!”¹*

1. Homens de preto: apresentação da polêmica

O Batalhão de Operações Policiais Especiais - BOPE - é a força de intervenção da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro especializada em operações de combate ao crime em áreas de alto risco e resgate de reféns, conforme informa o site oficial da instituição².

Seu uniforme preto, diferenciado do azul da Polícia Militar convencional, assim como o brasão que estampa uma caveira atravessada por uma faca, são motivos de orgulho entre os policiais do BOPE, que se autodenominam “homens de preto” ou “caveiras”.

O Batalhão existe desde 19 de janeiro 1978, primeiramente com o nome de Núcleo da Companhia de Operações Especiais, sendo batizado com o atual nome em 1991 (SOARES; BATISTA; PIMENTEL, 2006, p. 8), mas foi somente em 2007, com o lançamento do filme **Tropa de Elite**, que as discussões

¹ Um dos cantos de guerra entoados pelos soldados do BOPE em seus exercícios diários.

² Disponível em <http://www.boperj.org/index.htm>. Acessado em 28 jul. 2008, às 22h22.

em torno de suas ações tornaram-se constantes na mídia de todo o país e até mesmo nas conversas entre amigos, brincadeiras de crianças, letras de músicas, piadas, entre outros.

Embora o filme tenha sido inspirado no livro intitulado **Elite da Tropa** (2006), a polêmica em torno da qual se centram os discursos que formam este *corpus* de análise só tem início com o filme. O sucesso da obra escrita também é maior depois de **Tropa de Elite** (2007). Portanto, referir-se à polêmica como sendo a partir do filme e não do livro. Por isso também a abordagem será iniciada após o lançamento da obra cinematográfica - e não do incidente do sequestro do ônibus da linha 174 no Rio de Janeiro, em 12 de junho de 2000, logo, cronologicamente anterior - pois o nome BOPE ficou realmente conhecido nacionalmente pelo cinema, ou melhor dizendo, pela pirataria, já que, como pode ser confirmado nas reportagens da época, quando o filme foi lançado oficialmente, milhares de pessoas já o haviam assistido por meio de alguma cópia ilegal, já que a equipe de filmagem foi assaltada na fase final de produção e a obra acabou por ir a público antes mesmo de sua estreia.

A história do filme de José Padilha não reproduz fielmente a narrativa do livro, até porque este trata de várias histórias paralelas, enquanto aquele se enreda em torno da história do Capitão Nascimento, em sua saga de encontrar um substituto. Mas a trama de **Tropa de Elite** (2007) traz diversos elementos e informações contidos em **Elite da Tropa** (2006), em especial - e o que interessa ao trabalho proposto - quanto às características de atuação do BOPE e da polícia.

Ambas, obra cinematográfica e obra escrita, expõem as ações polêmicas do Batalhão de Operações Especiais e da Polícia Militar convencional,

suscitando debates em torno do papel de atuação da polícia e do Estado como um todo no combate ao crime organizado.

As obras apresentam o treinamento para o ingresso na elite da PM evidenciando a formação não de homens policiais, mas de “cães de guerra”, conforme repetido por eles mesmos durante os exercícios. “Nossos homens são formados na base da porrada”, diz o capitão Nascimento, personagem principal de Tropa de Elite, “pra lutar na guerra contra o tráfico tem que ser capaz de aguentar tudo”. Tal metodologia de treinamento é confirmada em reportagem da revista **Veja** que contabiliza o número de apenas dois concluintes do curso de operações especiais para cada dez ingressos à chamada “Semana do Inferno” quando, segundo o tenente-coronel do BOPE Alberto Pinheiro Neto, é desmistificada a experiência de tomar soco na cara para testar a agressividade e o autocontrole dos candidatos (VEJA, 2007, anexo 2, p. 104).

Tanto **Elite da Tropa** (livro) como **Tropa de Elite** (filme) são narrados por vozes de um narrador-personagem, integrante do BOPE “em seu tom subjetivo, íntimo e hostil, atraente, inteligente e grosseiro, mórbido, perverso e angustiado”, segundo o autor do livro, Luiz Eduardo Soares, em entrevista à agência Riff, reproduzida em seu site na *internet*³. Nos cinemas a narração em primeira pessoa fica por conta de Capitão Nascimento, já nas páginas o nome do narrador não é revelado, nem mesmo fica claro se trata-se de um único integrante do Batalhão, ou se divide-se em uma narrativa múltipla, mas que enfatiza também o lado do policial que tem família, sentimentos e angústias, “Nas incursões

³ Disponível em <http://www.luizeduardosoares.com.br>. Acessado em 02 jul. 2008, às 19h30.

noturnas, se toparmos com vagabundo, ele vai pra vala. Sei que essa política não foi correta. Agora, não tem mais jeito. A gente mata ou morre.” (SOARES; BATISTA; PIMENTEL, 2006, p. 26).

Se o filme propiciou uma projeção positiva da imagem do batalhão, conforme o observado na maioria dos discursos desse período, anteriormente encontra-se uma situação oposta em que se ouviu falar muito na atuação dos policiais da elite da Polícia Militar do Rio de Janeiro (na época o nome BOPE ainda não possuía tamanha repercussão no cenário nacional), mas sob um ponto de vista bastante diferenciado do apresentado pela mídia depois do filme. Foi após o sequestro ocorrido em 12 de junho de 2000, do ônibus 174 que faz a linha Gávea-Central, no Rio de Janeiro, mais especificamente no Jardim Botânico. Um sequestrador mantinha onze reféns e após quatro horas de negociação, acompanhadas ao vivo pelas emissoras de televisão de todo país e da americana CNN, um policial do Batalhão de Operações Policiais Especiais tentou atirar no bandido que saía do ônibus com a arma apontada para a cabeça de uma das reféns, usando-a como escudo, porém o homem do BOPE errou o alvo e o tiro pegou de raspão na moça, o sequestrador então atirou nela, que veio a óbito. Tal fato manchou a imagem do Batalhão de Elite, agravada posteriormente com a morte do bandido por estrangulamento e asfixia dentro do camburão, quando, após detê-lo, os policiais o conduziam para a delegacia.

Nesse momento, os predicativos atribuídos pela mídia ao Batalhão eram bastante diferentes, como os utilizados em nota de um artigo da revista Época, da semana do incidente que chamava a polícia de mal preparada, mal

treinada, mal paga e que fazia uso de equipamentos absoletos. (ÉPOCA, 2000, anexo 16, p. 143)

A absolvição dos policiais envolvidos, que se deu em 11 de dezembro de 2002, também foi muito criticada por vários meios da imprensa: “BARBÁRIE - Para o Ministério Público, a decisão dos jurados é a volta à barbárie e o reconhecimento do direito da polícia de matar. "Quem perdeu foi a sociedade. (...)”⁴

O incidente referido também gerou frutos ao cinema. O documentário de José Padilha (mesmo diretor de Tropa de Elite) “Ônibus 174” (2002) e a obra de ficção baseada no acontecido real “Última parada - 174” (2008) de Bruno Barreto, tendo também certa repercussão, mas nada que se compare ao fenômeno “**Tropa de Elite**” - por isso ainda firma-se esse como o marco principal da polêmica aqui em discussão.

Diversos trabalhos acadêmicos também já foram inspirados pela grande polêmica que se instaurou posteriormente aos dois recortes aqui escolhidos. Artigos e dissertações de mestrado em diversas áreas como antropologia, comunicação e mesmo análise do discurso, porém, visando a objetivos diferentes do aqui proposto, como, análise dos documentários; da imagem da polícia em noticiários; das vítimas/algozes em noticiários, da imagem da favela e seus moradores gerada pela apresentação da violência nessas localidades, e até mesmo do BOPE em si, de seu treinamento. Embora,

⁴ Disponível em <http://www.jornal.valeparaibano.com.br/2002/12/12/geral/onibus.html>. Acessado em 25/05/2009, às 18h05.

aparentemente, até o momento, não se tenha registro de algum trabalho que aborde simultaneamente os discursos acerca do Batalhão de Elite carioca nos dois períodos, torna-se evidente o interesse em geral em torno do assunto mídia, polícia, violência e imagem⁵tendo-se neste trabalho, então, uma abordagem inédita de assuntos que comumente despertam interesse da sociedade..

Na polêmica em questão, pode-se identificar minimamente dois posicionamentos⁶:

I) um que se pode denominar “pró-BOPE”, ou seja, que se mostra favorável tanto aos meios utilizados quanto ao fim objetivado pelo BOPE, por entender que o combate ao crime organizado hoje, deve, sim, ser visto como uma guerra, posicionamento este que é observado na maioria dos discursos encontrados no recorte temporal realizado logo após o filme **Tropa de Elite**;

II) um outro posicionamento, que será denominado “anti-BOPE”, segundo o qual as atitudes do batalhão têm um certo exagero e não são compatíveis com o combate ao crime, uma vez que são, elas mesmas, criminosas em certa medida e que refletem atitudes de policiais “mal treinados” e

⁵ Ver os seguintes trabalhos: Fidelix, Entre Discursos: Mídia e Subjetividade nos Espaços Populares (2008); Brasiliense, O discurso do Jornal O Globo e a construção do “Sujeito 174”, disponível em www.almanaquedacomunicacao.com.br/files/others/danielle_ramos_brasiliense.doc, acessado em 30/09/2010 19h0.; Penkala, Notícias de um documentário particular: Os sentidos do real em um documentário brasileiro disponível em www.seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/viewArticle, acessado em 02/10/2010, às 14h34; Penkala, Ônibus 174 e o clamor por visibilidade: Discursos e sentidos, acessado em http://penkala.files.wordpress.com/2007/11/artigo_penkala_pucrs.pdf, em 06/10/2010 às 18h47; Entrevista: 'Já se nasce caveira, só se busca o título', disponível em <http://odia.terra.com.br/portal>, acessado em 01/10/2010 às 02h03.

⁶ Considera-se a noção de posicionamento descrita por Charaudeau & Mainguéau (2008) em Dicionário de Análise do Discurso, em que posicionamento é o lugar em que o locutor ocupa em uma discussão, caracterizando sua identidade social e ideológica.

“descontrolados psicologicamente”, discursos que são observados, principalmente, em nosso recorte logo após o incidente do sequestro do ônibus da linha 174 em 2000, bem antes do filme.

Analisar esses debates a respeito da atuação da polícia em âmbito nacional, a partir dos dois posicionamentos descritos, envolve considerar, assim, que no primeiro deles o princípio organizador é a ideia de manutenção da ordem por meio do combate ao crime organizado, enquanto no outro o centro é a garantia das liberdades individuais de cada cidadão.

Nesta análise, tem-se a pretensão de responder algumas questões tais como: qual a imagem do BOPE apresentada pelos discursos de **Época** e **Veja** no período logo após o lançamento do filme **Tropa de Elite**? Qual é a imagem do batalhão apresentada por esses discursos logo após o sequestro do ônibus 174? Qual a causa dessa diferença na imagem apresentada do mesmo objeto pelos mesmos veículos em períodos diferentes?

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

✓ Analisar os discursos polêmicos envolvendo o BOPE na época do incidente com o ônibus 174 e após o filme **Tropa de Elite**, procurando entender a mudança de posicionamento dos mesmos sujeitos, acerca do mesmo objeto, apenas em períodos diferentes.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Analisar as diferenças existentes nos discursos acerca do BOPE na época do incidente com o ônibus 174 e após o filme **Tropa de Elite**;
- ✓ Descrever as semânticas discursivas das posições envolvidas na polêmica;
- ✓ Analisar a influência das condições de produção na formação dos discursos midiáticos descritos e, conseqüentemente, no posicionamento de seu sujeito leitor.

3. Contextualização

Importante notar que, embora o cenário do filme e do referido crime do ônibus 174 sejam no Rio de Janeiro, a polêmica envolveu todo o País e discussões em torno da polícia em geral, e não só do BOPE.

Nesse sentido, o que se propõe aqui é a análise dessa polêmica entre ambos os posicionamentos, a partir do conceito de interincompreensão, formulado por Maingueneau (1984/2008), levando-se também em consideração o que Pêcheux chama de condições de produção do discurso (1969), além dos estudos de autores brasileiros que tratam das mesmas teorias, como Eni Orlandi e Sírio Possenti .

É importante reforçar, ainda, que a polêmica já citada é tomada como um acontecimento discursivo e por isso considerada relevante nesse quadro. A **hipótese** é que haja, sustentando os posicionamentos descritos, discursos de legitimação de modos de ser ou fazer política, o que validaria os modos de se

entender o agir da polícia no combate ao crime organizado. Após o sequestro nota-se interesse em pressionar uma revolução nas políticas de segurança e aumentar os investimentos do governo nessa área. Já após o filme, percebe-se a busca de refletir no BOPE a esperança de uma solução aos problemas com a criminalidade, também servindo como uma compensação a esses homens que em 2000 foram tratados como espelho da falha do sistema de segurança de toda a nação

É, pois, nesse sentido, que se propõe analisar os debates em torno do modo de atuação do BOPE como reflexo da polícia em âmbito nacional.

Divergência de opiniões acerca da polícia é algo que sempre foi comum no Brasil, mas as discussões envolvendo o BOPE são muito mais polêmicas, devido a algumas particularidades desse batalhão.

Segundo o discurso pró-BOPE, o batalhão possui um grupo com muita técnica, que lhe garante respeito das autoridades, da comunidade e até dos traficantes, conforme é possível observar no recorte a seguir:

(...) somos a melhor tropa de guerra urbana do mundo, a mais técnica, a mais bem preparada, a mais forte. Não sou eu quem está dizendo; os irlandeses vêm aqui aprender com a gente; os americanos também. (SOARES; BATISTA; PIMENTEL, 2006, p. 26)

Além da técnica citada, outro ponto que garante o respeito de todos, de acordo com os inscritos nessa formação discursiva⁷, é o fato de não haver corrupção nessa corporação. "Uma simples suspeita é o suficiente para que o policial seja afastado, mesmo que ela não fique totalmente comprovada. Não

⁷ Ver conceito no capítulo 1.

pode pairar nenhuma desconfiança sobre um homem do Bope" diz o coronel Mário Sérgio Duarte, ex-comandante da unidade. (VEJA, 2007^a, anexo 7, p. 121)

Em contrapartida, o BOPE é acusado de atos de tortura e de ser excessivamente truculento, até mesmo com os moradores das favelas:

(...) sua aparição significa o início de uma guerra. Não faltam relatos sobre supostos atos de violência do Bope contra a população civil. Do alto-falante que equipa o blindado, dizem os moradores, saem frases ameaçadoras. (VEJA, 2007, anexo 2, p. 109)

E a imprensa, após o desastroso desfecho do sequestro do ônibus em 2000, também desaprovava as atitudes e criticava a técnica dessa polícia:

Numa ação irresponsável, foi a PM fluminense, e não o seqüestrador, que sentenciou à morte uma das reféns, a professora Geisa Firmo Gonçalves, de 20 anos. Depois, numa atitude covarde, os policiais se vingaram do pivô da tragédia (...) (VEJA, 2000, anexo 14, p. 138)

É no confronto desses discursos, pró e anti BOPE, que se instaura a polêmica, de acordo com a hipótese aqui proposta.

A relevância do estudo de tal polêmica se dá, uma vez que ela representa a materialização de alguns discursos que circulam em nossa sociedade há um tempo e revelam questões de natureza mais ampla, os aspectos políticos e a legitimidade da polícia são alguns exemplos que se tornam mais evidentes quando se sabe que tanto José Padilha quanto Luis Eduardo Soares haviam, anteriormente, dirigido e escrito (respectivamente) obras em que as ações policiais eram ressaltadas, porém, sob a ótica do criminoso que, tradicionalmente no Brasil, tende a ser "romantizada". É o caso, por exemplo, do próprio filme: **Última Parada 174**, de Bruno Barreto, (baseado no mesmo crime aqui referido) em que se ressaltam a vida sofrida e a falta de oportunidades do sequestrador, lembrando que se trata de uma ficção.

Observe-se o que disse, em uma entrevista, Luiz Eduardo Soares:

Quando assinei o contrato com a editora Objetiva, no final de 2002, dois livros estavam previstos: aquele sobre os jovens que se envolvem com o tráfico e a violência, e outro sobre a polícia. Meu compromisso, segundo o plano original do trabalho, em 2002, era mergulhar no mundo "invisível" dos policiais, em seu dia-a-dia, trazendo à tona sua perspectiva, mostrando-os também como vítimas e algozes de seus irmãos de classe e cor, em nossa "guerra" fratricida.)⁸

Como se pode ver, o autor de **Elite da Tropa** já tinha um compromisso anterior de escrever uma história que mostrasse, diferentemente das obras anteriores (a obra citada, envolvendo tráfico e violência, trata-se de "Cabeça de Porco, produzida com MV Bil e Celso Athayde) o ponto de vista do policial, apresentando também o seu lado humano. Padilha, conforme afirma o próprio Luiz Eduardo na mesma entrevista e também se pode constatar no fragmento de uma entrevista com o diretor de *Tropa de Elite*, fazia o mesmo percurso:

"Tropa de Elite" era originalmente um projeto de documentário, derivado de "Ônibus 174", tendo o Bope como tema principal. O título se converteu num drama ficcional quando Padilha concluiu que o "filme que queria fazer não era exequível como documentário". (...) "os antigos membros do Bope têm muita preocupação em dividir com a sociedade a culpa das repugnâncias que viveram em sua vida profissional"⁹.

Padilha, em sua obra anterior, o documentário **Ônibus 174**, mostra a vida sofrida de Sandro Nascimento (não por acaso o mesmo sobrenome do capitão protagonista de **Tropa de Elite**) sobrevivente da chacina na Candelária, em 1993, em que viu vários amigos morrerem de maneira trágica, como uma vítima da sociedade e, posteriormente, do despreparo da polícia que, de acordo com os discursos da época, vingou-se de seu erro no rapaz. Agora a intenção do diretor de **Tropa de Elite** era fazer o "caminho inverso" mostrar o ser humano que veste aquela farda.

⁸ Disponível em <http://agenciarriff.com.br/entrevistas> Acessado em 28 jul. 2008, às 20h58.

⁹ Disponível em www.folha.uol.com.br/foha/ilustrada. Publicado em 29 de dez. de 2006. Acessado em 25 de mar. de 2010, às 19h22.

Rodrigo Pimentel, co-produtor do documentário **Ônibus 174** e de **Tropa de Elite**, e co-autor de **Elite da Tropa** também representa um exemplo do provável compromisso político nas referidas obras, gerando discursos também nesse campo. Em entrevista concedida à Folha em 2006, diz que seu principal papel como colaborador na época do documentário de Padilha era o de convencer seus colegas do BOPE a se pronunciarem, sua intenção era, de acordo com ele, de mostrar o lado dos policiais envolvidos no desastroso episódio, melhorando sua imagem, desfazendo a impressão de incompetência.

Ao assistir o documentário semipronto o então capitão foi tomado de uma grande frustração e disse a Padilha: "Tira o meu nome daí e pode dar ao filme o título 'Sandro, um Herói Brasileiro'. Esse cara vai acabar sendo considerado santo"¹⁰.

Sabe-se que Padilha, logo em seguida, já convidou Pimentel para trabalhar ao seu lado na elaboração de **Tropa de Elite**, agora sim, com o objetivo de mostrar o ponto de vista a partir do policial.

¹⁰ Disponível em www.folha.uol.com.br/folha/ilustrada. Publicado em 13 de fev. de 2006. Acessado em 10 de abr. de 2010, às 22h17.

4. Fundamentação teórica

Partindo da proposta de Maingueneau (1984/2008), para quem a polêmica deve ser entendida como interincompreensão¹¹, isto é, um processo de tradução dos enunciados do posicionamento contrário em semas negativos do seu próprio sistema de restrições, cada enunciador encontra-se “fechado” em uma determinada semântica discursiva, descrita a partir de alguns semas (eixos primitivos) que, articulados, permitem o surgimento de enunciados compatíveis com aquele posicionamento, em que o sujeito tem a ilusão de ser a fonte de seu discurso. Sendo assim, o discurso pró-BOPE não se acha fascista, sema valorizado no discurso anti-BOPE.

De acordo com Maingueneau (1984/2008, p. 21):

(...) a relação polêmica, no sentido mais amplo longe de ser o reencontro acidental de dois discursos que se teriam instituído independentemente em do outro, é de fato a manifestação de uma incompatibilidade radial, a mesma que permitiu a constituição do discurso. O conflito não vem acrescentar-se, do exterior, a um discurso por direito auto-suficiente; ele está inscrito em suas próprias condições de possibilidade.

Não se tem aqui a pretensão de convencer toda a população de que o BOPE é o “salvador da pátria” ou um “bandido” vestido de farda, até porque é sabido que não condiz com os pressupostos da Análise do Discurso querer convencer, mas apresentar leituras possíveis acerca dos discursos analisados, a partir das condições de sua produção e da posição pela qual foram enunciados e, sobretudo, da imagem formada nacionalmente do batalhão, por meio desses discursos.

Será realizada a análise da polêmica, evidenciando a semântica discursiva das posições nela envolvida e, para tanto, serão utilizados os

¹¹ Conceito explanado mais detalhadamente no capítulo 1

pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, de fundação pecheuxtiana, em especial nos conceitos de interdiscurso e interincompreensão, cunhados por Maingueneau no interior da proposta de uma semântica global (1984/2008), descrevendo a semântica das posições envolvidas na polêmica, levando em conta os discursos acerca do BOPE sendo o recorte realizado em dois momentos: logo após o incidente com o ônibus 174 e a partir do filme “Tropa de Elite”, considerando condições de produção destes, de acordo com os preceitos elaborados por Pêcheux.

Os conceitos citados merecem destaque pela elevada importância no trabalho aqui realizado, portanto serão tratados no primeiro capítulo, explicitando a fundamentação da análise proposta, embasada na AD francesa.

5. Procedimentos metodológicos e organização do trabalho.

O *corpus* é constituído por matérias veiculadas em duas revistas de grande circulação nacional, **Veja** e **Época**. Trata-se de três edições de **Veja** relacionadas ao batalhão: uma logo após o sequestro do ônibus, em 21 de junho de 2000 (anexos 12 a 14, p. 136-142); e outras duas no período após o filme, 06 de junho de 2007 (anexos 1 e 2, p. 102-104/108) e 17 de outubro de 2007 (anexos 3 a 8, p. 109-124) – sendo essa última uma edição com um “especial” a respeito do Batalhão de Operações Especiais e do filme **Tropa de Elite**. Da revista **Época**, encontra-se uma edição trazendo matérias relacionadas ao BOPE dentro do recorte temporal estabelecido logo após **Tropa de Elite**, de 24 de setembro de

2007 (anexos 9 e 10, p. 125-134) e outra de 19 de junho de 2000 após o crime do ônibus (anexos 15 e 16, p. 143-148).

A dissertação está dividida em três capítulos.

O primeiro apresenta uma explanação teórica acerca dos preceitos que norteiam a análise. Inicialmente, são apresentados os conceitos de **discurso, de ideologia e de formação discursiva**, conceitos básicos para entendimento de estudos realizados em AD. Passa-se, em seguida, para a conceituação de **Interdiscurso e o Primado do interdiscurso e de Outro e Mesmo**, segundo a proposta de Dominique Maingueneau, que se vincula diretamente com o próximo tópico referente ao conceito de **polêmica e interincompreensão** do mesmo autor, dentro da sua proposta de **Semântica Global**. A seguir, explora-se o conceito de **condição de produção**, elaborado a partir de Pêcheux em 1969, essencial neste trabalho, em que os discursos que formam seu *corpus* são modificados bruscamente com a mudança de tempo e de condição de sua produção. Finalizando o capítulo, fazem-se pequenos vínculos, a serem amadurecidos no decorrer dos seguintes, dos conceitos explanados e o estudo realizado.

O segundo capítulo se dedica à apresentação das condições de produção. É subdividido em quatro tópicos sendo: **Rio de Janeiro → Brasil; BOPE – Tropa de Elite: o Filme; Elite da Tropa: o livro; O sequestro do ônibus 174**. O objetivo é situar o leitor no contexto em que os discursos se deram, para que, posteriormente, no decorrer da análise dos enunciados, possa amadurecer as condições ideológicas, inclusive dos suportes os quais os

discursos veicularam, para uma efetiva compreensão, vinculando a ideologia às condições imaginárias.

O terceiro capítulo dedica-se a análise do *corpus* e divide-se, de forma geral, em três partes, a análise dos discursos veiculados nas revistas após o filme **Tropa de Elite**, a análise dos discursos após o sequestro do ônibus da linha Gávea/Central do Brasil, e por último, é feita a correspondência do que foi analisado nos discursos dos dois períodos.

Inicialmente, no item chamado **O salvador da pátria** analisam-se os discursos relacionados ao BOPE, imediatamente após a divulgação do filme **Tropa de Elite**, sendo o *corpus* formado pelas duas edições de **Veja** de 06 de junho de 2007 (anexos 1 e 2, p. 98-104), quando o filme vinha sendo apresentado à sociedade por meio da pirataria; outra edição da mesma revista datada de 17 de outubro de 2007 (anexos 3 a 8, p. 105-120), após a estreia oficial do filme, trazendo uma matéria especial acerca do BOPE e do filme de Padilha; e ainda de uma edição de **Época**, veiculada em 24 de setembro de 2007 (anexos 9 e 10, p. 121-130), também antes da divulgação oficial, considerando-se que a maioria dos brasileiros já havia visto o filme por meio da pirataria - e este já era um sucesso nacional.

Cada revista corresponde a um item, sendo que **Veja: agora o bicho vai pegar...** é o título de abertura, em que são apresentadas as condições de produção desta, posteriormente ainda divide-se em dois subitens, cada um correspondendo a uma edição: **Diários de Guerra** e **Pegou Geral**, que vem, ainda com subdivisões, cada uma referente a uma matéria da edição especial de **Veja**. O segundo item do capítulo diz respeito às condições de produção de

Época: **Época: também vai pegar você...** que possui apenas o subitem: **Polícia, Drogas, Ação.**

Posteriormente, segue a análise do período após o sequestro do ônibus 174 - **Desequilíbrio Total** compõe-se de uma edição de **Veja**, e uma de **Época**, circuladas logo após o sequestro. O item dedicado à análise de **Veja** é intitulado **A gota d'água** e o que analisa o discurso da revista **Época** é **Passageiros do horror.**

Paparapaparapapara clack bum, este é o título do item que encerra estudo do capítulo com o confronto dos discursos dos dois períodos, nos mesmos suportes, levando em consideração os semas positivos e negativos a cerca do BOPE, presentes no capítulo.

Assim, pretende-se com esse estudo contribuir com a compreensão da polêmica como acontecimento discursivo e seu funcionamento na sociedade, bem como com a sua possível relação com a teoria da interdiscursividade dentro de uma semântica global, levando o leitor a uma reflexão crítica em relação às imagens apresentadas pelos textos/discursos com os quais deparam no cotidiano.

Capítulo 1

REFLEXÕES TEÓRICAS

Este trabalho tem como base fundamental a análise do discurso de linha francesa que se iniciou no final da década de 1960, tendo como marco, para grande parte dos estudiosos, a obra **Análise Automática do Discurso** de Michel Pêcheux (1969). A teoria utilizada sustenta-se em um tripé:

a) **Linguística** – Saussure → Pêcheux

b) **Materialismo** – Marx → Althusser

c) **Psicanálise** – Freud → Lacan

Para o desenvolvimento da teoria, considera-se que a linguística de Saussure desdobra-se em Pêcheux; o materialismo de Marx, em Althusser e a Psicanálise de Freud, em Lacan.

Pêcheux, na verdade, rompe com Saussure em seu sistema binário: *langue e parole*, em que o estruturalista, debruçando-se apenas nos estudos da língua, dava conta de resolver tais questões, a que na época se propunha sem, contudo, ser suficiente para constituir a Semântica, que escapa às abordagens de uma Linguística da Língua. Seu releitor, então, concebe os sentidos como históricos e ideológicos, sendo, nessa concepção, incabível desvincular o entendimento do discurso da história, da ideologia e de suas condições de produção.

A trajetória é dividida, até os dias atuais, em três períodos:

A AD-1, ou AAD (análise automática do discurso), é o período inicial (1969) que foca-se na noção chamada de “máquina discursiva”, em que os discursos são mais “estabilizados”, ou seja, com pouca abertura à variação de sentidos, menos polêmicos. Nessa fase Pêcheux buscava mecanismos fundamentados em princípios matemáticos para obtenção da interpretação “perfeita” do discurso.

Em 1975, em parceria com Catherine Fuchs, o fundador da teoria lança: “A propósito de uma análise automática do discurso: Atualização e perspectivas” e inaugura a segunda fase, AD-2, propondo uma reformulação da teoria, agora admitindo a impossibilidade, embora, segundo Coracini (2007), ainda demonstre esperança de condições futuras, de controle absoluto dos sentidos de um discurso, admite, então, a incompletude e o equívoco como próprios do sujeito, aceitando mais os conceitos psicanalíticos em suas abordagens. Além da noção de ideologia como materialização do histórico articulado com esse sujeito psicanalítico, principalmente, traz para teoria o conceito inaugurado por Foucault de formação discursiva (FD)¹², considerando a ideologia, que Foucault desprezava.

A destruição total do sonho da “máquina discursiva” se dá na chamada AD-3, quando, em 1978, Michel Pêcheux admite o interdiscurso como estrutura constituinte da identidade de uma Formação Discursiva e novo objeto de análise da AD e afirma que todo sujeito é interpelado pela ideologia, tendo que abandonar, agora, a metodologia de análise inicialmente proposta em 1969 e continuada ainda em 1975, torna-se impossível a visibilidade de discursos

¹² A respeito de FD falaremos mais detalhadamente ainda neste capítulo.

independentes e fechados, ou de FDs independentes que se correlacionam, conforme se pensava em 1969 e 1975.

Daí em diante a Análise do Discurso ganhou vários adeptos que foram trilhando e dando mais passos para o avanço desses estudos.

Destaca-se neste trabalho, devido sua utilidade no estudo aqui proposto, o avanço de Dominique Maingueneau com a publicação de **Gênese do Discurso** (1984), empregando pela primeira vez o conceito de primado do interdiscurso e desenvolvendo o que intitula **Semântica Global**¹³.

Pautando-se nessa teoria brevemente descrita até aqui, desenvolve-se o estudo proposto e para melhor entendimento da análise que se segue, explana-se, neste capítulo, conceitos essenciais à análise desenvolvida.

1.1. Discurso, Ideologia e Formação Discursiva

Primeiramente é necessário esclarecer que, dentro dos preceitos da Análise do Discurso, a língua não é clara nem objetiva e não é algo rígido e estático, ela é o instrumento no qual e pelo qual o sentido é produzido no discurso, em que o sujeito dá voz à ideologia na qual está inserida sua formação discursiva. A língua é a materialização da ideologia através do discurso. Para Pêcheux:

(...) a oposição concreto/abstrato não poderia se superpor à oposição discurso/língua: *a discursividade não é a fala* (parole), isto é, uma maneira individual “concreta” de habitar “abstração” da língua; não se trata de um uso, de uma utilização ou da realização de uma função. Muito pelo contrário, a expressão *processo discursivo* visa explicitamente

¹³ Falaremos sobre Semântica Global ainda neste capítulo.

a recolocar em seu lugar (idealista) a noção de fala (parole) juntamente com o antropologismo psicologista que ela vincula (...) (PÊCHEUX, 1975/2009, p. 82)

Eni Orlandi (1999/2002) expõe o esquema elementar das comunicações, a respeito da mensagem, em que a disposição dos elementos da comunicação é linear “alguém fala, referente alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a”. Para ela, em AD, não há nem a linearidade, nem essa ordem, tampouco a separação entre emissor e receptor, já que ambos realizam, ao mesmo tempo, o processo de significação: “é produção de sentido e não meramente transmissão de informação”, destacando, principalmente que, ao invés de mensagem, a Análise do Discurso se propõe aí pensar como discurso, que define como efeito de sentido entre locutores.

Orlandi, na mesma obra, ainda defende, inclusive recorrendo a Foucault (1969) e Maingueneau (1984), que o discurso é uma dispersão de textos e que os textos são dispersões do sujeito, em que o modo de inscrição histórico permite definir como um espaço de regularidades enunciativo-discursivas.

A materialização desses textos/discursos se dá por intermédio da língua que se presta à materialização da ideologia. Para a AD, de acordo com os princípios de Pêcheux (1975), todo discurso é ideológico. Vejamos o que diz Orlandi:

(...) na Análise do Discurso, consideramos que a ideologia se materializa na linguagem. Ela faz parte do funcionamento da linguagem. É assim que a Análise do Discurso permite compreender a ideologia – e seu funcionamento imaginário e materialmente articulado ao inconsciente – pelo fato mesmo de pensá-la fazendo intervir a noção de discurso. (...) a ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa. A conjunção língua/história também só pode se dar pelo funcionamento da ideologia. E é isto que podemos observar quando temos o objeto discurso como lugar específico em que se pode apreender o modo como a língua se materializa na ideologia e como esta se manifesta em seus efeitos na própria língua. (ORLANDI, 1999/2002, p. 96)

Então, o sentido não se faz isoladamente, ele se constrói dentro do discurso em uso, de acordo com a posição ideológica em que se encontra o sujeito. Esse sujeito discursivo não é um sujeito autônomo, origem do seu discurso, ele é clivado pelo consciente e o inconsciente. As “falas” são, na verdade, frutos de discursos adquiridos ao longo da sua vivência, é o interdiscurso que compõe a sua formação discursiva e o sujeito, sem que tenha plena consciência, transmite a ideologia aderida por meio dos discursos que produz.

Para Pêcheux & Fuchs (1975/1997), formação discursiva é o que, em uma dada formação ideológica, pode e deve ser dito. Vejamos, primeiramente, então, qual a definição dos autores para formação ideológica:

(...) um elemento suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um dado momento, desse modo cada formação ideológica constitui um exemplo complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas se reportam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflito e as une pelo discurso a outras. (PÊCHEUX & FUCHS, 1975/1997, p.166)

Nesse sentido, formação ideológica é o conjunto de representações historicamente geradas por uma formação social, que se constitui por diferentes formações discursivas.

O conceito de formação discursiva foi inaugurado por Foucault em 1969, quando definiu o termo em sua obra **Arqueologia do Saber**:

No caso em que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, puder definir-se uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 1969/2009, p. 43).

Essa definição poderia parecer um tanto paradoxal, pois, como se pode definir o discurso como uma dispersão e ao mesmo tempo como regularidade?

O que Foucault quer dizer, contudo, segundo Granjeiro¹⁴, é que, para ele, os discursos são uma dispersão, já que não possuem vínculo algum de unidade da posição-sujeito, *a priori*; porém, cabe ao analista do discurso, ao descrever essa dispersão, encontrar suas regularidades quanto ao objeto, tipos de enunciados, conceitos e estratégias, passando então, da dispersão à regularidade.

Para Gregolin (2004, p.90), FD, conforme descrito por Foucault, é um grupo de enunciados “um conjunto de performances verbais que estão ligados no nível do enunciado”.

Pêcheux “toma emprestado” o conceito de FD de Foucault, todavia, com algumas reformulações, considerando que o pioneiro não concebe as formações discursivas em termos de ideologia, mas em termos de saberes/poderes. Diferente do que era aceito pelos marxistas althusserianos, como Pêcheux, que em 1975, lançando sua definição ao conceito de formação ideológica, reformula as teses de Althusser para reforçar o esclarecimento da interpelação do sujeito pela ideologia:

(...) insistiremos no fato de que, no espaço de reformulação-paráfrase de uma formação discursiva – espaço no qual, como dissemos, se constitui o sentido – efetua-se o acobertamento do impensado (exterior) que o determina; insistiremos igualmente no fato de que este acobertamento se efetua, na realidade, na esfera reflexiva da consciência e da interdiscursividade, isto é, na esfera sem margens nem limites da forma-sujeito que, como a ideologia (e porque ela é seu ponto central), “não possui um exterior, segundo a expressão de L. Althusser¹⁵ (PÊCHEUX, 1975/2009, p. 165-166).

Pode-se notar que, embora algumas diferenciações, em especial quanto à consideração da ideologia, os dois estudiosos supracitados não

¹⁴ Cláudia Rejanne Pinheiro Granjeiro em artigo publicado in: www.discurso.ufrgs.br. Acessado em 25 abr. 2010, às 23h32.

¹⁵ L Althusser, *Aparelhos Ideológicos de Estado* (1985/1970), p. 98.

divergem quanto ao fato de que a formação discursiva compõe-se por discursos que representam um mesmo grupo social a respeito de um mesmo tema.

Com base nos conceitos até então desenvolvidos por Foucault e Pêcheux, surge Maingueneau (1984) procurando desenvolver um estudo do discurso ligando história e linguística, no mesmo patamar, criticando os que valorizam excessivamente qualquer um dos dois campos em detrimento do outro. Maingueneau (1997/1987) ainda acrescenta que a FD é definida a partir das relações com o Outro, não podendo ser compreendida como um bloco compacto e fechado, em que os discursos são dissociados.

1.2. Interdiscurso e o Primado do interdiscurso: o Outro e o Mesmo

Fazendo uma ponte com o que já foi dito neste capítulo, lembra-se que, em Pêcheux, o interdiscurso é a estrutura constituinte da identidade de uma Formação Discursiva e a formação discursiva, a partir de Maingueneau, é definida por meio das relações com o Outro.

Essa ideia provém do conceito de dialogismo desenvolvido por Bakhtin, em que textos “dialogam” entre si, um texto que se remete a outro, seja por referência, citação, paráfrase, epígrafe, alusão, etc. (FIORIN, 2006).

Porém, a AD não se atém apenas ao conceito de texto e intertexto, expande-se para discurso e interdiscurso, em que um discurso “dialoga” com o Outro, mais que isso, constitui-se a partir do seu Outro.

No **Dicionário de Análise do Discurso** lê-se que o interdiscurso está para o discurso, assim como o intertexto está para o texto, acrescentando-se

também que todo discurso é atravessado pela interdiscursividade e tem a propriedade de estar em relação multiforme com outros discursos. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004/2008, p. 286).

Maingueneau (2008/1984) subdivide o interdiscurso em universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo, o que, para Sírio Possenti, (LETRAS, 2003, p. 263) é “uma noção de interdiscurso menos pomposa, porém mais operacional e mais produtiva”.

O autor define **universo discursivo** como um “espaço maior” que, embora finito, não pode ser apreendido, compreende um conjunto de FDs de todos os tipos interagindo numa mesma conjuntura, mas que, por não poder ser apreendido, é de pouca utilidade para o analista.

Como **campo discursivo**, Maingueneau entende FDs com uma mesma função social que concorrem e delimitam-se numa determinada região do universo discursivo. Por exemplo, o campo discursivo político é composto por discursos políticos, muitas vezes divergentes entre si.

Espaço discursivo é o “espaço de trabalho” do analista, são discursos apreendidos por ele, sendo subconjuntos de FDs, conforme define Possenti (in MUSSALIM & BENTES, 2004/2007, p. 384)¹⁶, que resultam em hipóteses fundadas por estudos dos textos, que podem ser confirmadas ou não no decorrer da pesquisa.

¹⁶ Artigo escrito por Sírio Possenti para a referida obra de Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes, que traz no item 10. DO INTERDISCURSO um apanhado das idéias publicadas anteriormente no artigo “Observações sobre interdiscurso”, para a Revista Letras, Curitiba, n. 61, especial, p. 253-269, 2003. Editora UFPR.

Possenti, no mesmo texto citado¹⁷, explica a presença do Outro no Mesmo e segundo suas palavras, o “Outro não pode ser visto como uma espécie de ‘envelope’ do discurso, nem cada discurso como envelope de citações”, não necessitando, inclusive, o Outro ser localizado no discurso. Ele é encontrado um na raiz do outro, sendo constituições recíprocas e tornando-se dissociáveis¹⁸, voltando à idéia que citamos no início desse item quando lembramos a teoria do dialogismo de Bakhtin.

No discorrer do mesmo verbete, interdiscurso, Maingueneau ainda desenvolve o conceito de **primado do interdiscurso**, conceito este inaugurado por ele ainda em 1984, na obra **Gênese dos discursos**, em que afirma que, na AD, em especial em Pêcheux, toda formação discursiva é dominada pelo interdiscurso e é isso que garante o “assujeitamento” ideológico do sujeito ao discurso, afirmando, então, não ser possível o contraste de formações discursivas independentemente umas das outras (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004/2008, p. 287) – só através do Outro se constrói o Mesmo.

1.3. A Semântica Global: Discurso polêmico e interincompreensão

Tendo como base os fundamentos já apontados, pode-se afirmar que todo discurso é polêmico, uma vez que sempre é uma “resposta” ao Outro com quem “dialoga”.

¹⁷ *Teoria do Discurso: Um caso de múltiplas rupturas* – texto escrito para publicação na obra *Introdução a Lingüística: Fundamentos epistemológicos*. V3 (2004/2007) de Mussalin & Bentes.

¹⁸ Ainda tratando do texto de Possenti in MUSSALIM & BENTES, 2004/2007, p. 384. 3v.

A polêmica discursiva, no entanto, extrapola os limiões do constitutivo, passando a revelar a polêmica em uma **heterogeneidade mostrada** (Authier-Revuz, 2004), isto é, evidenciada no discurso através de simulacros, e é a essa polêmica, como acontecimento discursivo, ou seja, considerando os discursos inseridos em suas irrupções históricas, que será aqui referenciado.

Ao tratar da semântica global, que se origina na ideia de **arquivo** de Foucault – “a lei do que pode ser dito” (1969/2009) - Maingueneau (1984/2008), deixa claro que não há um vocabulário específico desse ou daquele discurso, porém existe uma “preferência”. Vejamos:

Mas seria errado pensar que, em um discurso, as palavras não são empregadas a não ser em razão de suas virtualidades de sentido em língua. Porque, além de seu estrito valor semântico, as unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos *a priori* equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo discursivo. (...) É que a restrição do universo lexical é inseparável da constituição de convivência. (MAINGUENEAU, 1984/2008, p. 81.)

Para ilustrar o que diz Maingueneau, pode-se apossar de um exemplo já bastante utilizado, os termos **ocupar** e **invadir** nos discursos dos sem-terra e dos fazendeiros, em que *ocupar* pertence ao vocabulário dos sem-terra, pois pode-se notar constantemente a sua utilização em seu discurso. Para essa FD não cabe a palavra invasão, uma vez que para eles não estão propriamente invadindo e sim, ocupando um espaço mal/não utilizado. Assim como no discurso do proprietário, o termo **ocupação** não é aceito e sim **invasão**, em um argumento inverso ao utilizado pelos sem-terra, para ele, estão literalmente **invadindo** um espaço que é de sua propriedade. É a formação discursiva à qual o sujeito pertence que faz com que ele escolha esse ou aquele vocábulo.

Tudo o que foi dito neste subitem, até agora, resume-se em **Semântica Global**:

Cada formação discursiva tem uma maneira que lhe é própria de constituir seus parágrafos, seus capítulos, de argumentar, de passar de um tema a outro...Todas essas junturas de unidades pequenas ou grandes não poderiam escapar à carga da semântica global (...) As restrições da semântica global não se destinam somente a analisar "idéias". Elas especificam o funcionamento discursivo que, em graus diversos, investiu as vivências dos sujeitos. (MAINGUENEAU, 1984/2008, p. 96)

É pelo sistema de restrições de cada discurso que se encontra em um mesmo espaço discursivo que se desenha a polêmica. São interações semânticas de FDs que se recusam a compreender o Outro, formando o que Maingueneau chama de **interincompreensão**. Então, inicia-se uma incompatibilidade dos dois discursos em que um tenta "expulsar" o simulacro que faz do outro e, na busca de preservar-se, desqualifica-o:

Mas polemizar é, sobretudo, apanhar publicamente em erro, colocar o adversário em situação de infração em relação a uma lei que se impõe como incontestável (...) Trata-se nesse caso, de desqualificar o adversário mostrando que ele viola as regras do jogo (mentindo, produzindo citações inexatas, informações errôneas, sendo incompetente, pouco inteligente etc...) Por esse caminho tenta-se tirar do enunciador seu direito à palavra, independentemente de todo conteúdo. (MAINGUENEAU, 1984/2008, p. 110)

É imprescindível, entretanto, lembrar que, embora os co-enunciadores estejam constantemente em busca de se firmar e desqualificar o discurso do Outro, de acordo com os preceitos de Pêcheux, "Os discursos podem muito bem convencer apenas aqueles que já estão convencidos" (MAINGUENEAU, 1984/2008, p.113), ou seja, quem está fortemente inscrito em determinada FD, não vai mudar de opinião simplesmente sendo convencido pelo discurso do Outro. Se ele for convencido, significa que algo abalou tudo o que sustentava a sua crença, o que permitiu a abertura do sujeito a inscrever-se em outra FD, através de absorção de outras crenças.

1.4. As condições de produção na Análise do Discurso

Ao realizar uma análise dentro dos preceitos da AD, desenvolvidos por Michel Pêcheux, obrigatoriamente o analista não poderá desprezar as condições de produção do seu discurso/objeto. Não há como desenvolver estudo, nessa área, sem antes levantar perguntas da representação imaginária.

Para Eni Orlandi, pode-se dividir as condições de produção em sentido estrito - contexto imediato - e em sentido amplo - contexto sócio-histórico, ideológico. Outro fator que não há como ser desvinculado da condição de produção é a memória, que vem como interdiscurso. Segundo Orlandi:

(...) é o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma de pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. (1999/2002, p.31)

Pêcheux (1969/1997) elabora algumas questões que chama de jogo de imagens, a que o analista deve estar atento, quanto às condições imaginárias em que o discurso é elaborado: Quem sou eu para lhe falar assim? ; Quem é ele para que eu lhe fale assim? ; Quem sou eu para que ele me fale assim? ; Quem é ele para que me fale assim? ; De que lhe falo assim? ; De que ele me fala assim?

Tais perguntas correspondem à respostas que subentendem a formação imaginária dos sujeitos em relação a si mesmos, ao outro e à imagem que ambos fazem do objeto, tentando, com isso, realizar uma antecipação ao preparo de seu discurso.

No discurso escolar, por exemplo, a fala do aluno possui um “valor” diferente da fala do professor, que também se difere da do diretor. É a relação de

força que constitui a imagem que o sujeito faz do outro e vice-versa, de acordo com suas posições sociais e/ou históricas.

Esse jogo de imagens preestabelece, à medida que se constitui o próprio discurso, aquilo que pode e deve ser dito e aquilo que não pode e não deve ser dito, não sendo o sujeito, então, totalmente livre em suas escolhas. Inconscientemente ele é submetido ao que determina a formação ideológica em que se inscreve, de acordo com a posição em que nela se encontra.

1.5. Em nosso caso...

Até o momento foram apresentados conceitos primordiais para o entendimento do estudo que se segue. Esses conceitos, de agora em diante, serão aplicados no *corpus* descrito no momento da introdução.

Os discursos a serem analisados constituem uma polêmica discursiva, porém de uma maneira diferenciada dos comumente estudados, já que as controvérsias se desdobram nos mesmos sujeitos, referentes ao mesmo objeto - apenas em períodos diferentes -, sendo, portanto, de suma importância uma explanação esmiuçada das condições em que foram produzidos.

As condições de produção, no caso, são consideradas nos momentos dos dois recortes: logo após o filme **Tropa de Elite** e após o sequestro do ônibus 174. Serão explorados detalhes do contexto sócio/histórico e ideológico, assim como os dos suportes em que as notícias foram veiculadas.

Serão realizados estudos dos campos semânticos, levantando os semas negativos e positivos dos discursos de cada recorte, inclusive apontando as mudanças referentes ao mesmo objeto em épocas diferentes, bem como o estudo de como se estruturam esses discursos “pró” e “contra” BOPE.

Procurar-se-á entender as FDs presentes nos discursos que compõem o *corpus*, buscando-se elucidar as mudanças de tais FDs, relativas ao mesmo objeto, em épocas diferentes, orientados pela suposição de haver nesses discursos produzidos, a revelação de questões de natureza política.

Capítulo 2

APRESENTANDO AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Como foi dito na introdução e ressaltado no primeiro capítulo, as condições de produção são de suma importância para o analista do discurso e, em especial, neste trabalho, já que se busca entender a mudança de FD dos sujeitos no decorrer dos anos.

Entenda-se que, embora a mudança cronológica tenha ocorrido de 2000 a 2007, não será seguida essa linha cronológica na análise, pois a polêmica veio à tona em 2007, quando foi realmente chamada à atenção do cidadão brasileiro em geral quanto às questões relacionadas ao BOPE, até então, muito se falava em problemas voltados à polícia e a segurança pública, mas o batalhão, em especial, não era de pleno conhecimento da população que não fosse carioca.

Mas, primeiramente, vejamos as condições de produção em que a polêmica acontece.

2.1. Rio de Janeiro Brasil

O Rio de Janeiro é a cidade, capital do estado com o mesmo nome, local onde foi criado e atua o Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar – BOPE. É ainda o cenário do filme **Tropa de Elite** e, também, do acontecimento verídico, que, posteriormente, gerou um documentário, além de um filme de ficção

que tomou o acontecimento por base, o sequestro do ônibus 174. Ambos têm como “personagem” principal o batalhão a que se referem os discursos a serem analisados.

É, sem dúvida, a cidade brasileira de maior evidência no cenário internacional, a que é sempre lembrada quando se fala em Brasil no exterior, e também no cenário nacional, pois além de suas belezas naturais, também possui sua importância histórica - foi uma das primeiras capitais do país e sede da corte portuguesa no Brasil Colônia. É também um pólo cultural e, importante destacar, sedia a principal emissora de televisão brasileira.

Com todos esses tópicos bem brevemente apontados, é natural que por mais distante que possa estar o cidadão, não é difícil situar-se, ainda que não na mesma visão do carioca, dos fatos que acontecem na chamada Cidade Maravilhosa.

Mas com toda essa importância, os aspectos negativos do Rio de Janeiro, infelizmente, também são evidenciados pela imprensa nacional e internacional e um dos mais destacados, é a questão da violência, e da “guerra” entre traficantes e policiais nos morros cariocas. Como exemplo, segue o recorte de **O Globo**, jornal diário, situado no Rio de Janeiro, com uma das maiores tiragens do país, reproduzido *on line*:

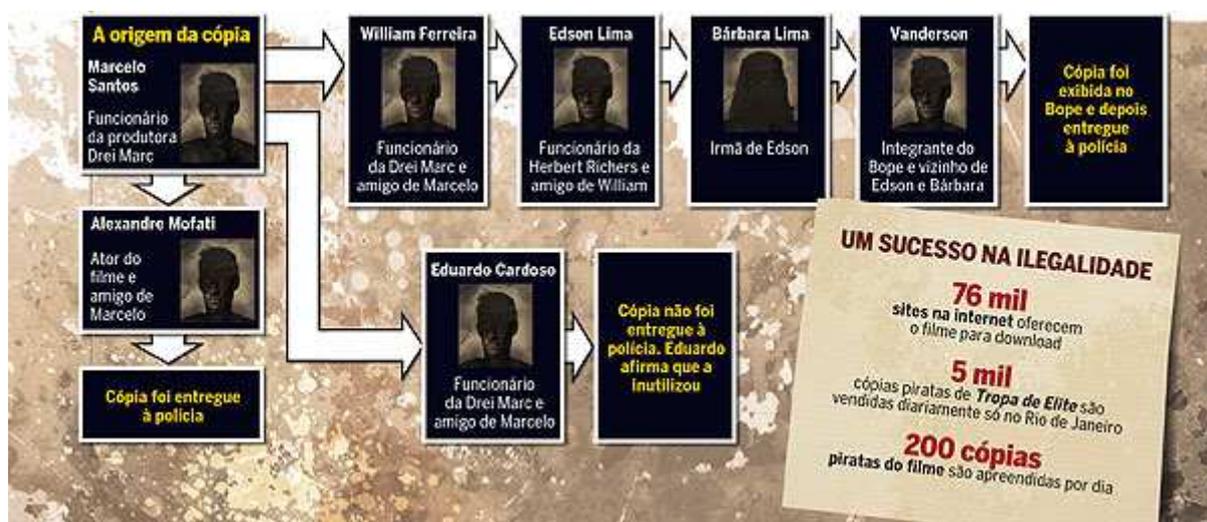
A violência no Rio continua a ser notícia na imprensa internacional. O site do jornal francês “Le Monde” destacou nesta quinta-feira: “Guerra do tráfico no Rio já fez pelo menos 33 mortos” (...) A rede britânica BBC também noticiou os desdobramentos dos conflitos do último fim de semana: “Violência continua em várias favelas do Rio, onde pelo menos 32 pessoas já foram mortas desde sábado, dizem as autoridades brasileiras” (...) O jornal “Los Angeles Times” Também noticiou o aumento do número de mortos em consequência da guerra iniciada sábado passado: “Número de mortos sobe na violência do Rio”. Segundo a reportagem, “a polícia anunciou mais de 7 mortes e 17 prisões na cidade que acabou de ser escolhida para sediar os Jogos de 2016” (...) No site do jornal espanhol *El País*, o repórter Francho Baron conta sua ida ao Morro dos Macacos alguns dias depois da tentativa de invasão por traficantes do São João, quando um helicóptero da polícia foi

derrubado. Ele conta que foi rendido por traficantes fortemente armados, teve medo de morrer e se salvou por pouco. Francho chegou a implorar para que o libertassem, depois de mostrar que não tinha nenhum material que comprometia os bandidos.¹⁹

Tais notícias divulgadas no cenário internacional acabam por refletir na imagem do Brasil como um todo e por isso se torna preocupante para qualquer cidadão brasileiro, além de, obviamente, a violência, a segurança e a liberdade individual e pública serem de importância e interesse de toda a humanidade.

2.2. BOPE – Tropa de Elite: o Filme

Tropa de Elite é o filme produzido e dirigido por José Padilha, lançado oficialmente no circuito comercial em 12 de outubro de 2007. Calcula-se, contudo, que mais de onze milhões de pessoas já o haviam assistido antes dessa data, através de reproduções piratas feitas em DVD e baixadas pela internet. Veja a figura abaixo:



(ÉPOCA, 2007, anexo 10, p. 133)

¹⁹ Disponível em www.oglobo.globo.com/rio. Publicado em 22 de out. de 2009. Acessado em 18 de mai. De 2010, às 23h01.

Como se pode observar, contravenções à parte, o filme já era um sucesso, mesmo antes de seu lançamento, sendo considerado o mais badalado da história do cinema nacional, até então.

Anteriormente, José Padilha também produziu com bastante sucesso (mas nada que se compare com o fenômeno **Tropa de Elite**) outra obra envolvendo a elite da PM carioca, o documentário **Ônibus 174** (2002), a respeito do sequestro do ônibus que fazia a linha 174 no Rio de Janeiro (que será melhor explorado em outro tópico deste mesmo capítulo desta dissertação), ocasião em que a imagem dos policiais do BOPE ficou bastante manchada por erros cometidos pelos homens de preto.

Embora o trabalho enfocasse a vida sofrida do sequestrador, por meio dele Padilha acabou aproximando-se também daqueles policiais, em especial, Rodrigo Pimentel, co-produtor tanto de **Ônibus 174** quanto de **Tropa de Elite**, o que lhe fez despertar interesse em fazer algo que focasse o ponto de vista do profissional da polícia, que mostrasse, inclusive, o seu lado humano, com fraquezas e virtudes.

"Tropa de Elite" era originalmente um projeto de documentário, derivado de "Ônibus 174", tendo o Bope como tema principal. O título se converteu num drama ficcional quando Padilha concluiu que o "filme que queria fazer não era exeqüível como documentário". (...) "os antigos membros do Bope têm muita preocupação em dividir com a sociedade a culpa das repugnâncias que viveram em sua vida profissional"²⁰.

Como se vê, o projeto inicial era de outro documentário, porém o cineasta deparou com o empecilho de que os homens que vestiam a farda do BOPE temiam expor-se nas telas, com medo da represália, como o acontecido

²⁰ Disponível em www.folha.uol.com.br/folha/ilustrada. Publicado em 29 de dez. de 2006 Acessado em 25 de mar. de 2010, às 19h22.

com o próprio Rodrigo Pimentel, que ingressou na polícia aos dezoito anos e após doze anos de profissão, sendo seis como capitão do BOPE, encerrou sua carreira: “Após várias prisões disciplinares, todas motivadas por artigos publicados em jornais, percebi a hora de sair da polícia no meio de 2000”²¹

A projeção que o capitão obteve com o filme o levou a assinar uma coluna sobre a polícia no "Jornal do Brasil". Dentro do batalhão, porém, o conceito de Pimentel caiu. "Passei de um oficial muito bom a ruim em seis meses", diz. Depois da estréia do documentário, em 1999, Pimentel diz que enfrentou rotina de punições ("Tomei 80 dias de cadeia") e transferências para o interior do Estado, a contragosto.²²

A entrevista refere-se ao documentário *Notícias de uma guerra particular* de João Moreira Sales e Katia Lund.

Conforme observa-se, a inviabilidade transformou o projeto de documentário em filme de ficção. Porém uma ficção em que diretor e co-roteirista, Padilha e Pimentel, afirmam em várias entrevistas que se baseia nas experiências de Pimentel e outros colegas em suas rotinas como policiais do BOPE. Veja o que disse o ex-capitão ao sétimo maior tablóide do país, o gaúcho Zero Hora (2007):

O roteiro trata de dramas comuns a todos os oficiais e praças do Bope: estresse, pressão da família, dedicação exclusiva. Lógico que depusitei muito da minha experiência de seis anos de Bope no personagem Nascimento. Mas acredito que ele seja uma composição de cinco oficiais que conviveram comigo na unidade.

Pimentel e Padilha iniciaram logo em seguida ao documentário de 2002 o roteiro de **Tropa de Elite**, todavia, paralelamente, o ex-BOPE desenvolvia também outro projeto: o livro **Elite da Tropa** (tratado especificamente no tópico seguinte), escrito em co-autoria com Luiz Eduardo Soares e André Batista, este último também ex-integrante do Batalhão.

²¹ Disponível em zerohora.clicrbs.com.br/zerohora. Publicado em 27 de set, de 2007. Acessado em 28 de out. 2009, às 14h32.

²² Disponível em www.folha.uol.com.br/foha/ilustrada. Publicado em 13 de fev. de 2006. Acessado em 10 de abr. de 2010, às 22h17.

O livro é inspiração para realização do filme, no entanto, o filme não é baseado no livro. Os dois referem-se ao BOPE e divulgam-se como obras fictícias que se baseiam em experiências vivenciadas por seus roteiristas e/ou seus colegas policiais, mas a obra escrita tem outra estrutura, com várias histórias paralelas que vêm a contribuir com alguns elementos que formam a história de **Tropa de Elite**.

Essa confusão entre real e ficção é vista por muitos críticos como um dos segredos do sucesso dessas obras, as pessoas se questionam sobre o qual a linha divisória entre relato e criação imaginária:

Na semana passada, VEJA ouviu ex-integrantes da unidade e pessoas que acompanham de perto sua rotina, para avaliar a verossimilhança das cenas. "É tudo verdade. E ainda tem mais", afirmou um ex-oficial, sob a condição de não ser identificado. O treinamento pode incluir sessões de choques elétricos e afogamentos, noites inteiras de imersão na água gelada de um rio e o golpe conhecido como "telefone", que em duas ocasiões causou perfuração de tímpano. Cenas como a da comida jogada no chão e a dos tapas na aula inaugural retratam quase à perfeição o cotidiano do batalhão. (VEJA, 2007^a, anexo 7 p. 115)

Ainda no mesmo número de **Veja**, que é uma edição especial, com diversas matérias sobre o BOPE e o filme **Tropa de Elite**, uma delas é intitulada **A realidade, só a realidade**, em que se afirma que o filme de Padilha, embora uma obra de ficção, trata com fidelidade jamais vista como a criminalidade tem degradado o país e ainda afirma que seu sucesso veio devido à necessidade do brasileiro de levar esse "tapa na cara"; traz, ainda, para firmar a verossimilhança da obra, fotos do batalhão da vida real em atuação. Segue também, o quadro:



(Veja 2007^a, anexo 4, p. 113)

Conforme observado, o filme **Tropa de Elite** trata dessa guerra entre polícia e traficantes do Rio de Janeiro que estampa diariamente os noticiários do Brasil e do mundo, é claro que isso não acontece apenas no Brasil, nem tão pouco somente no Rio de Janeiro, todavia, por motivos já ditos, o Rio é uma cidade em evidência, o que potencializa os fatos que lá ocorrem, sejam positivos ou negativos.

A história traz à tona assuntos que incomodam, como: incoerência da sociedade que, segundo a trama, cobra das autoridades providências, no entanto colabora com o tráfico quando muitos também são consumidores de drogas;

corrupção da polícia (no caso mostra apenas da polícia “comum”); métodos de tortura nas investigações; excessiva violência por parte de bandidos e de policiais.

Entre os próprios policiais o filme também é polêmico, pois além do já descrito acima, “inflama” a polícia como instituição. Mostra um lado bastante negativo da PM carioca que aparece como ineficaz e corrompida - membros da PM convencional chegaram a ir à justiça para tentar impedir que o filme fosse exibido alegando que denegria a imagem da corporação (ÉPOCA, 2007, anexo 10, p. 131-132) - já o BOPE é tido como incorruptível (algo que muitos afirmam não ser bem assim, o próprio autor de *Elite da Tropa*, Luiz Eduardo Soares, afirma que isso era em 1997, diferente dos dias de hoje)²³, entretanto, para alguns, o filme cria para o BOPE a imagem de “salvador” da pátria, mas para outros, um simulacro de fascismo. Contudo, uma coisa é comum nos discursos analisados acerca do batalhão após a exibição do filme: a imensa maioria afirma que, independente dos métodos utilizados, o BOPE é eficiente.

2.3. Elite da Tropa: o livro

O livro foi lançado em 2006, embora tenha ficado conhecido após o lançamento de **Tropa de Elite**, em 2007.

Seus autores possuem um histórico profissional que os “autorizam” a escrever a respeito do assunto exposto.

²³ Disponível em <http://www.luizeduardosoares.com.br>. Acessado em 02 jul. 2008, às 19h30.

Luiz Eduardo Soares é antropólogo e cientista político, ocupou o cargo de secretário municipal de Nova Iguaçu na pasta de valorização da vida e prevenção da violência (2006/2009); ex-secretário nacional de Segurança Pública (2003); ex-coordenador de segurança pública do Rio de Janeiro (1999/2000); atualmente é coordenador do Curso de especialização em Segurança Pública pela Universidade Estácio de Sá, também lecionou na UERJ, IUPERJ, Ucam e Unicamp, e atuou como professor visitante da Columbia University, Universidade da Virgínia e Universidade de Pittsburgh. Anteriormente a **Elite da Tropa**, já havia publicado outros dois livros que tinham a polícia como tema: Meu casaco de general: 500 dias no front da Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (2000); Cabeça de porco, em co-autoria com MV Bill e Celso Athayde (2005).

André Batista é formado em direito e pós-graduado em Políticas Públicas, ex- membro do BOPE (1996/2001), foi o negociador do sequestro do ônibus 174, também foi secretário adjunto de Luiz Eduardo Soares, em Nova Iguaçu, na secretaria municipal de valorização da vida e prevenção da violência (2006/2009), é atualmente Major da PM fluminense.

Rodrigo Pimentel atua hoje como consultor de segurança, pós-graduado em sociologia urbana, ex-Policial Militar (1990 a 2001), ex-capitão do BOPE (1995 a 2000), co-produtor do documentário Ônibus 174 e do Filme Tropa de Elite.

A obra, que foi escrita paralelamente ao roteiro do cinema, também tematiza o BOPE, a PM convencional e os bandidos, tratando cada qual da mesma forma que a obra cinematográfica: BOPE - violento e eficaz; PM convencional – corrupta e ineficaz; bandidagem - tem que morrer. Divide-se em

duas grandes partes: a primeira é **Diário da Guerra**, composta por vinte e dois “contos” independentes, é uma espécie de prévia que prepara o leitor trazendo elementos necessários para o entendimento da segunda, **Dois Anos Depois: A Cidade Beija a Lona**, que é uma grande trama a respeito de sequestro, tráfico e atuação do BOPE e da PM na resolução de tudo, em que os personagens dos “contos” anteriores e fatos acontecidos com eles voltam à tona para o entrosamento de todos os fatos.

Bem conceituado, o livro é hoje solicitado até mesmo em listas de vestibular, como o de Pós-graduação em Políticas e Gestão de Segurança Pública, da Universidade Estácio de Sá e seu *download* em PDF, na íntegra, encontra-se disponível entre vários *sites*, inclusive no da USP.

2.4. O sequestro do ônibus 174²⁴

No dia 12 de junho de 2000, aconteceu no Rio de Janeiro, um dos sequestros mais comentados do Brasil, com aproximadamente quatro horas e meia de duração, foi transmitido ao vivo por todas as emissoras de televisão do Brasil, algumas na íntegra e outras em *flashes*, e pela CNN dos Estados Unidos.

Um homem, que depois se soube tratar-se de Sandro Nascimento, ex-menino de rua, sobrevivente da chacina da Candelária, tenta, por volta das

²⁴ Os fatos relatados baseiam-se, principalmente, no que foi apresentado no documentário *Ônibus 174* (2002)

14h20, assaltar o ônibus que fazia a linha 174, que ligava a Gávea à Central do Brasil, no Rio de Janeiro. O assalto fracassa e ele se vê cercado por policiais.

Sandro, que já era fugitivo da cadeia da 26ª DP, na tentativa de não voltar às grades, faz os passageiros do ônibus reféns. Descontrolado e aparentemente drogado tem reações imprevisíveis e é de difícil negociação, até porque ora pede uma pequena quantia em dinheiro para liberar as vítimas, ora não pede nada em troca, apenas ameaça o tempo todo matar as pessoas que mantinha em seu poder.

O rapaz, sempre com um revólver apontado à cabeça de alguém, grita, abre e fecha as janelas, dá tiros, faz as mulheres gritarem e simularem pavor, fingindo que uma delas havia sido morta, além de fazê-las escrever com batom nos vidros frases como: “ele tem pacto com o diabo”; “ele vai matar geral às 6hs”.

A polícia não vê muitas opções de ação, a não ser atirar no sequestrador, porém o comandante, coronel Penteado, recebe uma ordem (de um destinatário cujo nome não foi divulgado) para que isso não aconteça.

Entre algumas das vítimas que Sandro decide libertar está Damiana, pela qual toma essa decisão após ela relatar que tem um irmão que também é presidiário.

Damiana está acompanhada pela professora de artesanato Geísa Firmo Gonçalves, de 20 anos, que parece ser a mais nervosa das quatro últimas mulheres que ainda se encontram dentro do ônibus e na tentativa desesperada de sair daquela situação, inventa a Sandro que também possui um irmão presidiário,

todavia, o sequestrador descobre que está mentindo e torna a moça, então, seu principal alvo das torturas psicológicas que praticava lá dentro.

Eram quase 19:00h quando, de repente, o sequestrador resolve descer do ônibus trazendo Geísa como escudo, então o soldado do BOPE Marcelo Oliveira dos Santos decide tentar um tiro de surpresa, contudo, erra o bandido, acerta de raspão a professora, o contraventor dispara três tiros na moça, que vem a óbito no local.

A cena era acompanhada de perto por centenas de pessoas que se revoltam, pedem o linchamento e morte de Sandro que é levado pelos policiais ao camburão para ser transportado à delegacia. Porém, o rapaz não chega com vida, o laudo acusa que foi morto por estrangulamento e asfixia.

Os homens do BOPE alegam que Sandro resistiu muito, inclusive mordendo os policiais e quebrando o braço de um deles, o que, segundo eles, os levou a imobilizá-lo e asfixiá-lo, na tentativa de que desmaiasse.

É importante ainda destacar aqui que o policial que fazia a negociação com o sequestrador é André Batista, então capitão do BOPE, que faz relatos da experiência ao documentário, é co-roteirista de **Tropa de Elite** e co-autor de **Elite da Tropa**.

Capítulo 3

PEGA UM, PEGA GERAL...

Será dado, a partir deste capítulo, início à análise dos enunciados. Conforme já foi dito, o estudo será iniciado de onde se considera ser o início da polêmica, ou seja, os discursos produzidos imediatamente após a exibição do filme **Tropa de Elite**.

Como se observa que os posicionamentos acerca do mesmo objeto: o BOPE; diferenciam-se em cada recorte temporal: após o filme **Tropa de Elite** e após sequestro do ônibus 174; nos mesmos suportes de veiculação: revistas **Veja** e **Época**, é dado enfoque nas condições de produção. O capítulo anterior ficou a cargo do contexto imediato em que os discursos foram produzidos, entretanto, no percurso da análise que a partir de agora se dará, serão juntamente apresentados outros aspectos, sobretudo ideológicos, de tais suportes dos enunciados em questão, não podendo também deixar de observar o interdiscurso e a memória discursiva presentes nos textos/discursos abordados.

3.1. O salvador da pátria

Após o lançamento de Tropa de Elite em 2007, o BOPE é apresentado pela imprensa como a solução para todos os problemas de segurança do Rio de Janeiro e um exemplo a ser seguido por todo o Brasil e até mesmo pelo mundo.

“Quando somos chamados, sabemos que tudo já foi tentado. Se a gente não resolver, ninguém mais vai conseguir”²⁵

É bem verdade que, ao falar do filme, muitos o classificaram como fascista, alguns até apontaram que houve certo exagero na violência apresentada como cotidiana nos métodos do Batalhão, mas tais críticas, por parte da imprensa de âmbito nacional, limitava-se, na imensa maioria das vezes, ao filme, e não chegava a arranhar a imagem da Elite da PM carioca. Algumas poucas matérias, nesse período, apresentam alguma rejeição ao Batalhão na vida real.

Vejamos um recorte a seguir, cuja extensão justifica-se pela intenção de demonstrar como se dá a tentativa da revista de envolver seu leitor em sua formação discursiva e ideológica através da sequência que se estrutura a apresentação dos sujeitos:

Por onde passa, o Caveirão é bombardeado por granadas e tiros de fuzil. Para o morador, sua aparição significa o início de uma guerra. Não faltam relatos sobre supostos atos de violência do Bope contra a população civil. Do alto-falante que equipa o blindado, dizem os moradores, saem frases ameaçadoras. Na varanda de casa, na favela da Grotta, de onde vê quando o veículo se aproxima, dona Marisa (nome fictício) pergunta à neta de 2 anos: "O que o Caveirão diz quando chega?". "Sai da frente, f.d.p.", responde a menina, com olhar assustado. *Veja Rio* esteve na Vila Cruzeiro e na Grotta, no Complexo do Alemão, e conversou com moradores sobre a guerra das últimas semanas. Eles dizem que os policiais estariam atirando nos transformadores da Light durante as incursões, o que deixaria as favelas às escuras. De acordo com o comando do Bope, os tiros são disparados pelos traficantes. Na guerra de versões, os policiais afirmam que a violência do tráfico é minimizada pelos moradores por medo de represálias. "Todo mundo diz que eles estão mais bem armados e têm mais munição do que a polícia. E o tiro em inocentes é sempre o nosso? Seria muita falta de sorte, não?", questiona o soldado Luiz Cláudio Carvalho Ros, de 33 anos, que acaba de ser promovido por bravura. Ros entrou na linha de fogo para tentar salvar um colega de equipe no segundo dia da operação na Vila Cruzeiro. Eram 9 horas quando a equipe chegou à entrada da favela. O tiroteio começou e o soldado Wilson Santana Lopes, de 28 anos, decidiu atravessar a rua para se abrigar na outra esquina. Foi atingido. Ros pegou o ônibus de transporte da tropa, que não é blindado, e cruzou a rua, sob fogo cerrado. Conseguiu resgatar o companheiro, mas já era tarde. "Toda vez que me deito para dormir, a cena volta", revela. Ros

²⁵ Tenente Nascimento, um dos policiais do BOPE in *Veja* 06 de jun. de 2007.

continuou na favela por mais doze horas após resgatar o corpo de Lopes. "É muito difícil manter o controle emocional quando um colega é baleado", reconhece o sargento Daniel da Silva Rocca, da equipe do soldado Lopes. "Só que somos treinados para enfrentar esse tipo de situação", explica. "Nosso ímpeto aumentou muito depois da morte e em minutos tomamos a Vila Cruzeiro. Matar um policial do Bope não é um bom negócio", diz o comandante Pinheiro Neto. O tenente Jaguaribe do Nascimento Ferreira, de 27 anos, define a rotina dos homens de preto: "O Rio não está em guerra. Mas, quando chegamos a uma favela, é vida ou morte". (Veja, 2007, anexo 2, p. 105-106)

Observa-se a voz dos moradores da favela que parecem temer o BOPE por suas atuações violentas nos morros, reproduz-se, inclusive, a fala de uma criança, acrescentando-se, ainda, a observação de seu olhar assustado. Porém, em seguida, é também reproduzida a fala dos policiais que se defendem com a versão de que os moradores amenizariam a violência dos traficantes por medo de represália, deixando dúvida quanto ao fato de todos os atos de violência atribuídos ao BOPE serem mesmo de sua autoria.

Pode-se ainda observar que mesmo citando um lado negativo do Batalhão - ainda que pondo em dúvida o total mérito desse atributo -, essa afirmação (duvidosa) é antecedida de uma "justificativa": o parágrafo - que é o único que levanta qualquer ponto, em toda matéria, que poderia ser considerado negativo - inicia com a informação que o Caveirão é recebido por granadas e tiros de fuzil (!) e termina com a narrativa, com a qual se ocupa na maior parte, de uma incursão do BOPE em que obtiveram êxito após morte de um dos membros e atitude heróica de outro.

As afirmações dos últimos períodos do parágrafo reproduzido mostram, inclusive, o policial que também leva tiro dos traficantes e que, principalmente, é humano: sofre com a perda de um colega, descontrola-se emocionalmente... mas que é treinado para isso.

Pode-se também, por meio das escolhas verbais, afirmar que o parágrafo tende a pôr em dúvida o discurso dos moradores do morro ao referir-se a ele, já que utiliza o futuro do pretérito, tempo utilizado, entre outros casos, para indicar hipótese: “estariam atirando”, “deixaria a favela às escuras”. Além das expressões “supostos atos de violência do Bope”, “dizem os moradores”.

Já ao referir-se ao discurso do BOPE, o tempo é o presente do indicativo: “Caveirão é bombardeado”, “os tiros são disparados pelos traficantes”, “a violência do tráfico é minimizada”. O presente do indicativo é utilizado em situações em que a ação acontece no presente, algo certo. Além da utilização das expressões: “De acordo com o comando”, “os policiais afirmam” ao introduzir a fala dos homens do Bope, expressões que dão a impressão de fonte mais segura do que as já apresentadas que antecipam a fala dos moradores.

3.1.1. Veja: agora o bicho vai pegar...

Veja²⁶ é uma revista semanal da Editora Abril, fundada em 1968, sua tiragem por edição ultrapassa um milhão, sendo a revista mais lida do país, trazendo diversos assuntos como: economia; política; cultura; tecnológica; religião; atualidades; etc., abordados nacional e internacionalmente. Embora tenha conquistado um público cativo, nos últimos anos vem sendo alvo de várias críticas. O semanário é acusado de ser parcial, pender-se sempre em defesa da classe média, ser politicamente tendencioso e de envolver-se em esquemas obscuros de compra de informações de forma ilícita.

²⁶ As informações acerca da revista foram obtidas em pt.wikipedia.org. Acessado em 03 de jun. de 2010, às 21h00. e sites.google.com/site/luisnassif. Acessado em 03 de jun. de 2010, às 23h08.

Neste trabalho, no entanto, estuda-se a mudança de FDs desse mesmo suporte em épocas diferentes acerca do mesmo objeto, não se atendo em críticas à revista e sua política de trabalho, mas buscando entender o que levou a tal mudança, reforçando que o posicionamento da imprensa quanto o batalhão é uma tendência geral nos enunciados observados. Até mesmo a **Carta Capital**, considerada como a revista da “esquerda” do Brasil e conhecida por se opor à *Veja*, traz em 10 de outubro de 2007 a foto de Wagner Moura na pele do Capitão Nascimento com o título **O novo herói nacional** (anexo 11, p. 135).

Segue a análise de alguns enunciados de **Veja**, logo após o filme intitulado com o nome do batalhão em questão.

3.1.1.1. Diários de Guerra

Em 06 de junho de 2007, a **Veja Rio** (anexo 1, p. 102) traz, estampada em sua capa, uma fila de policiais do BOPE em posição de combate, trajando seu tradicional uniforme preto, com armas pesadas em punho e o título: **NA LINHA DE FOGO a dura rotina do Bope, tropa de elite da PM que é responsável pelo combate ao tráfico nas favelas cariocas e se prepara para dar segurança aos atletas do PAM.**

Na linha de fogo, que é o grande título, nos remete a questões de batalhas e guerras, além de colocar o BOPE também como algoz-vítima, já que quem está na linha de fogo em um combate está sujeito tanto a atirar quanto a sofrer disparos. Em linhas menores, o texto de chamada da capa refere-se como

dura rotina do BOPE, na tentativa de aproximar o leitor do “personagem” pelo sentimento de compaixão, a sua rotina é dura, ou seja, não é fácil e lembra que a elite da PM é responsável pelo combate ao tráfico, sendo combate outra expressão de batalha e finaliza dizendo que o batalhão também se prepara para dar segurança, isto é, aquele que combate também protege.

Façamos a seguinte paráfrase:

A dura rotina do Bope (1)

A rotina do Bope não é mole (2)

O enunciado (1) é o escolhido da chamada, que utiliza o adjetivo “dura” para caracterizar a rotina do batalhão. O dicionário traz diversos significados para o adjetivo “duro”: 1. Sólido, rijo, resistente. 2. Custoso, trabalhoso. 3. Severo, implacável. 4. áspero(som). 5. Penoso, doloroso. 6. Vigoroso. 7. Insensível. (XIMENES, 2001/1954).

Pode-se afirmar a partir daí que a rotina da elite em questão é algo resistente, que tem de ser valente para resistir; é penosa, dolorosa, então não significa que tudo é prazer; além de ser algo que dá trabalho; algo implacável, significa que não é vencido facilmente; também encontramos o significado de insensível, ou seja, não tem dó. Com essas afirmações pode-se dizer que a rotina do BOPE não é para qualquer um, que tem de ser forte para suportar.

Em (2) traz-se a contrariedade do dito através de seu antônimo, o que é duro não é mole²⁷, a palavra mole remete a algo que cede à compressão, que é macio, ou preguiçoso; sem energia, fraco e fácil. Tudo o que o BOPE não é, segundo a revista.

Dentro da edição encontra-se uma matéria de seis páginas, cujo título é **Diários de Guerra**, uma clara alusão agora de que o batalhão realmente vive no Rio de Janeiro uma guerra urbana, remetendo à nossa memória que em uma situação de guerra os soldados são preparados para morrer ou para matar, tudo é permitido. Assim como na primeira parte do livro Elite da Tropa: **Diário de Guerra**, que também é uma “apresentação” ao leitor, de tudo que se passará na grande história que constitui a segunda parte.

O texto de chamada, abaixo, diz: “Quem são os policiais do Bope, a tropa de elite da PM que enfrenta uma guerra sem fim contra o tráfico nas favelas cariocas”. É relevante lembrar que a edição de publicação da matéria em estudo foi publicada em 06 de junho de 2007, uma das primeiras a trazer uma reportagem específica a respeito do batalhão.

O lançamento oficial do filme **Tropa de Elite** só aconteceu em outubro do mesmo ano, muito embora o filme, e conseqüentemente o Batalhão, já estivesse sendo bastante comentado, mesmo antes de sua divulgação em massa pela pirataria (que já iniciara nessa data). No entanto, como fora dito, apenas após a grande divulgação do filme de Padilha é que se passou a dispensar apresentação da tropa de elite da PMERJ.

²⁷ Em todas as consultas ao dicionário foi utilizada a referência já citada: XIMENES, 2001/1954.

Nota-se, apenas pelos títulos da matéria e da capa, que o apelo à memória da guerra ao referir-se às atuações do BOPE é bastante presente. Separa-se, então, um conjunto de vocábulos que se interligam ao sema, nessa reportagem de 6 de junho.

/Guerra/: segurança pública; diários de guerra; tropa; enfrenta; contra; bala, fuzis colt; pistolas 9 milímetros; Batalhão; missão de capturar; atirador; estratégico; fuzil AK 47; atacar; atirou; morto; tiro de fuzil; disparado; sigilo; segurança; contra; batalhas; combate; feridos; balas perdidas; estilhaços de granada; apertar um gatilho; tirar a vida; linha de fogo; matar; disparo; barricada; corpo no chão; comida racionada; tiro; operações; sobrevivente; pânico; bombardeado; granadas; blindado; violência; represálias; armados; munição; bravura; ações; atingido; fogo cerrado; baleado; fuzil Fal; carregadores de trinta cartuchos; pistola; faca; fuzil-metralhadora belga FN Minimi.

Nota-se que são muitos os vocábulos do sema /guerra/, embora se perceba que muitos são comuns também ao sema /polícia/, a referência à guerra é muito mais forte quando se trata do BOPE, em especial no que se refere aos armamentos, que, com certeza, diferem-se muito do comum utilizados, normalmente, no cotidiano da polícia convencional. Mas não chega a causar estranhamento, já que, como também foi evidenciado no capítulo anterior, a imprensa nacional e internacional já convencionou a direcionar-se ao combate ao tráfico no Rio de guerra urbana.

O termo **guerra** para se referir às ações do BOPE, de combate ao tráfico de drogas no Rio de Janeiro, também, foi bastante explorado em **Elite da Tropa e Tropa de Elite:**

“E Não é para me gabar não, mas nós somos a melhor tropa de guerra urbana do mundo, a mais técnica, a mais bem preparada, a mais forte. Não sou eu quem está dizendo; os israelenses vêm aqui aprender com a gente; os americanos, também. Essa qualidade se deve a muitos fatores, um dos quais é o seguinte: em nenhum lugar do mundo se pode praticar todos os dias. (SOARES; BATISTA; PIMENTEL, 2006, p. 26 - *grifos nossos*).

O capitão Nascimento apresenta logo no início de Tropa de Elite: “pra lutar na guerra contra o tráfico tem que ser capaz de aguentar tudo” (TROPA DE ELITE, 2007).

Quando se colocam tais conflitos como uma **guerra**, como contestar as atitudes violentas do Batalhão? Em uma guerra mata-se e morre, sem nenhum julgamento, é tudo em prol da causa.

Evidenciando os aspectos positivos do Batalhão, ressaltados nessa edição, não se pode deixar de levantar os semas que enfatizam sua /técnica/ e /bravura/:

/Técnica/ e /Bravura/: corpo; treinados para enfrentar; tomamos a Vila Cruzeiro; teste de condicionamento elite; responsável; prepara; segurança; enfrenta; certo; treinado; sem hesitar; habilitados para resolver situações críticas; selecionados; cursos; bem-sucedidos; curso de operações especiais; treinamento; autocontrole; seqüência de exercícios; aulas; exercícios; troféu; bravura; estar pronto; retomada; salvar um colega; sob fogo cerrado; conseguiu resgatar o companheiro; resgatar o físico; ser excelente; aprovação; avaliação médica e psicológica; prepara o policial.

Pode-se dizer, pelos aspectos levantados até aqui, que a imagem do BOPE na matéria estudada é de bravo, técnico, forte e violento. Mas essa última

característica, que poderia representar um aspecto negativo, é amenizada, já que o Rio de Janeiro vive uma “guerra urbana” na situação de combate ao tráfico.

Nessa matéria, o incidente com o ônibus 174 é lembrado por duas vezes:

O mais curto²⁸, com dois meses de duração, é voltado para ações táticas em casos de resgate de reféns e foi criado após o dramático seqüestro do ônibus 174, em junho de 2000. Na ocasião, a ação do Bope resultou na morte de uma passageira, atingida por um disparo errado de um policial. "Depois do 174, tivemos 39 ocorrências com reféns no Rio Em todas fomos bem-sucedidos", afirma o capitão Gilmar Tramontini, de 30 anos, responsável pelo Grupo de Resgate e Retomada (GRR) do Bope. (VEJA, 2007, anexo 2, p. 104)

“Depois de dirigir em 2002 o documentário *Ônibus 174*, sobre a malsucedida operação de resgate de reféns feita pela corporação em 2001²⁹, o cineasta José Padilha fez agora um filme de ficção. (Ibidem, p. 108)”. No primeiro caso, a citação do episódio com o ônibus é uma justificativa para a implantação de um segundo curso de admissão, acrescido após a tragédia. Percebe-se que, em seguida à lembrança, tem-se a fala do capitão ressaltando que, após a malsucedida operação e a implantação do treinamento específico, outro erro não voltou a ocorrer.

A segunda citação trata de uma lembrança de que Padilha tem “conhecimento de causa”, é o diretor do documentário anteriormente realizado com o infeliz episódio do Batalhão e agora realiza um filme de ficção com o mesmo.

²⁸ Referindo-se aos cursos de admissão para o PM ingressar ao BOPE.

²⁹ Reproduz-se o equívoco da revista: o referido seqüestro ocorreu em 2000, conforme informação acima reproduzida da mesma matéria, e não em 2001, como dito aqui.

3.1.1.2. Pegou Geral

Uma semana após o lançamento oficial de **Tropa de Elite**, em 17 de outubro de 2007, **Veja** publica uma edição especial com um “homem de preto” na capa (anexo 3, p. 105): **PEGOU GERAL o filme Tropa de Elite é o maior sucesso do cinema porque trata bandido como bandido e mostra usuários de drogas como sócio dos traficantes.**

Bem mais ousada, agora mescla o assunto BOPE – na vida real – com o filme Tropa de Elite, atribuindo, inclusive, o motivo do sucesso da obra cinematográfica.

Observa-se no título que **Veja** bate o martelo e dá a sentença: não há exageros, todas as atitudes do Batalhão, mostradas no filme, vêm ao encontro do que quer a população – bandido tem de ser torturado e morto e usuário de drogas tem de ser tratado como o bandido. (?!)

Bandido, no dicionário, é malfeitor; pessoa má. Tratar bandido como bandido, então, é lidar com uma pessoa má, que pode fazer mal a qualquer um, já que é má e ponto, portanto, não merecedora de piedade. Se traficante também é um criminoso, também é uma pessoa má e se o usuário é seu sócio, então esse merece o mesmo tratamento (!).

A revista traz onze páginas acerca do Batalhão de Operações Especiais e do filme Tropa de Elite, divididas em cinco partes.

3.1.1.2.1. A realidade, só a realidade

O título da primeira matéria interna, **A realidade, só a realidade** (anexo 4, p. 103), busca na memória o juramento de uma testemunha em um tribunal, em que podemos observar os deslizes³⁰:

A realidade, só a realidade.



A verdade, só a verdade.

Realidade e verdade são palavras que se equivalem se firmam mutuamente, sendo construídas no e pelo discurso. Lembrando que se trata de um filme de ficção, como a própria **Veja** afirmava na edição de 06 de junho

Depois de dirigir em 2002 o documentário *Ônibus 174*, sobre, a malsucedida operação de resgate de reféns feita pela corporação em 2001³¹, o cineasta José Padilha fez agora um filme de ficção. (Veja, 2007, anexo 2, p. 108. *grifos nossos*)

A chamada a seguir explica: ***Tropa de Elite*, o filme mais visto e mais comentado da história do cinema brasileiro, é uma obra de ficção. Mas retrata com uma fidelidade jamais vista como a criminalidade degradou o Brasil de alto a baixo.**

A revista afirma com propriedade: sim, é um filme de ficção, o mais visto e comentado do cinema brasileiro (lembre-se que já sentenciou o motivo desse sucesso), mas que trata com fidelidade (lealdade; exatidão) a realidade da criminalidade no Brasil.

³⁰ Nomenclatura encontrada em Orlandi, 2002/1999

³¹ Reproduze-se o equívoco da revista: o referido sequestro ocorreu em 2000, conforme informação acima reproduzida da mesma matéria, e não em 2001, como dito aqui.

O tempo verbal, nesse enunciado também chama muita atenção: quando se fala do filme, utiliza-se do presente do indicativo, ao falar da criminalidade, o tempo verbal muda para o pretérito perfeito, a criminalidade degradou o Brasil, dando a impressão de algo acabado, pronto, que não tem mais volta.

A expressão de alto a baixo também é interessante, pois coloca o Brasil todo no mesmo patamar de degradação da criminalidade, não apenas o Rio de Janeiro, palco do referido filme e de atuação do Batalhão em evidência.

Na abertura da reportagem, a revista traz uma imagem do filme, em que o Capitão Nascimento segura um traficante e aponta uma arma em sua cabeça (anexo 4, p.110). No mais, vem recheada de fotos do BOPE da vida real em atuação em seu dia-a-dia, alusão clara à mescla realidade/ficção, e fecha com dois gráficos: um em que sustenta sua afirmação por meio da opinião pública, tanto quanto a aceitação do filme, quanto à fidelidade da obra com a realidade, ainda quanto ao tratamento que o povo quer para os bandidos, e o último quanto ao aumento da criminalidade e do medo dos cidadãos brasileiros.

Separam-se do corpo da matéria dois enunciados: “(...) a brutalidade de alguns policiais pode ser explicada pelo grau de penúria e abandono que o Estado lhes reserva.” (Veja, 2007a, anexo 4, p. 111). “É bom que se diga: em nenhum momento, *Tropa de Elite* legitima o uso da tortura, o que seria deplorável. Apenas mostra como o descaso e a barbárie podem animalizar agentes da lei. (ibidem, p. 109)

Percebe-se que nos dois trechos descarta-se a hipótese de se igualar os policiais aos bandidos pelos métodos violentos utilizados, conforme é mostrado no filme (que segundo a revista, é o retrato da realidade), já que são aqui considerados vítimas do abandono do Estado, do descaso e a barbárie, sendo que esta última está em aberto, não fica claro se seria a barbárie dos bandidos, ou de quaisquer outros.

3.1.1.2.2. Abaixo a Mitologia da Bandidagem

Veja, assim como o filme **Tropa de Elite**, faz o processo inverso do que sempre foi tendência do cinema nacional, influenciado, segundo ela (que, lembre-se, é de direita), pela esquerda nacional (Veja, 2007a, anexo 5, p. 114 a 116), que “romantizava” a imagem do criminoso no Brasil, colocando-o em uma posição de vítima da condição social (inclusive o documentário **Ônibus 174**, do mesmo diretor de **Tropa de Elite** parte por esse viés).

O semanário, como foi dito no item anterior, referente à matéria anterior da mesma edição, apóia o ponto de vista apresentado pelo filme, que expõe o POLICIAL como vítima das circunstâncias, ainda quando utiliza métodos como o da tortura, conforme apresentado em **Tropa de Elite**.

Exibe nessa matéria o seguinte título e chamada: **ABAIXO A MITOLOGIA DA BANDIDAGEM *Tropa de Elite* não rompe só com a tradição nacional de narrar uma história do ponto de vista do bandido: rompe com a visão pia e romantizada do criminoso.**

No jogo do dito e do não dito encontramos nessa fala algo de cansaço pela maneira com que o cinema vinha tratando as questões de criminalidade: Abaixo a mitologia da bandidagem é o mesmo que dizer “chega não queremos mais enfeitar o criminoso, queremos tratá-lo como ele é, bandido como bandido (pessoa má).”

Importante ressaltar que um dos significados trazidos pelo dicionário para **mito** é ideia, coisa ou pessoa falsa, irreal, podendo afirmar que é esse o empregado aqui, devido ao teor da reportagem.

O texto faz uma retomada de diversos filmes nacionais que tematizavam a criminalidade, desde a década de 60, expondo que todos traziam o ponto de vista do criminoso, em que apresentava sempre um posicionamento de vítima de uma sociedade miserável. Para **Veja**, esta imagem começou a ser quebrada em Cidade de Deus, mas regrediu com Carandiru, e coube a **Tropa de Elite** causar a revolução ansiada, da inversão da imagem entre bandido/mocinho e criminoso/polícia.

3.1.1.2.3. Recorde de Contravenção

Esta parte (anexo 6, p. 117) atém-se, especificamente, em descrever o grande impacto da pirataria na divulgação (ilícita) do filme BOPE – Tropa de Elite, porém, como o foco deste trabalho diz respeito ao Batalhão e não ao filme, não se desenvolverá aqui uma análise dessa reportagem.

3.1.1.2.4. Máquina letal contra o crime

Esse título trata do Batalhão em si, sobretudo de seu treinamento, supremacia técnica e conduta.

MÁQUINA LETAL CONTRA O CRIME Treinamento exaustivo e código de conduta rigoroso fazem do Bope uma das melhores tropas do mundo.

No título desta matéria (Anexo 7, p. 115) merece destaque a palavra **LETAL**. Letal é algo que causa morte, algo que nos traz fortemente à memória o BOPE apresentado no filme, que é eficiente e impiedoso. Pode-se também relacionar ao título da primeira matéria desta edição, que fala em tratar bandido como bandido, pensa-se (e exalta-se) então, no BOPE que mata.

Máquina letal contra o crime (1)

Homem que mata contra o crime (2)

Policial que acaba com o crime (3)

Ao referir-se ao BOPE como máquina (1), coloca-o em um patamar de excelência. Popularmente costuma-se referir-se como máquina algo ou alguém que é “perfeito” e “potente”. Mas a referida máquina é um homem (2), um policial (3).

Essa máquina, sobretudo é letal, ela mata, destrói, acaba.

Pode-se dizer que, (2) o BOPE é formado por homens que matam para combater o crime, ou ainda, (3) que seria uma metáfora para dizer que a máquina – o policial do BOPE ; é letal ao crime – acaba com ele.

Os adjetivos exaustivo e rigoroso, que aparecem na chamada, nos fazem lembrar a edição analisada de junho (anexo 2, p. 103) que trazia a expressão a dura rotina do BOPE acrescentando aqui a gratificação dessa dura rotina, com treinamentos exaustivos e código de conduta rigoroso: ser uma das melhores tropas do mundo.

Outra ligação, que se pode fazer desta matéria com a primeira da mesma edição de outubro, é quanto à realidade dentro da ficção. Veja o trecho reproduzido:

De todas as platéias de *Tropa de Elite*, a mais sensível é formada pelos próprios policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), do Rio de Janeiro. Eles se dividem. Têm orgulho por haver sido retratados como salvadores da pátria no caótico cenário da violência urbana. Por outro lado, dizem que há muito exagero em algumas cenas que mostram como a tropa atua. Olhado sem paixão, o filme é um retrato bastante fiel – para o bem e para o mal – da conduta do batalhão, mesmo com a ação se passando dez anos atrás. Na semana passada, VEJA ouviu ex-integrantes da unidade e pessoas que acompanham de perto sua rotina, para avaliar a verossimilhança das cenas. "É tudo verdade. E ainda tem mais", afirmou um ex-oficial, sob a condição de não ser identificado. O treinamento pode incluir sessões de choques elétricos e afogamentos, noites inteiras de imersão na água gelada de um rio e o golpe conhecido como "telefone", que em duas ocasiões causou perfuração de tímpano. Cenas como a da comida jogada no chão e a dos tapas na aula inaugural retratam quase à perfeição o cotidiano do batalhão. (Veja, 2007^a, anexo 7, p. 119. *grifos nossos*)

A revista apresenta uma divisão dentro do Batalhão quanto à apreciação do filme. Embora, afirmem, todos estão orgulhosos por se verem ali como heróis, uma parcela está preocupada com o excesso de violência apresentado como corriqueiro em suas atuações. **Veja**, porém, mais uma vez

bate o martelo: **é um retrato bastante fiel** e reforça essa verossimilhança na voz de um ex-oficial que, contudo, não se identifica e afirma: **É tudo verdade**.

Não é dada voz ao discurso do exagero, apenas cita-se rapidamente como opinião de uma parcela e silencia-o com a voz do sujeito “oculto” ex-oficial que desmente quem nega: **É tudo verdade!** Segue-se, então, com relatos da dura rotina do BOPE, com ênfase no seu exaustivo treinamento e rigoroso código de conduta, que os fazem chegar ao alto padrão de excelência exigido.

No final do penúltimo parágrafo é lembrado o episódio com o ônibus 174:

Mas a reputação nem sempre foi essa. O batalhão ficou nacionalmente conhecido em 2000, por causa de uma operação desastrosa. Ao tentar libertar a professora Geisa Gonçalves, refém do assaltante Sandro do Nascimento no ônibus 174, um policial errou o alvo, permitindo que Sandra³² fosse morta pelo bandido. Para piorar, o assaltante, depois de dominado, chegou ao hospital morto por asfixia. Os envolvidos foram absolvidos, mas o episódio manchou a reputação da unidade. (Veja, 2007^a, anexo 7, p. 120)

Nota-se a presença da adversativa “mas” no primeiro e no último período. “Mas a reputação nem sempre foi essa”, a reputação do Batalhão hoje é boa (relata-se nos períodos anteriores exemplos do prestígio atual da elite da PM carioca junto à população), mas em 2000 não foi assim. Resume-se muito brevemente o ocorrido no sequestro do ônibus.

Porém, é a última adversativa que nos chama a atenção: “Os envolvidos foram absolvidos, mas o episódio manchou a reputação da unidade.” Após relatar o acontecimento a revista fecha transparecendo, ainda que discretamente sua opinião – ao dizer que os envolvidos foram absolvidos segue a

³² Aqui se reproduz um erro, ao invés de Sandra, lê-se Geísa.

adversativa mas para falar do “manchamento” da reputação da unidade. Quase um lamento.

3.1.1.2.5. Capitão Nascimento bate no bonde do Foucault

Trata-se aqui de um artigo (anexo 8, p. 122-124) que finaliza a série de reportagens especiais acerca do BOPE e do filme Tropa de Elite da edição 2030 de Veja.

O artigo não trata diretamente de nosso foco, que é o Batalhão, portanto também não será objeto de análise detalhada, no entanto, não se pode deixar de observar o quanto se evidencia a ideologia na declaração elaborada acerca das visões do filme.

Tece-se uma crítica à bandeira filosófica levantada por Foucault, e por isso o título, que se manifesta, por meio de suas obras, contrário às formas de repressão do Estado, segundo este artigo, sendo, inclusive uma delas **Vigiar e Punir** (1975) motivo de discussão em uma cena do filme.

No filme é apresentada uma cena em que a turma de André Matias, sem saber que ele é um policial, durante a apresentação de um seminário a cerca do livro, cita como a polícia como um exemplo de instituição perversa que protege os ricos e pune os pobres, gerando um debate em que apenas ele defende a instituição, enquanto todos os demais colegas acusam.

Na revista, o autor do artigo, um repórter de Veja, manifesta claramente sua posição de direita (assim como **Veja**) e ataca duramente a esquerda em seu texto com designações como: “A esquerda intelectual, organizada em bando para assaltar a reputação alheia (como de hábito)” e “a elite da tropa esquerdopata”.

Sugere, até mesmo, que o filme foi perseguido pela simples acusação "É de direita".

3.1.2. Época: também vai pegar você...

Época³³ é a revista lançada em 25 de maio de 1998, pela editora Globo, considerada o segundo maior semanário do Brasil em tiragem, sendo esta de aproximadamente quatrocentos e vinte mil exemplares por edição. Seu estilo é baseado na alemã **Focus**, em que o design gráfico é bastante valorizado na apresentação de suas reportagens, que possuem temas bastante diversificados: cultura, política, entretenimento, ciência, economia, etc., mas seu ponto mais forte é a política. Assim como **Veja**, também é considerada como pertencente à imprensa de direita.

Neste trabalho, no entanto, tomamos a revista apenas como suporte e não como objeto, apresentando, aqui, apenas as condições de produção em que o discurso em estudo se encontra.

Trata-se de uma reportagem publicada em 24 de setembro de 2007, pouco antes da estreia oficial.

³³ Informações obtidas nos sites: pt.wikipedia.org, acessado em 28 de dez. de 2010 às 20h28. e www.noticiaki.com, acessado em 28 de dez. de 2010 às 21h11.

3.1.2.1. Polícia, Drogas, Ação

Por que o filme Tropa de Elite, sobre a guerra entre a polícia e o tráfico no Rio de Janeiro, se tornou um fenômeno antes mesmo de chegar aos cinemas. Essa é a chamada da matéria (anexo 10, p. 126-134) publicada por Época, pouco antes do lançamento oficial do badalado filme. O título é o mesmo escolhido para este item: **Polícia, Drogas, Ação**. Título e chamada se repetem por quatro vezes, funcionando, assim, também como subtítulo.

Bem mais discreta que **Veja**, quanto à empolgação pelo Batalhão, essa é a única edição que traz matéria à respeito do BOPE neste recorte temporal e sua ênfase limita-se ao filme e não a polícia, não deixando, todavia, de cair na mescla da ficção com a realidade provocada por **Tropa de Elite** e que tão explorada foi pela mídia da época, dedicando, apenas ao final da matéria, uma página a fatos realmente reais, ainda assim, direcionados à polícia, não só a sua elite carioca, e tecendo uma crítica negativa.

A capa da revista (anexo 9, p. 125) estampa uma cena do filme, com Capitão Nascimento segurando a cabeça de um rapaz com uma mão e com a outra uma arma, apontada para a boca do garoto. **Tropa de Elite – Por que este é o filme mais quente do ano.** Podemos perceber com isso que agora o filme é o foco.

A pontuação chama a atenção: Tanto no texto da capa quanto no da chamada não existe ponto algum ao término da oração. Ambas iniciam com o pronome interrogativo “por que”, utilizado em início de perguntas, no entanto, não há ponto de interrogação ao final, causando uma dupla interpretação – pode-se estar questionando o porquê de **Tropa de Elite** ser o filme mais quente do ano,

ou estar afirmando: é o filme mais quente do ano, esse é o porquê de estar aqui, na capa. (!); a chamada pode tanto ser um questionamento do porquê o filme que trata da guerra entre polícia e traficantes tornou-se um fenômeno antes mesmo de chegar aos cinemas, quanto ser, simplesmente, afirmação disso.

Nas linhas da matéria, a fala é acerca do filme, seu sucesso antes da estreia oficial, a pirataria, as chances de concorrer ao Oscar e a polêmica gerada entre o público espectador e entre a própria polícia.

A dicotomia ficção/realidade, no entanto, começa a ser identificada quando se fala no preparo para as filmagens:

Durante os 90 dias de filmagens, de setembro a dezembro do ano passado, as equipes circularam por cinco favelas cariocas dominadas pelo tráfico (...) Houve aulas de tiro, luta e movimentação. Os atores cantaram hinos da polícia, comeram no chão e nadaram em água gelada. Uma das histórias de bastidores afirma que Wagner Moura, que interpreta o Capitão Nascimento, quebrou o nariz de um oficial durante as filmagens. Quem participou da produção também diz que um dos atores coadjuvantes foi afastado pela psicóloga da equipe porque estava levando tudo a sério demais. (Época, 2007, anexo 10, p. 129)

Percebe-se que a divulgação do preparo para as filmagens já leva à reflexão de quão grande foi o esforço para se chegar o mais próximo possível do que acontece, de verdade, com os policiais do BOPE.

Essa mesma reflexão é percebida na revista ao comparar André Batista e Rodrigo Pimentel a André Matias e Capitão Nascimento “policiais que inspiraram os personagens centrais do filme”, segundo a revista. Vejamos as passagens:

(...), foi responsável pelos detalhes sobre o longo e polêmico aprendizado no Bope. Na vida real, viveu as angústias do Capitão Nascimento, como a pressão familiar contra uma atividade de alto risco.

(...) É um dos roteiristas do filme e foi co-produtor de *Ônibus 174*. (ibidem, p. 127)³⁴

André Batista é negro, nascido em uma família de classe média baixa, que, como seu personagem, foi estudar Direito na PUC. Conheceu a realidade dos jovens da zona sul do Rio, que criticam a polícia, mas consomem as drogas que estimulam o tráfico e a violência. Estava no Bope quando houve a tragédia do ônibus 174, em 2000, e foi o policial que tentou negociar com Sandro do Nascimento. Foi ele quem manteve o seqüestrador calmo, por muitos momentos, e conseguiu a libertação de vários reféns. (ibidem, p. 131)

Observa-se que, ao colocarem dessa maneira, faz parecer que o filme realmente é baseado em fatos do cotidiano real do BOPE, que “é tudo verdade”, como vimos anteriormente, em **Veja**.

É possível também notar, nas duas passagens, a referência ao ônibus 174. Na primeira, ao falar de Rodrigo Pimentel, referindo-se ao documentário e depois apontando André Batista como o policial que negociou com o seqüestrador (anexo 10, p. 127).

Anteriormente, mais três vezes o caso é lembrado, mais do que nas duas edições de **Veja**, mesmo que citando o documentário, sabe-se que a memória busca diretamente a tragédia:

O filme nasceu a partir do documentário *Ônibus 174*, lançado por José Padilha em 2002. Ao fazer entrevistas com policiais que participaram da operação do seqüestro do ônibus no Jardim Botânico, na zona sul do Rio, o cineasta se interessou pela vida de quem atua no combate ao crime. Sua primeira idéia foi rodar um documentário em que os policiais contassem abertamente detalhes da vida e do trabalho. O diretor logo percebeu que isso seria impossível. Ninguém que usa farda iria desabafar diante das câmeras. Daí veio a segunda idéia: fazer uma obra de ficção que parecesse com um documentário. (ibidem, p. 127)

Todo o trecho é reproduzido para também destacar a lembrança de que a ideia inicial de Padilha era gravar um documentário com a vida e o trabalho dos policiais, diante da impossibilidade decidiu por uma obra de ficção com cara

³⁴ Referindo-se a Rodrigo Pimentel

de realidade, se lembrarmos também que no tear dessa obra ele trabalhou em co-autoria com policiais do BOPE, reforça-se a ideia de que “é tudo verdade”.

Outra passagem em que o documentário **Ônibus 174** é lembrado é na reportagem sobre o diretor:

Diz que faz cinema como quem faz ciência³⁵: pega determinado fenômeno da natureza, tenta reproduzi-lo e explicá-lo. Foi assim em sua estréia na telona, em 2002, com o documentário *Ônibus 174*, sobre a tragédia carioca de dois anos antes. Assombrado com a tragédia que terminou com duas mortes – da vítima e do algoz –, Padilha esforçou-se para mostrar que fenômenos da natureza humana e social levaram um jovem a seqüestrar um ônibus e ameaçar seus passageiros. (ibidem, p. 130)

Observa-se que o tempo verbal é o presente do indicativo “faz cinema como quem faz ciência” e o documentário *Ônibus 174* é apenas um exemplo “Foi assim em sua estréia na telona” então *Tropa de Elite* também seguiu essa fórmula.

E ainda:

Padilha é o diretor do momento. Além de conquistar o público, ele está bem cotado entre críticos exigentes. É o caso de Jean-Claude Bernardet, autor de livros como *Cineastas e Imagens do Povo*. Ele afirma que Padilha inaugurou um novo tipo de documentário com *Ônibus 174* (...) Agora, com *Tropa de Elite*, cria uma nova linguagem de ficção, com cara de realidade. (ibidem, p. 130)

Encontramos mais uma vez, neste excerto a respeito do documentário, referência a **Tropa de Elite** como ficção com cara de realidade.

Percebe-se que, mesmo mais discretamente que Veja, **Época** também passa a seu leitor a ideia que de **Tropa de Elite**, o filme, não é apenas uma obra cinematográfica comum, mas um espelho da realidade que acontece entre Polícia, grupo especial (BOPE) e traficantes, no Rio de Janeiro.

³⁵ A colocação é feita por Padilha ter sido estudante de Física

Confirmando o raciocínio aqui delineado, a revista traz algumas opiniões publicadas no site de **O Globo** em resposta à seguinte enquete: **É esta a polícia que você quer?** (Anexo 10, p. 132) em que a idéia do espelho da realidade refletida no filme se confirma nas respostas transcritas.

Na última página da reportagem (anexo 10, p. 134), **Época** encerra com uma pequena matéria a respeito da vida real da PM carioca, uma crítica negativa a respeito da cobrança de propina por parte dos policiais e a impunidade dos oficiais que, segundo a revista, nesses casos não são indiciados, apenas os praças. Vale lembrar que trata aqui da PM e não do seu Batalhão Especial, algo que pareceria um tanto deslocado na reportagem em questão, em que o tema central é o filme da Tropa de Elite, se não fosse pela lembrança de que o assunto corrupção (da polícia convencional) é também nele levantado.

3.2. Desequilíbrio Total

Faz-se agora o trajeto cronológico inverso, retrocedendo de 2007 a 2000. Isso se dá, como já justificado, pela ordem em que surge a polêmica - em âmbito nacional, pode-se dizer que o Batalhão de Operações Especiais da PM carioca só ficou realmente conhecido pela massa após o filme **Tropa de Elite**, quando, conforme visto até agora, foi apresentado pela imprensa como “o salvador da pátria”, a polícia melhor preparada do país.

Chama atenção, e para tratar de tal, abre-se aqui um subitem, o fato de ao regressar no tempo deparar-se com a mesma imprensa, tratando da mesma polícia de forma tão dissonante.

Encontra-se nesse período – após o episódio com o ônibus 174, nos mesmos suportes – **Época e Veja**, atributos bem diferentes dos levantados posteriormente ao filme, como nos pequenos trechos que seguem retirados de **Época** (2000, anexo 16, p. 147. *grifos nossos*):

Entrava em cena o despreparo policial.

(...) soldado do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio, protagonizou o final infeliz.

Descontrolado, com uma submetralhadora HK em punho (...)

Um inquérito apura as falhas policiais.

Numa primeira leitura nem parece tratar-se do mesmo batalhão. Por essa razão, inicia-se, agora, em outro subitem, a análise dos discursos a cerca do BOPE, nos mesmos suportes, logo após o sequestro do ônibus 174.

3.2.1. A gota d'água

Em 21 de junho de 2000, **Veja** faz menção, no canto superior esquerdo de sua capa, ao sequestro do ônibus 174: **TERROR NO ÔNIBUS Será que a refém Geisa morreu em vão?** (anexo 12, p. 133)

Abrindo a matéria de oito páginas temos fortes imagens do sequestro e, sobreposta, a frase: **AGONIA...AÇÃO DESASTRADA...** (anexo 13, p. 136)

Mais do que uma cobertura ao fato ocorrido em 12 e junho daquele ano, a reportagem é, como sugere o próprio título - **A gota d'água** (anexo13, p. 137) – um apelo para que se tome providências quanto a segurança pública no país.

O nome do BOPE ainda não possui força e a maior parte das referências é à polícia, apenas na segunda metade da reportagem é citado que a polícia a quem se atribui a ação desastrosa é o BOPE, em texto que veremos mais adiante.

Inicialmente, importa levantar os semas atribuídos à polícia/BOPE e sua ação neste texto/discurso, todos ligados ao **despreparo**:

/Despreparo/: policial imprudente; mais chocante cena de violência; drama; agonia; ação desastrosa; ação irresponsável; ação errada; hora errada; morte da refém; sentenciou à morte uma das reféns; atitude covarde; brutalidade; repulsa; barbárie; tragédia; tentou matá-lo; errou o alvo; erros flagrantes; desfecho desfavorável; teria cambaleado.

Nota-se uma grande diferença então, dos semas /técnica/ e /bravura/ levantados ao batalhão sete anos depois, após o filme com o nome do BOPE. O que seria responsável por essa grande mudança?

Deixa-se essa pergunta ainda para uma reflexão futura, sendo, porém, importante lembrar as circunstância em que esses discursos se deram: neste caso, em 2000, sua produção se dá posteriormente a uma falha fatal; em 2007 o discurso é tecido após uma produção cinematográfica de sucesso que buscava expor a posição do policial, aproximando-o do público e elegendo-o herói.

Após narrar brevemente os fatos de 12 de junho, a revista faz um apelo por providências contra a criminalidade narrando, ainda, outros fatos ocorridos no Brasil e fora dele, e as providências, tomadas ou não, por parte das autoridades e a isso dedica a maior parte da matéria.

Já na segunda metade volta a falar do incidente do sequestro e é aí que o nome BOPE é lembrado: “As negociações só começaram com a chegada do Batalhão de Operações Especiais (Bope) (...)” e segue a narração até o erro do policial e a morte da moça, faz um breve resumo da vida que ela levava e posteriormente abre um parágrafo falando do Batalhão:

O Batalhão de Operações Especiais é a unidade de elite da polícia fluminense, considerada a mais bem treinada do país. Dá cursos a policiais de quinze Estados e até do exterior. A operação teve erros flagrantes apontados por cinco especialistas consultados por VEJA. (Veja, 2000 anexo 14, p. 141)

Vê-se que os dois primeiros períodos não se diferem dos encontrados atualmente acerca da elite carioca, mas, aqui, é introduzido com outra finalidade – traçar uma crítica à fragilidade e precariedade da polícia brasileira, já que vem

seguida de apontamento dos erros cometidos por essa, que é considerada a melhor polícia do país, que, inclusive, dá treinamento às demais (lembre-se que toda a matéria é desenvolvida como um apelo à melhora das condições nacionais de segurança).

Prosseguindo:

Nenhum erro, no entanto, foi maior que o do soldado Marcelo Oliveira dos Santos, 27 anos, fazia quatro no Bope. (...). Ao partir para a aproximação ao bandido, ele teria cambaleado. Não portava a arma mais adequada, segundo especialistas, porque sua submetralhadora não teria impacto suficiente para paralisar o agressor e encerrar seus movimentos. Santos é considerado um soldado experiente e corajoso. Para integrar o batalhão, ultrapassou outros 200 candidatos numa prova, cursou três meses de academia e praticou cerca de 1.200 tiros. O policial é descrito por seu superior como um destaque na corporação. (ibidem, p. 142)

Mais uma vez, atributos que em outras condições de produção seriam de exaltação, aparecem aqui, quase que cinicamente, como uma crítica ao sistema – Marcelo era experiente: quatro anos de BOPE, muitos tiros praticados, superou uma concorrência que ultrapassa a de muitos dos melhores vestibulares, era destaque em sua corporação, mas mesmo assim errou grosseiramente. E a sua arma, era inadequada (não se esqueça que nos discursos posteriores ao filme o potencial bélico do BOPE é enaltecido).

A matéria é finalizada com um último parágrafo dedicado a apresentar o sequestrador Sandro Nascimento como uma vítima do descaso social.

3.2.2. Passageiros do horror

Época traz na sua capa (anexo 15, p. 143), em 19 de junho de 2000, a foto de Sandro Nascimento com a arma na boca daquela que viria ser vítima fatal de seu sequestro, Geísa Firmo Gomes, sobreposta ao lado esquerdo da foto, a transcrição de um trecho de uma produção de texto do sequestrador, escrita quando ele aos 13 anos, quando fazia parte do projeto Flor do Amanhã, ao lado direito, uma passagem do diário de Geísa. A baixo a chamada **PASSAGEIROS DO HORROR EXCLUSIVO Angustias e esperanças do bandido e da professora mortos no seqüestro do ônibus no Rio.**

Aqui, Sandro é bandido (malfeitor), porém um bandido com sonhos e esperanças, colocado no mesmo patamar da professora de artesanato, quando mortos por um sujeito que a chamada de capa ainda oculta – o BOPE.

O conteúdo, assim como o que é sugerido na capa, propõe-se a explorar, principalmente, a vida dos passageiros e seus passos no dia da fatalidade, o fato ocorrido em si fica em um segundo plano.

Embora Sandro seja, sim, exposto como bandido, ambos são colocados no mesmo patamar de vítima, como pode-se constatar nos trechos (Época, 2000, anexo 16, p. 144-145).

(1) Às 14h16 os destinos de Sandro e de Geisa se cruzaram. Era obra do acaso. Por descaso, às 18h50 os dois estariam mortos.”

(2) Trechos do diário de Geisa e de uma redação escrita por Sandro, ainda criança, mostram como a vida transformou-os em personagens do sonho e da desesperança.

(3) "Desde os 7 anos ele lutava para não morrer. O extermínio virou política social no Brasil" lamenta a professora.³⁶

Em (1) temos a igualdade: os dois foram mortos por descaso mas, esse descaso seria por conta de quem? Da polícia? Das autoridades? Isso não é especificado.

Em (2) mais uma vez depara-se com uma comparação de igualdade: dois personagens do sonho e da desesperança. Quais sonhos? – a reportagem revela textos repletos de sonhos por parte de Geísa, mas não apresenta nenhuma perspectiva almejada por Sandro. Quanto a desesperança, poderia ser esse o motivo da falta de anseios do criminoso, mas Geísa mantinha as suas, que se findaram no ato de sua morte trágica.

O trecho (3) é o que deixa mais claro o teor de crítica às autoridades da reportagem, ao expor o sequestrador e a moça na mesma posição de vítima: o extermínio virou política social no Brasil.

O BOPE é citado por duas vezes na matéria, sendo a primeira no seguinte texto reproduzido de Época (2000, anexo 16, p. 147):

Polícias mal preparadas

Militares brasileiros ganham um terço do salário dos argentinos

- No Rio de Janeiro, o salário inicial de um PM é US\$ 222. Em Buenos Aires, US\$ 600 e em Nova York US\$ 2.914
- Todas as polícias militares do país têm tropas de elite como o Batalhão de Operações Especiais (Bope) do Rio. Essas tropas, porém, usam equipamentos obsoletos e treinam pouco. Mal remunerado e mal treinado, o policial erra em situações críticas.

Percebe-se que o BOPE está no mesmo quadro da polícia convencional, quadro da polícia mal treinada e mal paga (mais uma vez a falha é do sistema, que quem governa e administra). Em Veja o BOPE foi exposto como

³⁶ Lígia Costa Leite, pedagoga, então doutoranda no Canadá, coordenava o projeto Flor do Amanhã quando Sandro lá estava, aos 13 anos.

a melhor trapa de elite do país, em *Época* não, foi colocado no mesmo patamar da outras elites, um patamar não muito diferente das polícias comuns, já que usa equipamentos obsoletos e treina pouco (muito diferente do colocado após o filme **Tropa de Elite**).

Faz-se aqui, também, o levantamento dos semas do **despreparo** policial (lembrando que, aqui, BOPE e polícia são a mesma coisa) presentes na matéria:

/despreparo/: descaso; desesperança; extermínio; pesadelo; tragédias; morte; últimas horas de suas vidas; desfecho trágico; polícias mal preparadas; equipamentos obsoletos; treinam pouco; mal remunerado; mal treinado; erra em situações críticas; despreparo policial; final infeliz; descontrolado; errou o bandido; falhas policiais.

A segunda vez que o nome do BOPE aparece é para “qualificar” o policial que falhou e descrever o acontecido, em uma passagem que será reproduzida na íntegra, pois demonstra bem a imagem do batalhão e da polícia transmitida pela revista neste período:

Entrava em cena o despreparo policial. Marcelo Oliveira dos Santos, soldado do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio, protagonizou o final infeliz. Aos 27 anos, é soldado do grupo de elite da PM fluminense. Recebe o mesmo salário de um guarda de trânsito - R\$ 600. Descontrolado, com uma submetralhadora HK em punho, avançou contra Sandro e Geisa. Acertou a garota no rosto. Errou o bandido. Sandro atirou três vezes contra o corpo da refém. Acertou em todas. Outro tiro desferido pela polícia errou o bandido. Raspou em Geisa. O seqüestrador foi imobilizado. Levaram-no, ileso, para um camburão acompanhado por cinco policiais. Dez minutos depois, estava morto. Foi asfiziado pelo capitão Ricardo de Souza. Um inquérito apura as falhas policiais. (*Época*, 2000, anexo 16, p. 147)

Despreparo é o termo que abre a passagem, contrastando com a informação de tratar-se de um soldado do grupo de elite da PM, informa-se também que tal soldado, mesmo pertencente a um grupo de elite não tem seu

salário diferenciado, recebe o mesmo que um guarda de trânsito – mais uma crítica as autoridades responsáveis pela segurança no país – descontrolado, o que também denunciaria a falta de preparo, o soldado errou o bandido por duas vezes, atingindo, em ambas, a refém de raspão. Enquanto a polícia errou suas tentativas, Sandro acertou todas, desqualificando, mais ainda com esse contraste, a ação dos policiais. Outro embate também colocado, que merece destaque é: levaram-no ilesos, dez minutos depois, estava morto. Antes de apontar que foi asfixiado, o texto chama atenção pelos pares ileso/morto, parecendo algo realmente absurdo. E fecha com o adjetivo que resume não só o excerto, mas a matéria, que já está no final: falhas.

3.3. Paparapaparapapara clack bum

Findada a análise isolada de cada recorte do *corpus*, faz-se agora uma reflexão geral da imagem do BOPE transmitida pela imprensa e a sua mudança nesses dois espaços de tempo vinculados as condições de produção encontradas em cada suporte e período.

No primeiro recorte – após o filme **Tropa de Elite** – tem-se a imagem do “salvador da pátria” uma polícia superior a todas as outras, muito bem treinada e preparada, da qual não se espera erros, devido ao elevado padrão técnico – um modelo de solução aos problemas de segurança pública do país.

Já no segundo recorte – logo após o sequestro do ônibus 174 – essas atribuições são muito diferentes, o BOPE é, assim como as outras elites brasileiras, falho e despreparado.

Repare um quadro comparativo de algumas atribuições destinadas ao BOPE nos dois períodos:

Após o filme tropa de elite	Após o sequestro do ônibus 174
<p>/Técnica/ e /Bravura/: corpo; treinados para enfrentar; tomamos a Vila Cruzeiro; teste de condicionamento elite; responsável; prepara; segurança; enfrenta; certo; treinado; sem hesitar; habilitados para resolver situações críticas; selecionados; cursos; bem-sucedidos; curso de operações especiais; treinamento; autocontrole; seqüência de exercícios; aulas; exercícios; troféu; bravura; estar pronto; retomada; salvar um colega; sob fogo cerrado; conseguiu resgatar o companheiro; resgatar o físico; ser excelente; aprovação; avaliação médica e psicológica; prepara o policial.</p>	<p>/Despreparo/: policial imprudente; mais chocante cena de violência; drama; agonia; ação desastrosa; ação irresponsável; ação errada; hora errada; morte da refém; sentenciou à morte uma das reféns; atitude covarde; brutalidade; repulsa; barbárie; tragédia; tentou mata-lo; errou o alvo; erros flagrantes; desfecho desfavorável; teria cambaleado.</p>

Em uma primeira observação pode-se até afirmar que não se fala do mesmo grupo tamanha a dissonância dos discursos a cerca do mesmo objeto. Observando toda a condição de produção, porém, fica mais fácil entender tamanha mudança. Para isso, agora, trata-se dentro da ordem cronológica em que sugem os fatos e discursos.

Tanto **Veja** quanto **Época**, são revistas da direita nacional, escritas para um público leitor da classe média do país. No período em que o sequestro do ônibus ocorreu no Rio de Janeiro, ano de 2000, a precariedade da segurança pública encabeçava a lista de problemas a serem resolvidos pelos chefes da nação. A classe média clamava por providências.

Em 12 de junho de 2000, o Brasil parou para assistir a transmissão do sequestro do ônibus que fazia a linha Gávea/Central do Brasil e viu, ao vivo seu trágico desfecho com a morte de uma das reféns devido um erro da polícia.

O BOPE é a elite da PM fluminense, considerado a melhor tropa do país, inclusive, dando treinamento para várias outras. Ele não poderia errar, pois se o melhor comete um erro fatal, como o que o Brasil todo presenciou, o que dizer de todo o sistema de segurança pública nacional? – Esse é o pensamento desse período, em que o discurso da imprensa acerca do BOPE reflete a formação ideológica das revistas e de seu outro, o leitor.

Em 2007 os mesmos problemas com tráfico, violência e questões diversas com a criminalidade ainda não haviam sido sanados, porém, um filme lança, nacionalmente, um nome que, a maioria das pessoas não cariocas nem lembrava de ter ouvido antes, o BOPE, como a grande solução, tendo em Capitão Nascimento o seu grande herói.

Agora a elite apresentada não é mais falha e despreparada, pelo contrário, é um exemplo de técnica e bravura.

Toda imprensa nacional se rende ao apelo cinematográfico, incluindo os suportes aqui em estudo – **Veja** e **Época** –, e seus discursos são reflexos da formação ideológica de um público, a mesma classe média de 2000, que agora tem a esperança de encontrar uma solução, sem se dar conta de que o herói de

agora foi, anos antes, tomado por eles mesmos como o exemplo da precariedade da segurança do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho foram analisados discursos acerca do Batalhão de Operações Policiais Especiais da polícia militar do estado do Rio de Janeiro, através de publicações em duas das maiores revistas semanais do Brasil, **Veja** e **Época**, no decorrer de dois espaços temporais, logo após a divulgação do filme **Tropa de Elite** e na semana após o sequestro do ônibus 174, por meio dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso francesa, principalmente nos estudos de seu fundador, Michel Pêcheux, mas contando também com propostas de autores contemporâneos como Dominique Maingueneau, Eni Orlandi e Sírio Possenti.

A escolha desses dois suportes se deu pelo fato de serem as duas revistas de maior circulação no país, já que se trata de uma “amostragem” dos discursos que proliferaram quase como uma unanimidade da mídia nas duas épocas em questão, à respeito do Batalhão.

O que chama a atenção, a ponto de desenvolver-se o trabalho aqui proposto, é o fato de a grande dissonância dos atributos destinados ao BOPE nessas duas situações, adjetivos tão contraditórios que chegam a parecer que não tratam do mesmo sujeito.

Tinha-se de início a seguinte hipótese: de que, sustentando tais posicionamentos, houvesse discursos de legitimação política. O que agora, após a análise, pode ser refletido com mais maturidade.

Como visto, em 2000 a segurança pública era um problema em evidência, o governo de Fernando Henrique Cardoso estava sendo pressionado a lançar o prometido plano nacional de segurança e investir mais no combate ao

crime (anexo...). O sequestro, televisionado ao vivo e com o desfecho tão trágico inflamou a população que, juntamente com a mídia e por meio dela, utilizou o fato como uma forma de pressionar as autoridades competentes. O caso gerou um grande desgaste à imagem do BOPE (embora, em âmbito nacional, falava-se mais em PM do que em BOPE, especificamente), o grupo falhou, e foi bastante criticado. Já que se tratava do melhor do país, o que esperar dos demais grupos policiais então?

A tragédia gerou também um documentário dirigido por José Padilha, em que o diretor contou com a colaboração de diversos policiais do Batalhão de Elite, sobretudo com Rodrigo Pimentel, que fez a ligação entre direção e colegas. Rodrigo alega que a intenção era dar voz de resposta aos homens que foram tachados pela imprensa, mostrar a sua versão, mas ficou muito decepcionado com o resultado final que focou Sandro Nascimento como uma vítima da sociedade e não provocou, como esperava, uma melhora significativa à imagem manchada do Batalhão.

Padilha viu-se em dívida com esses homens e comprometeu-se em mostrar a versão dos policiais. Nasce então um herói nacional: Capitão Nascimento, que, conforme divulgado, é um apanhado geral dos policiais do BOPE, todos eles poderiam se ver refletidos no personagem de Wagner Moura.

A sociedade, principalmente a classe média, que continuava a sofrer com a criminalidade adota imediatamente para si o modelo de polícia apresentado como solução e nem se lembra mais que se trata do mesmo grupo hostilizado há sete anos atrás.

O mesmo BOPE que antes foi tido como mal treinado e descontrolado agora é a melhor tropa, com seleção rígida e treinamento duro que os leva a uma quase perfeição.

É bem verdade que quando o ocorrido envolvendo polícia, Sandro e Geísa é lembrado, ainda que discretamente, a falha policial vem à memória, mas a lembrança vem sempre seguida pela justificativa de que foi o único registro de sequestro findado em morte de refém atendido pelo BOPE que, após a tragédia, acrescentou em seu treinamento mais dois meses especificamente para se dedicar ao preparo em situações de sequestro, para que o erro não mais voltasse a acontecer.

Será que o BOPE de 2000 é realmente tão diferente do de 2007?

Certamente nem o de antes era tão mal preparado quanto o estampado pela falha do sequestro, e nem o de depois tão perfeito e imbatível quanto o vislumbrado nas cenas cinematográficas.

Conforme pode-se observar, no decorrer da análise, houve realmente uma sustentação política nos discursos divulgados nos dois períodos. No primeiro período, após o sequestro, nota-se interesse em pressionar uma revolução nas políticas de segurança e aumentar os investimentos do governo nessa área. Já nos discursos após o filme, percebe-se a busca de refletir no BOPE a esperança de uma solução aos problemas com a criminalidade, também servindo como uma compensação a esses homens que em 2000 foram tratados como o espelho da falha do sistema de segurança de toda a nação.

A dívida direta e assumida com os homens de preto seria de Padilha, pela colaboração deles com o noticiário, mas na verdade toda a imprensa nacional também participou desse débito, já que fez uso de sua falha para atingir

outros objetivos, não poupando, para isso, todo o grupo, fazendo-os parecer uma elite sempre fracassada e incompetente.

Em 2007 é lançado o filme **Tropa de Elite**, também com a parceria do mesmo Rodrigo Pimentel, que colaborou com noticiário de 2000 e reclamou de seu resultado final que, segundo ele, não destacou o ponto de vista do policial e sim do sequestrador/vítima. Padilha dá, então, em sua ficção cinematográfica, voz a esses profissionais, mostrando a posição do policial que tem família, sofre pressões, tem preocupações, anseios e sofrimento.

O filme, contudo, apresenta um BOPE provido de muita técnica, compensando também a imagem da elite falha e despreparada tão proclamada no episódio com o ônibus 174. A partir daí, o diretor oportuniza também à toda imprensa a possibilidade de retratar-se com a Elite da PM fluminense que adotou o grupo como a atual solução para a segurança do país, um modelo de técnica e bravura a ser seguido em todo Brasil e até no mundo.

Ressalta-se que os atributos de técnica e bravura é que são exautados nos discursos em circulação, a questões de atos como o dá tortura são considerados extremismos e, inclusive, questionados nos textos dá imprensa se fazem realmete parte da rotina dos homens de preto ou tratam-se apenas de atrativos cinematográficos.

Trabalhos como essa dissertação têm por objetivo promover questionamentos acerca da importância do desenvolvimento de leituras críticas dos discursos absorvidos, principalmente dos que chegam de forma tão abrangente pela mídia, como os que formam esse *corpus*, levando a uma reflexão em torno da grande colaboração das ciências do discurso para contribuir com o desenvolvimento do olhar questionador do pesquisador e também dos

professores em geral, que deveriam sempre ser pesquisadores, para que este possam transmitir a seus alunos a necessidade de lerem com eficácia, não apenas decodificando o código, mas buscando nas entrelinhas e no contexto a verdadeira mensagem que lhe é transmitida, lembrando que, de acordo com a teoria desenvolvida por Pêcheux, não existe discurso isento de ideologia, devendo-se sempre lê-los sem se esquecer de atentar-se às condições de produção e os questionamentos das formulações imaginárias, realizando assim, uma leitura menos ingênua e mais crítica.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Silvana. **Após "Ônibus 174", Padilha filma roteiro de PM.** In: www.folha.uol.com.br/folha/ilustrada. Publicado em 13 de fev. de 2006. Acessado em 10 de abr. de 2010, às 22h17.

ARANTES, Silvana. **"Tropa de Elite" de José Padilha explica porque polícia "é o que é".** In: www.folha.uol.com.br/folha/ilustrada. Publicado em 29 de dez. de 2006. Acessado em 25 de mar. de 2010, às 19h22.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido.** Porto Alegre: EdipucRS, 2004. 158p.

AZEVEDO, Reinaldo. **Capitão Nascimento bate no bonde do Foucault.** Veja, 17 out. 2007.

AZEVEDO, Solange; FERNANDES, Nelito; MENDONÇA, Martha; PEREIRA, Rafael. **Polícia, Drogas, Ação.** In: *Época* 24 set. 2007.

BRISOLLA, Fabio. **Diários de guerra.** In: *Veja Rio on line*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/vejarj>. Publicado em 06 de jun. de 2007. Acessado em 23 de mar. 2008, às 19:32h.

Carandiru. Produção de Hector Babenco. Brasil: Globo filmes, 2003, 1 DVD (147 minutos):): DVD, NTSC, son., col., com narrativas. Port.

CARNEIRO, Marcelo. **A realidade, só a realidade.** Veja 17 out. 2007.

CARNEIRO, Marcelo; FRANÇA, Ronaldo. **A Gota d'água**. In: *Veja Rio on line*. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/vejarj>. Publicado em 06 de jun. de 2007. Acessado em 23 de mar. 2008, às 19:32h.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Trad. Fabiana Komesu. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008. 555p.

Cidade de Deus. . Produção de Fernando Meireles. Brasil: 02 filmes e Globo filmes, 2002, 1 DVD (130 minutos):): DVD, NTSC, son., col., com narrativas. Port.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas: Mercado das Letras, 2007. 247p.

FERNANDES, Nelito. **O apoio a violência é preocupante**. *Época*: 15 out. 2007.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006. 144p.

FOULCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves; 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009 (1969). 236p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete; 36 ed.; Petrópolis: Vozes, 2009 (1975). 291p.

FREITAS, Ronald; FURTADO, Bernardino; GUERREIROS, Pedro Mota; PAIVA, Anabela; WEIS, Bruno. **Passageiros do horror**. *Época*, 19 jun. 2000.

GRANJEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. **A propósito do conceito de formação discursiva em Michel Foucault e Michel Pêcheux.** In: www.discurso.ufrgs.br. Acessado em 02 de mai. de 2010, as 09h02.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da análise do discurso: diálogos e duelos.** São Carlos: ClaraLuz, 2004. 220p.

Guerra do tráfico no Rio repercute na imprensa internacional. In: www.oglobo.globo.com/rio. Publicado em 22 de out. de 2009. Acessado em 18 de mai. de 2010, às 23h01.

<http://www.boperj.org/index.htm>. Acessado em 28 jul. 2008, às 22h22.

<http://www.jornal.valeparaibano.com.br/2002/12/12/geral/onibus.html>. Acessado em 25/05/2009, às 18h05.

<http://www.luizeduardosoares.com.br>. Acessado em 02 jul. 2008, às 19h30.

ISQUIERDO, Silvia. **Recorde de contraversão.** Veja, 17 out. 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos.** Trad. Sírio Possenti; São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (1984). 184p.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso.** 3ed. Campinas: Pontes - Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997 (1987). 198p.

MARQUES, Heitor Romeiro Marques. **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico.** 2ed. Campo Grande: UCDB, 2006. 130p.

MUSSALIM, Fernanda. **Análise do Discurso**. In MUSSALIM F., Bentes, A. C, orgs., 5ed. São Paulo: Cortez, 2006 (2004) v.2. 101-142p.

Notícias de Uma Guerra Particular. Produção de Kátia Lund; João Moreira. Rio de Janeiro: Videofilmes, 1999, 1 DVD (57 minutos) DVD, NTSC, son., col., com narrativas. Port.

Sales. Rio de Janeiro: Videofilmes, 1998, 1 DVD (56 minutos) DVD, NTSC, son., col., com narrativas. Port.

Ônibus 174. Produção de José Padilha. Rio de Janeiro: Riofilme, 2002, 1 DVD (133 minutos) DVD, NTSC, son., col., com narrativas. Port.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 4 ed. Campinas: Pontes, 2002 (1999). 100p.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso (AAD-69)**. Trad. E.P. Orlandi. In GADET, F. & HAK, T. (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi; Lourenço Chacon Jurado Filho; Manoel Luiz Gonçalves Corrêa; Silvana Mabel Serrani. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2009 (1975), 287p.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. **A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e perspectivas** (1975). In HAK, T; GADET, F. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux. Capinas: Ed. Unicamp, 1997.

PERRONI, Marcelo. “**A plateia ama o Nascimento. Eu, não.**” In: zerohora.clicrbs.com.br/zerohora, Porto Alegre. Publicado em 27 de set. de 2007. Acessado em 28 de out. 2009, às 14h32.

POSSENTI, Sírio. **Observação sobre interdiscurso.** Revista Letras, Curitiba, In. 61, especial, p. 253-269, 2003. Editora UFPR

POSSENTI, Sírio. **Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas.** In MUSSALIM F., Bentes, A. C, (org.) Introdução a Linguística. 3ed. São Paulo: Cortez, 2007 (2004). V 3. 353-392p.

pt.wikipedia.org. Acessado em 03 de jun. de 2010, às 21h00.

RAMOS, Camila Souza. **A tropa e sua elite.** Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/espinal/noosfera33b.htm>. out-nov-dez de 2007. Acessado em 22 jul. 2008, às 21h01.

sites.google.com/site/luisnassif. Acessado em 03 de jun. de 2010, às 23h08.

SOARES, Luiz Eduardo; BATISTA, André; PIMENTEL, Rodrigo. **Elite da Tropa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 315p.

SOARES, Ronaldo. **Máquina letal contra o crime.** In: Veja, 17 out. 2007.

TROPA de Elite. Produção de José Padilha. Rio de Janeiro: Zanzen Produções, 2007. 1 DVD (113 minutos): DVD, NTSC, son., col., com narrativas. Port.

ÚLTIMA parada 174. Produção de Patrick Siaretta, Paulo Dantas, Roberto D'Ávila, Jerome Merle, Bruno Barreto, Antoine de Clermont. Brasil/França:

Paramount Pictures Brasil, 2008. 1 DVD (114 minutos): DVD, NTSC, son., col., com narrativas. Port.

Um olhar sensível para uma realidade brutal. In [www.
http://agenciariff.com.br/entrevistas](http://www.agenciariff.com.br/entrevistas). Acessado em 28 jul. 2008, às 20h58.

XIMENES, Sérgio. 3 ed. ver. E ampl. São Paulo, SP: Ediouro, 2001 (1954)

ANEXOS

Anexo 1

Veja Rio *on line*, 06 de jun. 2007

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/vejarj>. Acessado em 23 de mar. 2008, às 19:32h



Anexo 2

Veja Rio *on line*, 06 de jun. 2007

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/vejarj>. Acessado em 23 de mar. 2008, às 19:32h



SEGURANÇA PÚBLICA

Diários de guerra

Quem são os policiais do Bope, a tropa de elite da PM que enfrenta uma guerra sem fim contra o tráfico nas favelas cariocas

Fabio Brisolla

Ricardo

Fasanello/Strana



Tropa do Grupo de Resgate e Retomada (GRR), divisão do Bope: coletes à prova de bala, fuzis Colt e pistolas 9 milímetros

Manhã no Morro de São Carlos, no Estácio. A equipe do Bope, o Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar, desembarca com a missão de capturar Gilson Ramos da Silva, o "Aritana", chefe do tráfico local e um dos bandidos mais procurados pela polícia carioca. Doze horas depois, já ao entardecer, Aritana aparece no visor do atirador de elite da tropa. O sniper, como é chamado, estava em um ponto estratégico da favela, para dar cobertura aos colegas de equipe, quando identificou o traficante. Aritana carregava um fuzil AK 47 e se preparava para atacar os policiais que subiam o morro. O traficante atirou. No instante seguinte, foi morto com um certeiro tiro de fuzil no peito, disparado a 90 metros de distância pelo sniper. O episódio, ocorrido em março de 2006, foi relatado a *Veja Rio* pelo próprio atirador (*veja foto abaixo*), que mantém sua identidade em sigilo por questão de segurança. Pela natureza de seu trabalho, os policiais do Bope evitam aparecer. Eles são os protagonistas da interminável e terrível guerra contra os traficantes na cidade. De um mês para cá, os cenários das batalhas têm sido a Vila Cruzeiro, no bairro da Penha, e as favelas do Complexo do Alemão – um combate que, até terça-feira passada (29), apresentava como saldo dezessete mortos e mais de cinquenta feridos por balas perdidas e estilhaços de granada.

"Não é fácil tomar a decisão de apertar um gatilho e tirar a vida de alguém", diz o sniper. "Você não sente pela morte de um traficante, mas por saber que ele tem uma família." O dilema, porém, não chega a tirar o sono do atirador. Quem veste o uniforme preto da tropa é treinado para viver na linha de fogo. Sem hesitar. O Bope é a elite da Polícia Militar, com policiais habilitados para resolver situações críticas em zonas urbanas. São 380 homens selecionados com base em dois cursos de admissão. O mais curto, com dois meses de duração, é voltado para ações táticas em casos de resgate de reféns e foi criado após o dramático seqüestro do ônibus 174, em junho de 2000. Na ocasião, a ação do Bope resultou na morte de uma passageira, atingida por um disparo errado de um policial. "Depois do 174, tivemos 39 ocorrências com reféns no Rio. Em todas fomos bem-sucedidos", afirma o capitão Gilmar Tramontini, de 30 anos, responsável pelo Grupo de Resgate e Retomada (GRR) do Bope. Nos Jogos Pan-Americanos, quarenta policiais do GRR trabalharão em conjunto com outros quarenta agentes federais na Unidade Contra Terrorismo.

André Nazareth/Strana



O atirador de elite do Bope que acertou o traficante Aritana com um disparo a 90 metros de distância: "Apertar um gatilho e tirar a vida de alguém é muito difícil. Não é fácil matar uma pessoa"

O outro cartão de acesso ao Bope é bem mais difícil de ser obtido. Em cada dez alunos, apenas dois concluem o curso de operações especiais, voltado para as ações dentro das favelas. O treinamento dura de três a cinco meses e 90% dos desistentes saem nos dez primeiros dias, no período batizado de "Semana do Inferno". "Você desmitifica a experiência de tomar um soco na cara", explica o tenente-coronel Alberto Pinheiro Neto, atual comandante do Bope. "E isso é preciso para testar sua agressividade e seu autocontrole." O tal inferno começa em uma área de treinamento próxima à Represa de Ribeirão das Lages, no município de Barra do Piraí, a 124 quilômetros do Rio. O aluno alterna uma seqüência de exercícios físicos e aulas de luta. Todos os dias, os candidatos correm 15 quilômetros vestidos com o uniforme completo, carregando mochila e fuzil. Em boa parte das atividades do curso, sempre realizado no inverno, o aluno é obrigado a cair na água gelada da represa. Mesmo encharcado e com frio, ele tem de continuar os exercícios. Algumas vezes, o pretendente à vaga no Bope chega a ficar três horas dentro da água. Não são raros os casos de hipotermia – diminuição excessiva da temperatura normal do corpo –, e por isso os treinos têm acompanhamento de médico. "Se o cara passa mal, é atendido na hora, mas assim que os sintomas desaparecem ele volta para a água", conta um ex-aluno. Após um dia inteiro de exercícios puxados, começam as aulas teóricas em sala de aula. Muitas vezes as instruções se estendem madrugada adentro.

Tasso

Marcelo/AE



Caveirão em ação, no último dia 23: blindado arrasta veículo usado como barricada na Grotá

O inferno tem trilha sonora. Enquanto fazem os exercícios, os alunos entoam versos tradicionais da tropa:

feijão, carne e massa. Tudo misturado, formando uma pasta. "Se demorar para pegar a comida, ela é jogada no chão. E aí, se quiser comer, tem de ser aquela mesmo", relata outro aluno. Passado o inferno, os sobreviventes enfrentam treinamentos específicos, como cursos de tiro, mergulho e intervenção tática. Na fase final, há o teste de luta, no qual o aluno enfrenta até cinco adversários ao mesmo tempo. "Convidamos lutadores profissionais de vale-tudo e jiu-jítsu para enfrentar os candidatos", diz o comandante Pinheiro Neto. Segundo um ex-participante, alguns alunos saem desfigurados do confronto. Fraturas no nariz são corriqueiras.



André Nazareth/Strana
O tenente Nascimento, um dos policiais treinados para operações em favelas: "Quando somos chamados, sabemos que tudo já foi tentado. Se a gente não resolver, ninguém mais vai conseguir"

Ao fim do curso de Operações Especiais, os sobreviventes recebem o esperado troféu: uma pequena caveira de metal dourado, com uma faca cravada no crânio, o símbolo do Bope. São admitidos com um salário inicial de 1 200 reais. No portão de entrada da sede da corporação, no alto de Laranjeiras, há uma grande placa com a imagem da caveira e um aviso: "Seja bem-vindo, visitante. Mas não faça movimentos bruscos!". No amplo salão de entrada, com vista panorâmica da Zona Sul, outra enorme caveira acaba de ser pintada na parede, sobre um fundo preto. "Ficou bonito, não?", pergunta um policial. Para os moradores das favelas, a chegada do veículo blindado com a tal caveira pintada – o famoso Caveirão – é sinônimo de pânico. Faz cinco anos que o blindado, à prova de tiros de fuzil AK 47, vem sendo usado em incursões nos morros da cidade.

Por onde passa, o Caveirão é bombardeado por granadas e tiros de fuzil. Para o morador, sua aparição significa o início de uma guerra. Não faltam relatos sobre supostos atos de violência do Bope contra a população civil. Do alto-falante que equipa o blindado, dizem os moradores, saem frases ameaçadoras. Na varanda de casa, na favela da Grota, de onde vê quando o veículo se aproxima, dona Marisa (nome fictício) pergunta à neta de 2 anos: "O que o Caveirão diz quando chega?". "Sai da frente, f.d.p.", responde a menina, com olhar assustado. *Veja Rio* esteve na Vila Cruzeiro e na Grota, no Complexo do Alemão, e conversou com moradores sobre a guerra das últimas semanas. Eles dizem que os policiais estariam atirando nos transformadores da Light durante as incursões, o que deixaria as favelas às escuras. De acordo com o comando do Bope, os tiros são disparados pelos traficantes. Na guerra de versões, os policiais afirmam que a violência do tráfico é minimizada pelos moradores por medo de represálias. "Todo mundo diz que eles estão mais bem armados e têm mais munição do que a polícia. E o tiro em inocentes é sempre o nosso? Seria muita falta de sorte, não?", questiona o soldado Luiz Cláudio Carvalho Ros, de 33 anos, que acaba de ser promovido por bravura.



O capitão Tramontini (*no centro*) comanda o treino da unidade contra o terrorismo que vai atuar nos Jogos Pan-Americanos: "Precisamos estar prontos para ações de retomada em barcas, ônibus e no metrô"

Ros entrou na linha de fogo para tentar salvar um colega de equipe no segundo dia da operação na Vila Cruzeiro. Eram 9 horas quando a equipe chegou à entrada da favela. O tiroteio começou e o soldado Wilson Santana Lopes, de 28 anos, decidiu atravessar a rua para se abrigar na outra esquina. Foi atingido. Ros pegou o ônibus de transporte da tropa, que não é blindado, e cruzou a rua, sob fogo cerrado. Conseguiu resgatar o companheiro, mas já era tarde. "Toda vez que me deito para dormir, a cena volta", revela. Ros continuou na favela por mais doze horas após resgatar o corpo de Lopes. "É muito difícil manter o controle emocional quando um colega é baleado", reconhece o sargento Daniel da Silva Rocca, da equipe do soldado Lopes. "Só que somos treinados para enfrentar esse tipo de situação", explica. "Nosso ímpeto aumentou muito depois da morte e em minutos tomamos a Vila Cruzeiro. Matar um policial do Bope não é um bom negócio", diz o comandante Pinheiro Neto. O tenente Jaguaribe do Nascimento Ferreira, de 27 anos, define a rotina dos homens de preto: "O Rio não está em guerra. Mas, quando chegamos a uma favela, é vida ou morte".

OS HOMENS DE PRETO

Para ingressar: é preciso ser policial militar há pelo menos dois anos. Antes de ser admitido no curso de treinamento, o candidato passa por teste de condicionamento físico – que precisa ser excelente para a aprovação –, avaliação médica e psicológica.

O treinamento: há dois tipos de curso, voltados para cada uma das divisões do batalhão.

■Curso de ações táticas: dura dois meses e é direcionado ao resgate de reféns. Os policiais dessa divisão estão escalados para a unidade contra terrorismo nos Jogos Pan-Americanos.

■Curso de operações especiais: de três a cinco meses, prepara o policial para intervenções em áreas de conflito, como situações críticas semelhantes às enfrentadas nas favelas do Complexo do Alemão.

Horário de serviço: turno de 24 horas seguido por 72 horas de folga.

Salário: os soldados ganham 1 200 reais e os tenentes, 2 500 reais (*valores líquidos*).

O trabalho: há, no mínimo, uma operação por dia em alguma favela da cidade.

Equipamentos: nas operações em favelas, cada policial usa colete à prova de balas, fuzil Fal com oito carregadores de trinta cartuchos, uma pistola .40 e uma faca. Neste mês, o batalhão deve receber seis modelos do fuzil-metralhadora belga FN Minimi, que tem capacidade para dar até 1 000 tiros por minuto. As armas ficarão com a unidade contra o terrorismo durante o Pan e depois serão utilizadas nas operações em favelas.

A música: os versos cantados pelos policiais do Bope durante os exercícios físicos estão em várias versões na internet, em sites como o YouTube. Um dos trechos da letra

*Cachorro latindo
Criança chorando
Vagabundo vazando
É o Bope chegando
Tropa de elite, osso duro de roer
Pega um, pega geral, também vai pegar você*

Ricardo Fasanello/Strana



O batalhão nas telas de cinema

Divulgação



Cena de *Tropa de Elite*: a violência vista pelos policiais

Até o fim do ano, o Bope deve chegar às telas de cinema. Depois de dirigir em 2002 o documentário *Ônibus 174*, sobre a malsucedida operação de resgate de reféns feita pela corporação em 2001, o cineasta José Padilha fez agora um filme de ficção. Com um custo de produção estimado em 10,5 milhões de reais, *Tropa de Elite* tem como protagonista o ator Wagner Moura, no papel de um oficial do Bope. Para cuidar dos efeitos especiais, como tiros e explosões, Padilha chamou o especialista Phil Nelson, coordenador de dublês do filme *Falcão Negro em Perigo*, de Ridley Scott. "O filme aborda o problema da violência urbana do ponto de vista dos policiais", explica o diretor.

Anexo 3

Veja, edição 2030
17 de outubro de 2007



Anexo 4

Veja, edição 2030
17 de outubro de 2007

Especial

A realidade, só a realidade

***Tropa de Elite*, o filme mais visto e mais comentado da história do cinema brasileiro, é uma obra de ficção. Mas retrata com uma fidelidade jamais vista como a criminalidade degradou o Brasil de alto a baixo**

Marcelo Carneiro

Divulgação



Para ser qualificada de grande, uma obra de arte precisa estabelecer conexões profundas com as pessoas. Ao analisar o papel das tragédias teatrais, por exemplo, o filósofo grego Aristóteles concluiu que elas acabavam por purificar os espectadores quando lhes causavam sentimentos de terror e compaixão. Isso porque, depois de experimentá-los, as pessoas saíam aliviadas, purgadas dos próprios pesadelos. Aristóteles chamou a isso catarse. O tipo de conexão proporcionado por *Tropa de Elite*, do diretor José Padilha, é de outra ordem. Trata-se de um grande filme justamente pelo contrário: ele não

concede válvulas de escape ao retratar como a criminalidade degradou o país de alto a baixo. O pesadelo real ganha ainda mais nitidez. A sociedade brasileira, pelo jeito, ansiava por esse tapa na cara dado pelo capitão Nascimento, o policial interpretado magistralmente por Wagner Moura. Lançado há apenas duas semanas, *Tropa de Elite* já é o filme mais visto e comentado da história do cinema brasileiro. As salas de

VEJA TAMBÉM

Nesta edição

- [Abaixo a mitologia da bandidagem](#)
- [Recorde de contravenção](#)
- [Máquina letal contra o crime](#)
- [Artigo: Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault](#)

Da internet

- [Trailer do filme](#)

exibição lotam em todas as sessões e estima-se que mais de 11 milhões de pessoas tenham assistido ao filme em DVDs piratas que inundaram os camelôs de várias capitais do país (*veja reportagem*). Gírias policiais reproduzidas no filme e trechos de diálogos entre os personagens – como "pegou geral" e "01 pede pra sair" – tornaram-se bordões repetidos nas mais diversas situações.

O assunto da obra do diretor José Padilha é a guerra diuturna que a polícia carioca move contra os traficantes de drogas encastelados nos morros favelizados da cidade. Mais especificamente o Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), a tropa de elite do título. O tráfico de drogas, o nervo mais exposto de um país em desordem e refém do medo (*veja o quadro*), é tema comum na cinematografia nacional recente. A diferença é que esse filme o aborda pondo os pingos nos is. Bandidos são bandidos, e não "vítimas da questão social". Há policiais corruptos, mas também muitos que são honestos. Se existem traficantes de cocaína e maconha, é porque há milhares de consumidores que os bancam. Muitos desses consumidores, aliás, são aqueles mesmos que fazem "passeatas pela paz" e compactuam com a bandidagem para abrir ONGs em favelas. Por último, a brutalidade de alguns policiais pode ser explicada pelo grau de penúria e abandono que o estado lhes reserva.

Fotos Ricardo Moraes/AP



MISSÃO DADA É MISSÃO CUMPRIDA
Policiais do Bope carregam corpo de traficante morto em confronto: tropa treinada para não fazer reféns

Ditas de maneira tão simples, essas verdades parecem de uma obviedade ululante. E são. Mas o Brasil, infelizmente, é um país de idéias fora do lugar por causa da afecção ideológica esquerdista que inverte papéis, transformando criminosos em mocinhos e mocinhos em criminosos. Aqui, a "questão social" é justificativa para roubos, assassinatos e toda sorte de crime e contravenção – mesmo quando praticados por quadrilhas especializadas, compostas por integrantes que nada têm de coitadinhos. O apresentador Luciano Huck que o diga. Dois ladrões roubaram-lhe um relógio caro em São Paulo e ele, indignado, atreveu-se a escrever um artigo no jornal *Folha de S. Paulo* para reclamar da falta de segurança. Por ser um homem rico, da elite, Huck

sofre um linchamento moral. Há até quem pergunte se ele "mereceu ser roubado". Existe quem mereça?



UM PAÍS COM MEDO
 Cidadãos na linha de tiro, em confronto entre policiais e bandidos no Rio de Janeiro: para a maioria esmagadora da população, não há dúvida de quem são os vilões

Tentaram fazer o mesmo com *Tropa de Elite*. Os ideólogos que o rotularam de "fascista" viram-se, porém, obrigados a dobrar-se ao sucesso do filme. Na semana passada, a pedido de VEJA, o instituto Vox Populi realizou uma pesquisa para medir o impacto de *Tropa de Elite* nos espectadores. Os resultados indicam por que o filme é arrebatador. Na opinião de 72% dos entrevistados, os criminosos que aparecem no filme são tratados como merecem. Quase 80% deles concordam que a polícia é apresentada com fidelidade – ou seja, tem uma banda podre e uma banda boa. *Tropa de Elite* agrada também por abordar a responsabilidade dos usuários de drogas sem meias palavras. O capitão Nascimento diz que o "playboy" que fuma um cigarro de maconha é o responsável pela morte de um traficante abatido pelo Bope. A afirmação encontra eco na população. Para 85% dos espectadores, o raciocínio do capitão Nascimento está correto. O policial vivido por Wagner Moura ganhou enorme popularidade, mas isso não significa que todas as pessoas enxerguem num Rambo a solução para problema tão complexo como o da criminalidade. Na opinião de 53% dos entrevistados, o capitão é um herói, mas 43% rejeitam essa idéia, embora o vejam com relativa simpatia. As características do personagem ajudam a explicar tal divisão. Nascimento é um ser humano devastado. Sofre de síndrome do pânico, consome vorazmente remédios de tarja preta e suas explosões freqüentemente resultam em ações que extrapolam o manual do Bope.

Na pesquisa encomendada por VEJA, chama atenção o fato de 51% dos espectadores desaprovarem a tortura como um meio de extrair confissões de criminosos. É uma maioria pequena – 47% aprovam esse método desumano –, mas que aponta no sentido da civilização. Seria até de esperar que o desespero dos brasileiros em relação à segurança se traduzisse numa proporção ainda mais larga de pessoas adeptas da tortura policial. É bom que se diga: em nenhum momento, *Tropa de Elite* legitima o uso da tortura, o que seria deplorável. Apenas mostra como o descaso e a barbárie podem animalizar agentes da lei. "Como está dito no filme, o policial tem três

escolhas: ou ele se corrompe, ou se omite ou vai para a guerra", afirma o diretor José Padilha. O Brasil só tem duas escolhas: ou derrota os criminosos ou é derrotado por eles. Pela acolhida que o filme está recebendo, os brasileiros não têm a menor dúvida do caminho a seguir.



Com reportagem de Karin Hueck, Juliana Linhares, Naiara Magalhães e Ronaldo França

Anexo 5

Veja, edição 2030
17 de outubro de 2007

Especial

Abaixo a mitologia da bandidagem

Tropa de Elite não rompe só com a tradição nacional de narrar uma história do ponto de vista do bandido: rompe com a visão pia e romantizada do criminoso

Isabela Boscov

Fotos divulgação e Embrasil



DE REBELDES A MAUS ELEMENTOS

Paulo Villaça em *O Bandido da Luz Vermelha*, de 1968, e Reginaldo Faria em *Lúcio Flávio*, de 1977: criminosos sem dúvida, mas também inconformistas, uma visão que *Cidade de Deus* (acima) começou a desmistificar

VEJA TAMBÉM

Nesta edição

- [A realidade, só a realidade](#)
- [Recorde de contravenção](#)
- [Máquina letal contra o crime](#)
- [Artigo: Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault](#)

Cenas chocantes não faltam em *Tropa de Elite*. Uma delas é abissal – não pela violência, mas pela inversão moral que representa. Baiano, chefe do tráfico em um morro, descobre que Matias, o namorado de uma estudante que trabalha numa ONG na favela (e que consome sua mercadoria), é policial. Baiano encurrula a moça e os amigos dela, exigindo uma resposta: com quem, afinal, eles "fecham"? Com ele ou com a polícia? Com ele, é claro, responde o contingente zona-sul. Que fala com sinceridade, não apenas por medo, mas porque a esses garotos e garotas de fato parece impensável alinhar-se com a autoridade e seu suposto fascismo.

Da internet
• [Trailer do filme](#)

Também o cinema brasileiro "fechou" com os bandidos. Ele os prefere por razões que vão de hábitos criativos à ideologia e às circunstâncias históricas do Brasil – remotas e presentes. A romantização do crime teve seu primeiro momento forte nas décadas de 60 e 70, quando a ditadura militar deu à autoridade policial contorno arbitrário. *O Bandido da Luz Vermelha*, *O Assalto ao Trem Pagador* e *Lúcio Flávio – O Passageiro da Agonia* marcaram época nas salas de exibição. Hoje, de *Cidade de Deus* e *Carandiru a Cidade dos Homens*, a vida do ponto de vista do crime, ou de quem existe na sua proximidade, permanece talvez o maior tema do cinema nacional. *Tropa de Elite* é uma exceção no empenho em observar o caos brasileiro por um prisma diverso.

A missão que *Tropa de Elite* cumpre agora foi iniciada por *Cidade de Deus*, que desmantelou os estereótipos do criminoso coitado e do bandido camarada (figuras que, logo a seguir, *Carandiru* reinstauraria com veemência). No cinema da "retomada", o filme de Fernando Meirelles foi pioneiro em demonstrar que o crime tem, sim, mil maneiras de seduzir jovens e pobres – mas, salvo uma minoria, a quem as circunstâncias acuciam de modo inescapável, pode-se não *aceitar* esse convite. Esse raciocínio domina também *Tropa de Elite*. Meirelles e Padilha, assim, estão solitários no seu rompimento com a visão praticada pela maioria dos cineastas brasileiros. A qual, em última análise, mitiga sempre a opção pelo crime em face da pobreza e "alivia" o bandido mesmo quando não haveria o que "aliviar".

Resumir toda a atitude de uma cinematografia perante a lei, a autoridade e a Justiça obriga a generalizações. Mas o que se obtém de um balanço entre o cinema nacional e o cinema americano são concepções opostas do lugar que a lei ocupa na sociedade. Desde os velhos faroestes, a produção americana é dominada pela idéia de contrato social: o país só nasce e subsiste na medida em que os homens abdicam de fazer justiça pelas próprias mãos e transferem esse poder aos "homens da lei". Esse pacto pode ser traído, subvertido, posto em questão – por facínoras, xerifes corruptos ou justiceiros. No entanto, o importante é reafirmá-lo e, assim, preservar a sociedade.

Isso não é sinônimo de maniqueísmo. O cinema americano comporta uma miríade de retratos de criminosos e de policiais, dos mais esquemáticos aos mais matizados. O que o distingue do brasileiro é que ele provavelmente retrata mais policiais do que criminosos – e não só em filmes do gênero. Com grande frequência, o policial conduz dramas, porque é possível enxergar nele, honesto ou corrupto que seja, um personagem rico em dilemas – não apenas a figura do bufão, do sebo ou do fascista, tão comuns na produção nacional. Muitos viraram mitos, do inflexível xerife Wyatt Earp, que já pipocou em filmes diversos, ao personagem-título de *Serpico*, baseado no caso real de um detetive que delatou toda uma vasta rede de corrupção na polícia de Nova York. Ao contrário destes, o Dirty Harry interpretado por Clint Eastwood em *Perseguidor Implacável* – que, no início dos anos 70, foi tão controverso quanto *Tropa de Elite* – e numa série de outros filmes não foi uma figura verídica. Mas, até hoje, seu nome serve para definir um certo tipo de agente da polícia, que não tem paciência para com as regras judiciais e da corporação e usa de métodos próprios (leia-se, truculência) para fazer justiça às vítimas do crime.

Em outro filme de Eastwood, *Os Imperdoáveis*, Gene Hackman eternizou uma estirpe bem diversa de homem da lei – aquele que acha que a lei não se aplica, por exemplo, ao sujeito que mutilou uma prostituta. Quando todo o bordel se cotiza para contratar um pistoleiro que corrija a situação, tem-se um exemplo cristalino da importância da ideia do contrato social. Prostitutas também votam em xerifes, e portanto exigem a justiça que lhes é devida, ainda que por meios anômalos. A sociedade, enfim, está longe de ser perfeita – mas o cancelamento de seus acordos básicos seria ainda pior. No cinema brasileiro, prevalece a ideia oposta: a de que a sociedade é essencialmente má. Em parte, essa visão decorre de o Brasil ser de fato injusto; mas é sobretudo um resquício encarquilhado de esquerdismo: se a sociedade é ruim, jogue-se a sociedade fora.

No cinema brasileiro, o bandido foi, antes de tudo, um romântico, um inconformista. Isso, até agora. O impacto de *Tropa de Elite* mostra com clareza que o cinema nacional precisa de uma nova sociologia. A platéia sabe que escolher entre uma polícia corrupta e uma polícia violenta não é escolha. Mas dá sinais de que não quer mais ver a bandidagem mitificada.

Anexo 6

Veja, edição 2030
17 de outubro de 2007

Especial

Recorde de contravenção

Tropa de Elite já conta com milhões de espectadores. Mas poucos deles pagaram pelo ingresso de cinema

Silvia Izquierdo/AP



DINHEIRO QUE O DIRETOR NÃO VIU

Cópias pirateadas de *Tropa de Elite* apreendidas: um prejuízo em bilheteria e impostos difícil de calcular

Quando receberam os resultados de uma pesquisa feita pelo Ibope na semana passada, os produtores de *Tropa de Elite* encontraram ali um número animador: 35% dos entrevistados declararam que pretendem assistir ao filme no cinema – o que equivaleria a algo como acachapantes 22 milhões de indivíduos. Outro número contido na pesquisa, porém, é ainda mais assombroso. Estima-se que mais de 11 milhões de pessoas já tenham visto o filme, embora ele tenha estreado há dias apenas. Como? Em cópias ou downloads piratas, claro. "Na primeira batida policial, foram apreendidos milhares de DVDs. No dia seguinte, os camelôs voltaram às ruas alardeando 'o filme que a polícia quer proibir'. Venderam o dobro", conta o diretor José Padilha, que diz ter levado "um banho de criatividade" do comércio ilegal. O qual, a esta altura, já fez de *Tropa de Elite* um sucesso também nas ruas de Moçambique, Angola e Portugal.

VEJA TAMBÉM

Nesta edição

- [A realidade, só a realidade](#)
- [Abaixo a mitologia da bandidagem](#)
- [Máquina letal contra o crime](#)
- [Artigo: Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault](#)

Da internet

- [Trailer do filme](#)

É impossível calcular as perdas que o estouro de *Tropa de Elite* na pirataria representa, em bilheteria, em impostos e em concorrência desleal com os comerciantes que pagam suas taxas. Padilha acha que essa febre provocada por seu filme contém algumas mensagens: existe uma enorme demanda por filmes nacionais que saibam do que e como falar ao público; e os exibidores e distribuidores estão perdendo boas oportunidades de atender a essa demanda e faturar com ela, baixando

preços de ingressos e DVDs para ganhar em escala. Enfim, por meios estritamente legais. Pirataria é crime organizado, tanto quanto o tráfico de drogas. Na melhor das hipóteses, já começa por envolver corrupção e conspiração criminosa. "Não vou dar nome aos bois (*o nome, no caso, seria o do ministro Gilberto Gil*), mas há pessoas sugerindo por aí que a pirataria é uma forma democrática de disseminação da cultura. Isso é loucura. Não se pode ter posição dúbia quanto a isso: a única cultura que a pirataria dissemina é a da contravenção", diz Padilha. E vale lembrar que, também como no caso das drogas, é o usuário recreativo (aqui, na acepção da palavra) que sustenta essa organização criminosa, com seus 5 reais aqui, 5 reais ali.



Anexo 7

Veja, edição 2030
17 de outubro de 2007

Máquina letal contra o crime

Treinamento exaustivo e código de conduta rigoroso fazem do Bope uma das melhores tropas do mundo

Ronaldo Soares

Marcos Tristão/Ag. O Globo



BANDIDOS NA MIRA

A popularidade do batalhão está em alta depois do filme: mais de 400 e-mails diários com elogios e pedidos de informação

De todas as platéias de *Tropa de Elite*, a mais sensível é formada pelos próprios policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope), do Rio de Janeiro. Eles se dividem. Têm orgulho por haver sido retratados como salvadores da pátria no caótico cenário da violência urbana. Por outro lado, dizem que há muito exagero em algumas cenas que mostram como a tropa atua. Olhado sem paixão, o filme é um retrato bastante fiel – para o bem e para o mal – da conduta do batalhão, mesmo com a ação se passando dez anos atrás. Na semana passada, VEJA ouviu ex-integrantes da unidade e pessoas que acompanham de perto sua rotina, para avaliar a verossimilhança das cenas. "É tudo verdade. E ainda tem mais", afirmou um ex-oficial, sob a condição de não ser identificado. O treinamento pode incluir sessões de choques elétricos e afogamentos, noites inteiras de imersão na água gelada de um rio e o golpe conhecido como "telefone", que em duas ocasiões causou perfuração de tímpano. Cenas como a da comida jogada no chão e a dos tapas na aula inaugural retratam quase à perfeição o cotidiano do batalhão.

VEJA TAMBÉM

Nesta edição

- [A realidade, só a realidade](#)
- [Abaixo a mitologia da bandidagem](#)
- [Recorde de contravenção](#)
- [Artigo: Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault](#)

Da internet

- [Trailer do filme](#)

O treinamento, rigorosíssimo, é também o que diferencia o Bope do restante da polícia (*veja quadro abaixo*). Existem dois cursos preparatórios para ingressar na unidade. Para inscrever-se, o voluntário tem de ter pelo menos dois anos de Polícia Militar. O mais longo, no qual o filme se baseia, dura três meses e é o mais truculento. Nele, o soldado ganha experiência em operações de alto risco em favelas, na selva ou em regiões montanhosas. "Nesse curso, a rotina do aluno é quebrada. Ele dorme muito pouco, se é que dorme, alimenta-se muito pouco, quando se alimenta, e é submetido a tarefas extenuantes", diz o comandante do Bope, o coronel Pinheiro Neto. A tese é que, ao passar por situações de extrema privação e humilhação, o aluno aprende a controlar melhor sua agressividade. Como boa parte do curso acontece no meio da mata, durante o inverno, próximo a uma represa no interior do Rio, o aluno fica conhecendo ali uma das máximas do Bope: "O inferno não é feito de fogo. Ele é verde, frio e molhado". Apenas 20% dos que entram nesse curso vão até o fim. Houve o caso de um aluno que não voltou para casa: morreu afogado, depois de um treinamento que o obrigou a ficar um bom tempo nas águas geladas de uma represa.

Quem consegue superar esse inferno passa a integrar uma tropa considerada hoje uma das melhores em operações de conflito armado em áreas urbanas. "Existe um reconhecimento mundial do padrão de excelência do Bope", diz Leonardo Barreto, ex-tenente do Exército que já fez cursos com polícias especializadas nos Estados Unidos, Israel, Itália e Espanha. Quando está de serviço, o policial fica 24 horas de prontidão – a média é de uma operação por dia. Quando não há missão, treina-se o tempo todo. Com sua expertise, o grupo já formou mais de 2.000 homens, entre policiais de outros estados, agentes federais e militares. Na semana que vem, 160 homens da Força de Paz do Exército passarão por um período de aperfeiçoamento no Bope, antes de seguir para missões no Haiti e no Sudão.

O batalhão foi criado em 1978, quando a polícia fluminense decidiu montar uma unidade de elite para operações de resgate de reféns. Com a explosão da criminalidade nos anos 80 e 90, o grupo se especializou em enfrentar bandidos em favelas. A tropa atual, com 400 homens, fica baseada em um prédio no alto de um morro em Laranjeiras, na Zona Sul. Ali a vizinhança é heterogênea. De um lado fica a favela Tavares Bastos, onde o Bope realizou um trabalho que os policiais batizaram de "asepsia" – ou seja, a expulsão dos traficantes. Do outro lado do morro ficam as mansões do Parque Guinle, área nobre que inclui o Palácio das Laranjeiras, residência oficial do governador do Rio, Sérgio Cabral.

Depois do filme, o Bope virou um sucesso de público. A média de e-mails enviados à unidade, que até então era de 400 por semana, passou a 400 por dia. São mensagens de felicitações pelo combate ao crime e pedidos de visita ao batalhão. Houve até universitários interessados em desenvolver teses acadêmicas sobre os homens de preto do Bope. Outra amostra de popularidade se deu no desfile de 7 de Setembro, no Centro do Rio, quando a tropa foi ovacionada pelo público, enquanto algumas autoridades foram vaiadas. No embalo da lua-de-mel vivida com a população, um tabu está prestes a ser quebrado: no ano que vem, pela primeira vez na história do Bope será ministrado um curso só para mulheres. Mas a reputação nem sempre foi essa. O batalhão ficou nacionalmente conhecido em 2000, por causa de uma operação desastrosa. Ao tentar libertar a professora Geisa Gonçalves, refém do assaltante Sandro do Nascimento no ônibus 174, um policial errou o alvo, permitindo que Sandra fosse morta pelo bandido. Para piorar, o assaltante, depois de dominado, chegou ao hospital morto por asfixia. Os envolvidos foram absolvidos, mas o episódio manchou a reputação da unidade.

O padrão de excelência ostentado hoje também é fruto de uma atitude mais rigorosa em relação aos maus policiais. No batalhão, o policial é excluído ao menor sinal de

irregularidade. "Uma simples suspeita é o suficiente para que o policial seja afastado, mesmo que ela não fique totalmente comprovada. Não pode pairar nenhuma desconfiança sobre um homem do Bope", diz o coronel Mário Sérgio Duarte, ex-comandante da unidade. Nos últimos quatro anos, pelo menos 43 policiais foram afastados, seja por baixa qualidade técnica, seja por desvios de conduta. Entre as supostas irregularidades havia suspeita de ligação com o jogo do bicho e de desvio de material da polícia. Quanto à conduta informal de asfixiar bandidos com sacos plásticos, como método de arrancar confissões, ninguém foi afastado do Bope por empregá-la.



RETRATO DA ELITE

Os soldados do Bope se distinguem do restante da Polícia Militar. São mais treinados, mais qualificados e recebem melhores salários

NÚMERO DE TIROS
Cada aspirante ao Bope dá, em média, **2 500** tiros no curso preparatório, contra **250** na PM

ARMAMENTO
No Bope, aprende-se a usar **12** tipos de arma, contra **5** na PM



SOBREVIVÊNCIA
O Bope ensina táticas de operação na selva. A PM não faz esse tipo de treinamento



PRECISÃO
Os atiradores de elite do Bope são capazes de acertar uma moeda de **5** centavos a uma distância de **100** metros. A PM não tem quadros com essa qualificação



REMUNERAÇÃO
Um soldado do Bope ganha **1 400*** reais, contra **900** reais na PM

* Esse valor é resultado de uma gratificação de 500 reais, fixa para todas as patentes

Fontes: Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) e Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças (Cefap)

Anexo 8

Veja, edição 2030
17 de outubro de 2007

Artigo: Reinaldo Azevedo

Capitão Nascimento bate no Bonde do Foucault

Divulgação



Nunca antes neste país um produto cultural foi objeto de cerco tão covarde como *Tropa de Elite*, o filme do diretor José Padilha. Os donos dos morros, dos cadernos de cultura dos jornais, investidos do papel de aiatolás das utopias permitidas, resolveram incinerá-lo antes que fosse lançado e emitiram a sua fatwa, a sua sentença: "Ele é reacionário e precisa ser destruído". Num programa de TV, um careca, com barba e óculos inteligentes, índices que denunciam um "inteliqutual", sotaque inequívoco de amigo do povo, advertia: "A mensagem é perigosa". Outro, olhar esgazeado, sintaxe trêmula, sonhava: a solução é "descriminar as drogas". E houve quem não resistisse, cravando a palavra mágica: "É de direita". Nem chegaram a dizer se o filme – que é entretenimento, não tratado de sociologia – é bom ou não.

VEJA TAMBÉM

Nesta edição

- [A realidade, só a realidade](#)
- [Abaixo a mitologia da bandidagem](#)
- [Recorde de contravenção](#)
- [Máquina letal contra o crime](#)

Da internet

- [Trailer do filme](#)

Seqüestrado pelo Bonde do Foucault (já explico o que é isso), Padilha foi libertado pelo povo. A pirataria transformou seu filme num fenômeno. A esquerda intelectual, organizada em bando para assaltar a reputação alheia (como de hábito), já não podia fazer mais nada. Pouco importava o que dissesse ou escrevesse, o filme era um sucesso. Derrotada, restou-lhe arrancar, como veremos, do indivíduo Padilha o que o cineasta Padilha não confessou. Por que tanta fúria? A resposta é simples: *Tropa de Elite* comete a ousadia de propor um dilema moral e de oferecer uma resposta. Em tempos de triunfo do analfabetismo também moral, é uma ofensa grave.

Qual dilema? Não há como ressuscitar o filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), mas podemos consultar a sua obra e então indagar ao consumidor de droga: "Você só pratica ações que possam ser generalizadas?". Ou por outra: "Se todos, na sociedade, seguirem o seu exemplo, o Brasil será um bom lugar para viver?". O que o

pensamento politicamente correto não suporta no Capitão Nascimento, o anti-herói com muito caráter, não é a sua truculência, mas a sua clareza; não é o seu defeito, mas a sua qualidade. Ele não padece de psicose dialética, uma brotoeja teórica que nasce na esquerda e que faz o bem brotar do mal, e o mal, do bem. Nascimento cultua é o bom paradoxo. Segue a máxima de Lúcio Flávio, um marginal lendário no Brasil, de tempos quase românticos: "Bandido é bandido, polícia é polícia".

A cena do filme já é famosa: numa incursão à favela, o Bope mata um traficante. No grupo de marginais, há um "estudante". Aos safanões, Nascimento lhe pergunta, depois de enfiar a sua cara no abdômen estuporado do cadáver: "Quem matou esse cara?". Com medo, o rapaz engrola uns "não sei, não sei". Alguns tapas na cara depois, acaba respondendo: "Foram vocês". E ouve do capitão a resposta que mais irritou o Bonde do Foucault: "Não! Foi você, seu maconheiro". Nascimento, quem diria?, é um discípulo de Kant. Um pouco desastrado, mas é. A narrativa é sempre pontuada por sua voz em off. Num dado momento, ele faz uma indagação: "Quantas crianças nós vamos perder para o tráfico para que o playboy possa enrolar o seu baseado?".

O Bope que aparece no filme de Padilha é incorruptível, mas violento. O principal parceiro de Nascimento chega a desistir de uma ação porque não quer compactuar com seus métodos, que, fica claro, são ilegais. Trata-se de uma mentira torpe a acusação de que o filme faz a apologia da tortura. Ocorre que o ódio que a patrulha ideológica passou a dedicar à obra não deriva daí. Isso é pretexto. O que os "playboys" do relativismo rejeitam é a evocação da responsabilidade dos consumidores de droga na tragédia social brasileira. Nascimento invadiu a praia do Posto 9, em Ipanema.

Já empreguei duas vezes a expressão "Bonde do Foucault" para me referir à quadrilha ideológica que tentou pôr um saco da verdade na cabeça de Padilha: "Confesse que você é um reacionário". "Bonde", talvez vocês saibam, é como se chama, no Rio de Janeiro, a ação de bandidos quando decidem agir em conjunto para aterrorizar os cidadãos. Quem já viu *Tropa de Elite* sabe: faço alusão também a uma passagem em que universitários – alguns deles militantes de uma ONG e, de fato, aliados do tráfico – participam de uma aula-seminário sobre o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984). Falam sobre o livro *Vigiar e Punir*, em que o autor discorre sobre a evolução da legislação penal ao longo da história e caracteriza, de modo muito crítico, os métodos coercitivos e punitivos do estado.

No Brasil, os traficantes de idéias mortas são quase tão perigosos quanto os donos dos morros, como evidenciam nossos livros didáticos. Foucault sempre foi um incompreendido. Por que digo isso? Porque ele era ainda mais picareta do que seus críticos apontaram. No filme, aluna e professor fazem um pastiche de seu pensamento, e isso serve de pretexto para um severo ataque à polícia, abominada pelos bacanas como força de repressão a serviço do estado e suas injustiças. Sim, isso pode ser Foucault, mas Foucault era pior do que isso. Em *Vigiar e Punir*, ele fica a um passo de sugerir que o castigo físico é preferível às formas que entende veladas de repressão postas em prática pelo estado moderno. Lixo.

O personagem Matias, um policial que faz o curso de direito, é o elo entre o Capitão Nascimento, o kantiano rústico, e esse núcleo universitário. A seqüência em que essas duas éticas se confrontam desmoraliza o discurso progressista sobre as drogas e revela não a convivência entre as diferenças, mas a convivência com o crime de uma franja da sociedade que pretende, a um só tempo, ser beneficiária de todas as vantagens do estado de direito e de todas as transgressões da delinqüência. Por isso o "Bonde do Foucault" da imprensa tentou fazer um arrastão ideológico contra *Tropa de*

Elite. Quem consome droga ilícita põe uma arma na mão de uma criança. É simples. É fato. É objetivo. Cheirar ou não cheirar é uma questão individual, moral, mas é também uma questão ética, voltada para o coletivo: em qual sociedade o consumidor de drogas escolheu viver? Posso assegurar: não há livro de Foucault que nos ajude a responder.

Derrotada, a elite da tropa esquerdopata não desistiu. José Padilha e o ator Wagner Moura foram convocados a ir além de suas sandálias. Assim como um juiz só fala nos autos, a voz que importa de um artista é a que está em seu trabalho. Ocorre que era preciso uma reparação. A opinião de ambos – ligeira e mal pensada – favorável à discriminação das drogas ameaçou, num dado momento, sobrepor-se ao próprio filme. Observem: *Tropa de Elite* trata é da falência de um sistema de segurança em que, segundo Nascimento, um policial "ou se corrompe, ou se omite, ou vai para a guerra".

A falha desse sistema independe do crime que ele é chamado a reprimir. Se as drogas forem liberadas e aquela falha permanecer, os maus policiais encontrarão outras formas de extorsão e associação com o crime. E esse me parece um aspecto importante do filme, que tem sido negligenciado. Um dos lemas da tropa é "No Bope tem guerreiros que acreditam no Brasil". Esse patriotismo ingênuo e retórico tem fôlego curto: um dos soldados da equipe morre, e seu caixão está coberto com a bandeira brasileira. Solene e desafiador, Nascimento chega ao velório e joga sobre o "auriverde pendão da esperança" a assustadora bandeira do Bope: um crânio fincado por uma espada, atrás do qual se cruzam duas pistolas. Outro dos refrões do grupo pergunta e responde: "Homem de preto, qual é sua missão? / Entrar na favela e deixar corpo no chão / Homem de preto, o que é que você faz? / Eu faço coisas que assustam satanás". Resta evidente que o filme não propõe este Bope como modelo de polícia.

Pouco me importa o que pensam Padilha e Moura. O que interessa é o filme. E o filme submete a um justo ridículo a sociologia vagabunda que tenta ver a polícia e o bandido como lados opostos (às vezes unidos), mas de idêntica legitimidade, de um conflito inerente ao estado burguês. O kantiano rústico "pegou geral" o Bonde do Foucault.

Anexo 9

Época, edição 488, 24 de setembro de 2007.

Sete idéias para reduzir as mortes no trânsito

Livros didáticos: o que estão ensinando a nossas crianças

GUIA VESTIBULAR
Grátis o quinto fascículo

www.epoca.com.br

A REVISTA DE CURIOSIDADES

ÉPOCA

SEPT 2007

SEPT 2007

Tropa de elite

Por que este é o filme mais quente do ano

O ator Wagner Moura, que vive um policial do batalhão mais perigoso da polícia carioca

The magazine cover features a dramatic black and white photograph of actor Wagner Moura in a police uniform, pointing a handgun at a man's face. The man's eyes are closed in pain or fear. The background is dark, emphasizing the characters.

Anexo 10

Época, edição 488, 24 de setembro de 2007

Polícia, Drogas, Ação

Por que o filme *Tropa de Elite*, sobre a guerra entre a polícia e o tráfico no Rio de Janeiro, se tornou um fenômeno antes mesmo de chegar aos cinemas

MARTHA MENDONÇA E NELITO FERNANDES COM RAFAEL PEREIRA E SOLANGE AZEVEDO



CHOQUE

Uma das cenas em que homens do Bope recebem ordens do Capitão Nascimento (Wagner Moura). O filme escancara a vida dos policiais

Tropa de Elite é o filme mais quente do ano no Brasil. Está em cartaz em uma única sala, na cidade de Jundiaí, no interior paulista, e passa apenas uma vez por dia, às 13h45. Sua estréia em circuito comercial será no dia 12 de outubro. Mesmo assim, foi visto por mais de 1 milhão de pessoas em DVDs piratas e cópias baixadas da internet. Sua primeira sessão de gala aconteceu na noite da quinta-feira 20. Foi exibido na abertura do Festival do Rio 2007.

O público ficou dividido. Quando o filme mostrou, em meio a uma passeata pela paz, a cena em que um policial espanca um estudante universitário por ter delatado seu companheiro, parte da platéia aplaudiu e deu gritos de incentivo. Outros se indignaram com a demonstração de apoio à violência. Em outra cena, que mostra soldados torturando um jovem da favela para que ele entregasse o esconderijo do chefe do morro, uma pessoa gritou: "Vai! Aplauda agora!". Ninguém se manifestou.

Ali, em uma *première* com direito a tapete vermelho, o fascínio que o filme já vinha exercendo superou todas as expectativas. O cinema Odeon, na Cinelândia, centro do Rio de Janeiro, ficou pequeno. As 600 cadeiras foram ocupadas, assim como o chão, as escadarias e os fundos da sala. O público tomou cada centímetro quadrado para conhecer a versão oficial do filme. Para as centenas de pessoas que tinham convite, mas ficaram de fora, restou uma sessão improvisada às pressas pela organização do festival no Cine Palácio, a 100 metros do Odeon.

Assim que a projeção terminou, o filme foi vigorosamente aplaudido. Entre os espectadores que saíram chocados com as cenas de violência, também se ouvia uma discussão sobre a pirataria que precedeu o lançamento. Nenhum filme brasileiro despertou tamanho interesse antes de estrear. Pelo menos 5 mil cópias ilegais são vendidas diariamente apenas no Rio. A Delegacia de Proteção aos Crimes Contra a Propriedade

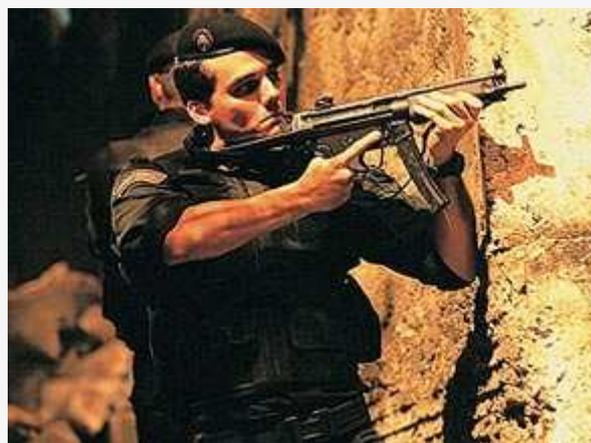
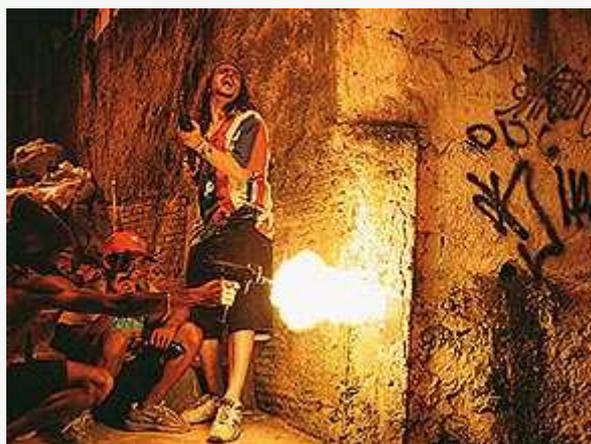
Imaterial apreende cerca de 200 cópias por dia só na capital fluminense. “Eu vendo dez por dia, mas já vendi até 50, logo que chegou. Filme nacional não vende tanto, mas esse foi muito bem”, diz um camelô que cobra R\$ 10 a cópia. Na internet, os números também impressionam. Na quinta-feira, 728 internautas baixavam o filme nos quatro principais sites de downloads ilegais. Há 76 mil sites oferecendo o filme. Multiplicando-se essa “numeralha” por 60 dias, chega-se ao seguinte: 43 mil cópias baixadas da rede de apenas quatro sites; 300 mil DVDs vendidos só no Rio de Janeiro. O filme também rendeu duas “continuações” piratas. *Tropa de Elite 2* é, na verdade, o documentário *Notícias de uma Guerra Particular*, de João Moreira Salles. *Tropa de Elite 3* é uma produção pirata com uma colagem de imagens de operações do Bope e tiroteios entre polícia e bandidos veiculadas em telejornais.

O êxito do filme pode ser medido no dia-a-dia do carioca, que incorporou as gírias policiais

Tropa de Elite, o verdadeiro, conta a história do Capitão Nascimento, do Batalhão de Operações Especiais, o Bope, a mais temida corporação policial do Rio de Janeiro. Em um momento de estresse, Nascimento quer abandonar a carreira e precisa escolher seu sucessor. Dois jovens policiais, ambos honestos, aspiram à vaga. O treinamento dos militares é o pano de fundo para mostrar a guerra entre policiais e traficantes no Rio. Numa das primeiras cenas, em um baile funk, a trilha sonora se impõe. Ela inclui o rock pesado dos grupos Tihuana e O Rappa.

O filme nasceu a partir do documentário *Ônibus 174*, lançado por José Padilha em 2002. Ao fazer entrevistas com policiais que participaram da operação do seqüestro do ônibus no Jardim Botânico, na zona sul do Rio, o cineasta se interessou pela vida de quem atua no combate ao crime. Sua primeira idéia foi rodar um documentário em que os policiais contassem abertamente detalhes da vida e do trabalho. O diretor logo percebeu que isso seria impossível. Ninguém que usa farda iria desabafar diante das câmeras. Daí veio a segunda idéia: fazer uma obra de ficção que parecesse com um documentário. Entre uma idéia e outra, Padilha criou uma linguagem própria. É dela que, em grande parte, o filme tira sua força. Ele caiu ao mesmo tempo no gosto dos jovens de classe média alta da zona sul do Rio e de moradores das comunidades carentes.

Esta não é a primeira vez que um filme brasileiro consegue esse feito. A diferença é que, desta vez, os públicos que mais se identificam com a trama são justamente os que sofrem na história. Em várias cenas de *Tropa de Elite*, os estudantes de classe média alta, usuários de drogas, são apontados como patrocinadores do tráfico. Alguns vendem a droga na universidade. Numa das cenas mais importantes, que o diretor José Padilha disse a *ÉPOCA* ser sua preferida, há um debate em sala de aula sobre a atuação da polícia. O PM Matias, que esconde sua atividade dos colegas, enfrenta os “filhinhos de papai” com lógica clara sobre o paradoxo de eles consumirem drogas, incentivando o tráfico, ao mesmo tempo que criticam a polícia. “O cara fuma um baseado e depois participa de passeata pela paz. Tem alguma coisa errada aí”, diz Padilha. O psicanalista Luiz Alberto Py acredita que a maioria dos jovens usuários de drogas não veste a carapuça, não percebe a crítica. “O espectador sempre acha que o problema está com o ‘outro’. A droga que ele fuma não conta”, diz.

**AÇÃO****E****VIOLÊNCIA**

Durante as filmagens, a equipe circulou por cinco favelas do Rio. Os atores tiveram treinamento de policiais. Em uma cena, Wagner Moura (*abaixo, à dir.*) quebrou o nariz de um oficial

Polícia, Drogas, Ação

Por que o filme *Tropa de Elite*, sobre a guerra entre a polícia e o tráfico no Rio de Janeiro, se tornou um fenômeno antes mesmo de chegar aos cinemas

MARTHA MENDONÇA E NELITO FERNANDES COM RAFAEL PEREIRA E SOLANGE AZEVEDO



SESSÃO**LOTADA**

Fila para a primeira exibição oficial do filme, no dia 20, no Festival do Rio 2007. Outro cinema foi usado para acomodar o público

Para o psicólogo e professor da PUC-RJ Bernardo Jablonski, que no filme faz uma ponta como o professor de Matias na faculdade, *Tropa de Elite* ecoa em todas as camadas sociais porque joga luz sobre um personagem que até então não era notado: o policial. “As pessoas têm uma relação distante com a PM e, de repente, o filme mostra que eles também têm família, que ganham uma miséria e que batalham para nos proteger.” Foi mostrado um lado da polícia que a sociedade não conhecia.

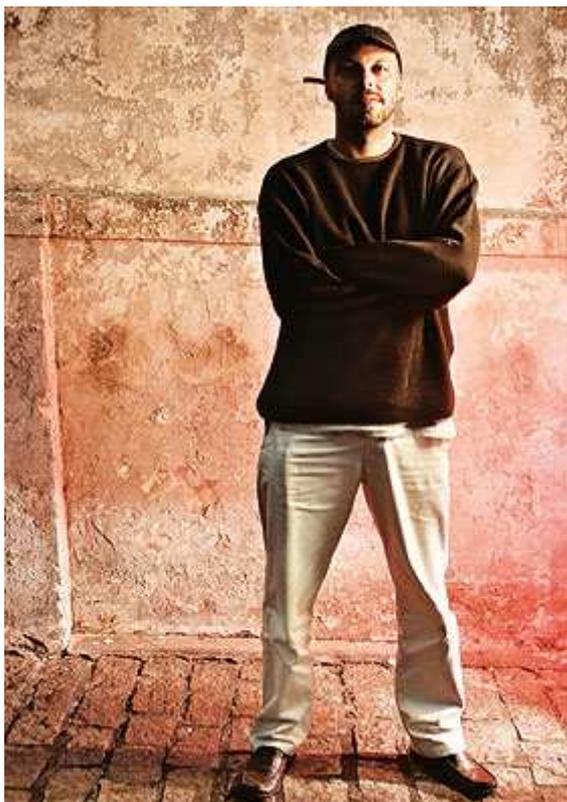
O filme tem ainda outro apelo: o fascínio que a violência exerce sobre os jovens. No site de relacionamentos Orkut, mais de mil comunidades falam sobre *Tropa de Elite*. A maior delas reúne quase 50 integrantes, a grande maioria de jovens entusiasmada com as cenas de violência e as frases de efeito. Mas há espaço também para a discussão política das principais questões abordadas no filme. Sobre a culpa dos usuários de drogas na escalada de poder do tráfico, há quem emita opiniões radicais: “Usuário de drogas tem de morrer, seja por bandidos, seja pela polícia”. Há também os que defendem a legalização como solução para o fim do tráfico. Além de comunidades sobre o filme, foram criadas algumas específicas sobre os personagens principais, o Capitão Nascimento e os soldados Neto e Matias.

Feito para pensar, *Tropa* é um belíssimo filme de ação. Teve orçamento de R\$ 10,5 milhões, bem mais que *Cidade de Deus*, e só comparável a *Carandiru* (R\$ 12 milhões). A produção contou com uma parceria internacional e ambiciona ter projeção fora do Brasil. A expectativa nesse sentido é tamanha que Harvey Weinstein, produtor associado do filme e um dos manda-chuvas de Hollywood, esteve na *première* do Cine Odeon, no Rio, na quinta-feira. Ter entrado em cartaz em Jundiaí faz parte da estratégia de concorrer ao Oscar. Para ser indicado, o filme precisa estar nos cinemas até o mês de setembro. Em Jundiaí, cumpre-se o prazo sem atrapalhar a estréia oficial.

A crítica dos PMs: “Na trama, o Bope é herói, e a polícia convencional é bandida”

Quem viu o pirata assistirá à mesma história no cinema. Duas pequenas cenas foram acrescentadas e a parte técnica – cores e som – foi melhorada. A grande diferença, s no entanto, é que *Tropa de Elite* ganha força na tela grande. E é um filme que vale a pena ver de novo. Tanto que, na zona sul do Rio, há jovens que fazem festas para ver e rever o filme. Alguns decoram diálogos e outros já incorporaram as gírias policiais no vocabulário. Uma delas é “aspira”, que quer dizer aspirante. Como os novatos na corporação sofrem mais, o termo chegou às ruas como sinônimo de otário. No jogo entre Flamengo e Sport, no Maracanã, a expulsão do atacante Souza fez a galera gritar “Zero-um, pede pra sair”, um bordão de *Tropa de Elite*. Outra expressão já consagrada é “Bota na conta do papa”. Ela se refere ao tempo em que os policiais do Bope foram designados para fazer a segurança de João Paulo II. Quando a tropa matava alguém, atribuía ao pontífice. Durante o desfile de comemoração da Independência, em 7 de setembro, as pessoas na arquibancada aplaudiram os policiais do Bope que estavam na avenida.

Nem todo mundo que assiste ao filme vira torcedor fanático do Bope (*leia as opiniões de internautas*). Mas as cenas podem levar muita gente a mudar de opinião sobre o modo como a polícia deve agir. Durante os 90 dias de filmagens, de setembro a dezembro do ano passado, as equipes circularam por cinco favelas cariocas dominadas pelo tráfico. Para o diretor Padilha, uma história marcou essa fase da produção: o encontro entre um policial do Bope e um ex-traficante. Um reconheceu o outro. “Andei dando uns tiros em você!”, disse o policial. A resposta foi: “Mas não acertou, irmão, eu tô aqui!”. A preparação dos atores contou com o ex-integrante do Bope e hoje secretário de Segurança de São Gonçalo, Rio de Janeiro, Paulo Storani. Ele teve a ajuda de policiais civis e militares. Houve aulas de tiro, luta e movimentação. Os atores cantaram hinos da polícia, comeram no chão e nadaram em água gelada. Uma das histórias de bastidores afirma que Wagner Moura, que interpreta o Capitão Nascimento, quebrou o nariz de um oficial durante as filmagens. Quem participou da produção também diz que um dos atores coadjuvantes foi afastado pela psicóloga da equipe porque estava levando tudo a sério demais.



O

José Padilha, que estudou Física, diz que em seus filmes tenta reproduzir e explicar fenômenos da natureza humana

DIRETOR-CIENTISTA

Com a febre despertada por *Tropa*, surge para o público uma figura desconhecida até pouco tempo atrás. É o diretor José Padilha. Carioca da zona sul, de 39 anos, casado e com um filho, Padilha é neto de um ex-presidente do Flamengo e afilhado do jornalista Mário Filho (que deu nome ao Maracanã). Ele optou pelas ciências exatas inspirado pelo pai, industrial. Quase formado em Física, estudou Administração e chegou a trabalhar em banco. Como cineasta, tem um método peculiar. Diz que faz cinema como quem faz ciência: pega determinado fenômeno da natureza, tenta reproduzi-lo e explicá-lo. Foi assim em sua estréia na telona, em 2002, com o documentário *Ônibus 174*, sobre a tragédia carioca de dois anos antes. Assombrado com a tragédia que terminou com duas mortes – da vítima e do algoz –, Padilha esforçou-se para mostrar que fenômenos da natureza humana e social levaram um jovem a seqüestrar um ônibus e ameaçar seus passageiros. E em frente às câmeras de um país inteiro. “Poderia fazer um filme moral ou político. Optei pela ciência, pela relação de causalidade”, diz. Arrematou prêmios importantes dentro e fora do Brasil. Cinco anos depois, Padilha é o diretor do momento. Além de conquistar o público, ele está bem cotado entre críticos exigentes.

É o caso de Jean-Claude Bernardet, autor de livros como *Cineastas e Imagens do Povo*. Ele afirma que Padilha inaugurou um novo tipo de documentário com *Ônibus 174*: ao reordenar as imagens de televisão, o cineasta conseguiu o impacto de um thriller. Ao mesmo tempo, conseguiu dar significado novo ao que ocorreu dentro do ônibus, por meio de informações e entrevistas. “Quando assisti ao filme, fiquei atônito. É diferente dos filmes descritivos. Padilha sabe criar impasses, colocar a nós todos em xeque”, diz Bernardet. Antes do primeiro longa-metragem, Padilha dirigiu documentários para a TV, um deles para o canal National Geographic. Agora, com *Tropa de Elite*, cria uma nova linguagem de ficção, com cara de realidade.

Polícia, Drogas, Ação

Por que o filme *Tropa de Elite*, sobre a guerra entre a polícia e o tráfico no Rio de Janeiro, se tornou um fenômeno antes mesmo de chegar aos cinemas

MARTHA MENDONÇA E NELITO FERNANDES COM RAFAEL PEREIRA E SOLANGE AZEVEDO



OS

Rodrigo Pimental (à esq.) e André Batista, autores do livro que inspirou o filme. Policiais com pós-graduação

PERSONAGENS

Em seu primeiro filme de ficção, Padilha continua interessado nos fenômenos sociais. “Os indivíduos escolhem seus caminhos, mas não são livres. Agem de acordo com as regras que a sociedade impõe”, diz. No filme, ele quer mostrar como o policial de uma corporação que o treina mal, paga mal e não dá nenhuma estrutura atua diante do fato de que sua atividade é arriscada ao extremo. “O resultado é o que o filme mostra: ele se omite, se corrompe ou vai para a guerra. E, se for honesto, também vive uma guerra, só que contra a própria corporação”, afirma.

Padilha pode ter chegado a essa conclusão enquanto filmava, mas a idéia já estava na cabeça dos policiais que inspiraram os personagens centrais do filme. Eles são Rodrigo Pimentel e André Batista. O primeiro deu forma ao Capitão Nascimento na pele de Wagner Moura. O segundo virou André Matias e é interpretado por André Ramiro. Pimentel foi da PM do Rio de 1990 a 2001. Atuou como capitão do Bope de 1995 a 2001. Em 2000, deu corajoso depoimento para o documentário *Notícias de uma Guerra Particular*, de João Moreira Salles, e foi acusado de traidor por setores da PM. Foi o primeiro da corporação a fazer críticas públicas à polícia, falando de falta de estrutura, corrupção e tortura. Foi perseguido e terminou pedindo baixa. Com Luiz Eduardo Soares e o PM André Batista, escreveu o livro *Elite da Tropa*, no qual o filme é baseado. Em *Tropa de Elite*, foi responsável pelos detalhes sobre o longo e polêmico aprendizado no Bope. Na vida real, viveu as angústias do Capitão Nascimento, como a pressão familiar contra uma atividade de alto risco. Pós-graduado em Sociologia, hoje é consultor de segurança. É um dos roteiristas do filme e foi co-produtor de *Ônibus 174*.

André Batista é negro, nascido em uma família de classe média baixa, que, como seu personagem, foi estudar Direito na PUC. Conheceu a realidade dos jovens da zona sul do Rio, que criticam a polícia, mas consomem as drogas que estimulam o tráfico e a violência. Estava no Bope quando houve a tragédia do ônibus 174, em 2000, e foi o policial que tentou negociar com Sandro do Nascimento. Foi ele quem manteve o seqüestrador calmo, por muitos momentos, e conseguiu a libertação de vários reféns. Quando lançou o livro *Elite da Tropa*, houve boatos de que sofreria represálias da instituição e que poderia ser preso, o que acabou não acontecendo. Hoje, é capitão da PM do Rio e, além de advogado, é pós-graduado em Políticas Públicas e Segurança pela UFF.

O filme movimentou a polícia do Rio de várias formas. Alguns policiais foram chamados para apreender as cópias piratas. Outros, destacados para investigar a origem da pirataria. Um terceiro grupo entrou na Justiça

para embargar a exibição, alegando que a obra denigre sua imagem. A sentença saiu na semana passada, e os policiais não conseguiram impedir o lançamento de *Tropa*. “O filme comete contra a polícia comum a mesma generalização que critica”, diz um policial militar. “Na trama, o Bope é herói, a polícia convencional é bandida. Nem uma coisa é completamente verdade, nem a outra. Existem policiais corruptos no Bope e existem honestos entre os convencionais. É péssimo para a auto-estima do policial convencional honesto, porque ele simplesmente não existe no filme”, diz o PM.

Para o secretário de Segurança do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame, o grande mérito de *Tropa de Elite* é atribuir a devida responsabilidade à classe média e às ONGs sobre a violência e o tráfico de drogas. Beltrame diz que *Tropa* mostra que segurança não é só uma questão da polícia, mas também da sociedade. “Fica clara a influência do consumidor e dessas entidades na violência. O Rio de Janeiro não fabrica cocaína, mas fabrica muito consumidor. O sujeito vai a uma festinha rave, passa a noite toda cheirando e, na saída, vê que seu carro foi roubado e reclama da violência. Ele não sabe que aquele carro foi roubado para ser vendido na boca de fumo?”, diz o secretário. Para Beltrame, é preciso investigar também as relações entre entidades presentes em morro e os traficantes. “O Estado não consegue subir o morro, é recebido sempre à bala. Como essas pessoas conseguem subir? Que concessões fazem? O que oferecem? Isso precisa ser discutido”, diz.

Desde que *Tropa de Elite* caiu na mídia antes da hora, o cineasta divide-se entre a finalização do filme, em Los Angeles, e a leitura de jornais e internet, para acompanhar os desdobramentos da pirataria e os comentários sobre a produção. Viu o filme com o governador do Rio, Sérgio Cabral, que lhe disse que faria modificações na PM, a começar pela terceirização da frota e da alimentação. Bateu à porta da casa do ministro da Cultura, Gilberto Gil, quando soube que lá havia uma cópia pirata de seu filme. Escreveu artigo no jornal revoltado com os boatos de que a pirataria era um golpe de marketing. Nem poderia ser. Segundo a Motion Pictures Association (MPA), que reúne os maiores estúdios cinematográficos do planeta, de cada dez DVDs vendidos no Brasil, seis são piratas. “Esse patamar não é aceitável”, diz Antonio Borges Filho, diretor-executivo da Associação Antipirataria Cinema e Música (APCM). “Combater a pirataria no Brasil é importante. Mas é como secar gelo”, diz o advogado Paulo Ciari, membro da Força-Tarefa de Combate à Pirataria da Câmara Americana do Comércio. No caso de *Tropa de Elite*, a questão é outra: o único modo de ver o filme era recorrendo à pirataria, já que ele nem havia estreado.

Enquanto José Padilha vive a angústia de não saber como será o desempenho do filme nas bilheterias, já prepara o próximo, previsto para estrear no ano que vem. É um documentário sobre a fome. Inspirado nas recentes discussões sobre a existência real da fome no Brasil, ele acompanhou quatro famílias cearenses em suas dificuldades para conseguir comer. É pouco provável que uma obra com essas características se torne um sucesso pirata

Polícia, Drogas, Ação

Por que o filme *Tropa de Elite*, sobre a guerra entre a polícia e o tráfico no Rio de Janeiro, se tornou um fenômeno antes mesmo de chegar aos cinemas

MARTHA MENDONÇA E NELITO FERNANDES COM RAFAEL PEREIRA E SOLANGE AZEVEDO

É esta a polícia que você quer?

A pergunta foi feita pelo site de O Globo. As respostas variam

Sim. O Rio precisa de uma repressão forte e eficiente ao tráfico; é notório a todos que o Bope impõe respeito em suas operações e são eficientes nas metrópoles.

Leandro Pinto

Não. Eu acho que os policiais devem respeitar os direitos dos moradores, pois não temos nada a ver com a bandidagem. Moramos em favelas não porque queremos.

Patricia do Nascimento

Tropas de elite existem em todo o mundo e sua função é enfrentar situações extremas e complexas (...) Concordo com ações enérgicas que exijam a objetividade (...)

Olavo José da Silva Filho

Não. Quero uma polícia honesta, investigativa, inteligente e cumpridora das leis. Tortura é crime hediondo e, portanto, jamais deve ser praticada.

Cristiano de Oliveira Xavier

Do estúdio para as ruas e a rede

Pelo menos três cópias ilegais foram feitas dentro de uma das empresas envolvidas na produção do filme



CLIQUE NA IMAGEM PARA AMPLIÁ-LA



PROVAS

Os suspeitos saem do ônibus detidos. O secretário de Segurança do Rio diz que nenhum policial está sendo protegido

Faltou prender a elite

Nenhum dos 57 policiais de um mesmo batalhão acusados de receber propina de traficantes é oficial

Polícia do Rio de Janeiro fez uma faxina no batalhão de Caxias, na Baixada Fluminense. Quase 10% do efetivo da unidade foi preso na semana passada. Os 57 dos 609 PMs do batalhão são acusados de cobrar propinas que variavam de R\$ 2 mil a R\$ 3.600, por semana, para não prender traficantes. A faxina, porém, foi restrita ao andar de baixo do batalhão. Entre os presos, não há sequer um oficial. O único graduado a ser punido até agora foi o comandante do batalhão, o tenente-coronel José da Silva Macedo Júnior. A PM afirma que a exoneração de Macedo nada tem a ver com o episódio. Na cúpula, a informação é que Macedo caiu porque o comando da PM considerou inaceitável que ele não soubesse de nada. Deve-se espantar, portanto, que o comando acredite que nenhum oficial daquela unidade também nada soubesse.

Os números da ouvidoria mostram que a PM do Rio tem mão pesada contra os praças, mas alivia os oficiais. Embora não façam patrulhamento nas ruas, os graduados são responsáveis por 26% das denúncias de abuso ou corrupção, mas são apenas 6% dos punidos. A polícia parece não dar ouvido a queixa contra os oficiais: mesmo com 26% das denúncias, só 9% das investigações atingem os policiais de nível maior.

Nas mais de 400 horas de gravação durante a investigação, os policiais diziam que repartiam o dinheiro com superiores. Num dos trechos, um sargento pede para que a propina aumente de R\$ 3.500 para R\$ 10 mil, e justifica: "Essa parada não fica só com a gente, tem de ratear lá em cima". Policiais que participaram das investigações disseram a ÉPOCA que os oficiais da unidade pediam R\$ 1.000 semanais de cada patrulha que atuava nas ruas. Quem se recusasse a pagar era transferido para serviços internos, onde não é possível conseguir dinheiro.

O secretário de Segurança do Rio, José Mariano Beltrame, afirmou que a operação prendeu os policiais contra os quais a polícia tinha provas. "Foi preso quem podia ser preso, quem a gente tinha material para mostrar ao Ministério Público", diz Beltrame. "Isso não quer dizer que outros não possam ser presos no decorrer da investigação. Se aparecer oficial, vamos prender oficial, se aparecer delegado, vamos prender delegados. Não existe proteção."
Nelito Fernandes

Fotos: André Valentim/ÉPOCA e Paulo Giandália/Folha Imagem, David Prichard/divulgação, divulgação e Fernando Soutello/Agif/AE

Anexo 11

Carta Capital, 10 de outubro de 2007



Anexo 12

Veja, edição 1654, 21 de junho de 2000



Anexo 13

Veja, edição 1654, 21 de junho de 2000

veja

OPERA ÍNDICE PÁGINAS NOTAS BOOKMARKS ÍNDIQUE IMPRIMIR AJUDA

Outras edições

BUSCAR NA EDIÇÃO

ASSINE veja

carregando

AGONIA... AÇÃO DESASTRADA...

Brasil

A GOTA D'ÁGUA

O dramático encontro de um bandido tresloucado, um policial imprudente e uma jovem inocente produz a mais chocante cena de violência já vista no país e faz o governo acelerar plano

Atirada por quatro tiros depois de ser usada como escudo, Geisa Firme Conceição é levada para o hospital: vítima de estupro do ladrão Sandro da Moura, com insensível reflexo em um ônibus no Rio. Analfeta a polícia e saiu ferida do trabalho, mas acabou encontrada dentro de um cambusão por cinco soldados do batalhão de elite da Polícia Militar

erto de 35 milhões de brasileiros acompanharam ao vivo na segunda-feira passada o drama dos dez passageiros de ônibus feridos mortos por um criminoso no Rio de Janeiro. As cenas foram levadas ao ar pelas principais redes de televisão do país e pela CNN, que distribuiu as imagens em todo o mundo. Após quatro horas de agonia, o desfecho mostrou de forma definitiva que no Brasil faz uma revolução já completa na sua estrutura de combate ao crime ou a população terá a sensação de ra correr — e não só quando vê um ladrão. Mas também quando chega a polícia. Sua ação irresponsável, foi a PM



Anexo 14

Veja, edição 1654, 21 de junho de 2000

A gota d'água

O dramático encontro de um bandido tresloucado, um policial imprudente e uma jovem inocente produz a mais chocante cena de violência já vista no país e faz o governo acelerar plano nacional de segurança

Marcelo Carneiro e Ronaldo França

Reprodução



O soldado Marcelo santos aproxima-se do bandido que usa Geisa como escudo pouco antes de atirar: ação errada, na hora errada, fez o drama terminar com a morte da refém

atitude covarde, os policiais se vingaram do pivô da tragédia, Sandro do Nascimento, de 21 anos, conhecido pelo apelido de "Mancha". Quando a viatura estava a caminho do hospital, Sandro foi morto por asfixia pelos policiais. É de se perguntar o que mais será preciso acontecer até que se decida enfrentar de forma eficiente a chamada "questão da segurança".

Perto de 35 milhões de brasileiros acompanharam ao vivo na segunda-feira passada o drama dos dez passageiros de ônibus feitos reféns por um criminoso no Rio de Janeiro. As cenas foram levadas ao ar pelas principais redes de televisão do país e pela CNN, que distribuiu as imagens em todo o mundo. Após quatro horas de agonia, o desfecho mostrou de forma definitiva que ou o Brasil faz uma remodelação completa na sua estrutura de combate ao crime ou a população terá motivos para correr – e não só quando vê um ladrão. Mas também quando chega a polícia. Numa ação irresponsável, foi a PM fluminense, e não o seqüestrador, que sentenciou à morte uma das reféns, a professora Geisa Firmo Gonçalves, de 20 anos. Depois, numa

Em países onde a vida humana tem um valor maior, dramas de menor gravidade desencadearam um processo de transformação. Em 1991, um cinegrafista amador registrou a imagem de quatro policiais de Los Angeles espancando um jovem negro, Rodney King, que teve seu carro parado após uma perseguição. King já se ajoelhara no chão, entregando-se à prisão, quando foi agredido. As imagens duram dois minutos e 53 pancadas, e ninguém morreu. Ainda assim, foram os dois minutos mais longos da história da polícia de Los Angeles. A crueza dos policiais levou os Estados Unidos a uma comoção, que se transformou em revolta após a absolvição dos agressores. O saldo foi um amplo movimento pela redução da violência policial e uma depuração nos quadros da polícia. A faxina americana está longe de terminar, mas alguma coisa foi feita. No Brasil, até a semana passada, o exemplo mais próximo ao de Rodney King havia ocorrido em São Paulo, há três anos. Um grupo de policiais foi filmado na entrada de uma favela cobrando pedágio e agredindo quem passasse pelo local. Na cena mais chocante, levada ao ar posteriormente, um deles disparou e matou um homem pelas costas. Os agressores foram

presos, mas nada mudou na conduta da polícia paulista. Na região em torno da favela as coisas até pioraram. Ali se tornou o lugar mais violento do Estado de São Paulo. Será diferente dessa vez? Terá a professora Geisa morrido em vão?

Em função da brutalidade das imagens, o presidente Fernando Henrique Cardoso pronunciou-se sobre o caso no mesmo dia. Ele anunciou sua repulsa, registrou seu protesto contra a atuação da polícia fluminense e apontou para o futuro, na direção da única saída para que o cidadão escape da barbárie que invade o país: um plano nacional de segurança pública. O presidente deverá anunciar o pacote de medidas que compõem o projeto na terça-feira desta semana. O programa vinha se arrastando havia meses, e foi retomado no mesmo dia do assalto ao ônibus, numa reunião de emergência convocada por FHC. O plano original engloba 124 medidas e não deverá conter nenhuma de efeito imediato. "Não existe milagre a ser feito nessa área", comentou FHC com um amigo. O projeto prevê iniciativas como a abertura de concurso para 2 000 vagas na Polícia Federal, criação de um fundo nacional para reequipar as polícias estaduais, suspensão por seis meses do registro de armas de fogo, regulamentação do programa de proteção a testemunhas e ampliação do controle das fronteiras, dentre outras. O ministro José Gregori, da Justiça, chegou a anunciar um aporte de 700 milhões de reais para a área de segurança, mas a idéia foi abandonada. Ninguém sabia de onde tirar o dinheiro. O presidente promete convidar os governadores para estudar uma ação conjunta.

A tragédia do Jardim Botânico produziu outros efeitos. Imediatamente começou a se formar na internet uma corrente pela paz e foram marcadas, para este final de semana, manifestações pelo fim da violência. No Congresso, o efeito mais visível do impacto das cenas de banditismo ao vivo foi a aprovação, na quarta-feira, pela Comissão de Constituição e Justiça, do projeto de proibição da venda de armas de fogo no país. "Esse incidente com o ônibus no Rio conseguiu em 48 horas o que o Senado não conseguiu em seis meses", afirma o senador José Roberto Arruda, autor do projeto, empacado havia meses.

Na lista dos problemas brasileiros, a falta de segurança assumiu o primeiro lugar. Em vinte das cinquenta maiores cidades do Brasil, a criminalidade é apontada como o principal problema. Em Brasília comenta-se que ela tomou o posto que pertencia a um velho inimigo nacional. "A violência urbana pode vir a ocupar o mesmo espaço que a inflação teve no passado", avalia o deputado tucano paulista Arnaldo Madeira, líder do governo na Câmara dos Deputados. A diferença é que o aumento de preço empobrece as pessoas, mas não mata. De acordo com os especialistas, esse será o assunto mais debatido nas eleições municipais, estaduais e federal. Mata-se no Brasil a um ritmo inacreditável: um assassinato a cada treze minutos. Para se ter uma idéia da gravidade, durante as quatro horas do seqüestro do ônibus no Rio, dezenove outras pessoas foram mortas no país. As grandes metrópoles brasileiras possuem índices de criminalidade só inferiores aos de países dominados pelo narcotráfico ou pela guerrilha.

AFP



Fernando Henrique em viagem à Colômbia: governo anuncia nesta semana plano nacional de segurança e promete mais verbas para o combate ao crime

Na semana passada, o presidente Fernando Henrique esteve num desses países campeões, a Colômbia, com dura lição a dar nessa área. Lá, diversos esforços foram empregados para conter o banditismo, mas eles não produziram o resultado esperado. Na década de 90, imaginava-se que o nó da criminalidade colombiana poderia ser desatado caso os chefões do narcotráfico fossem presos. Com o apoio dos Estados Unidos, todos os comandantes do narcotráfico, como o legendário Pablo Escobar, acabaram mortos ou foram colocados atrás das grades. Para a surpresa de todos, o negócio do pó prosperou mesmo sem os cabeças daquela época. Para cada chefe tirado de circulação, dezenas de traficantes miúdos,

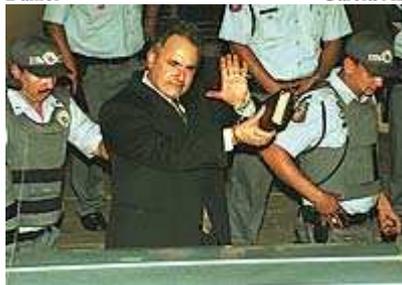
pequenos e médios assumiram o negócio. Os seqüestros se multiplicaram. Nos últimos três anos foram quase 10 000 casos, justamente no período em que os EUA reforçaram sua presença militar no país. Até cinco anos atrás, o governo americano empregava algo em torno de 25 milhões de dólares por ano no combate ao tráfico. Discute-se elevar os gastos para 1,6 bilhão de dólares neste ano. O incrível é que as exportações de coca colombiana e a área destinada ao cultivo de folha de coca e papoulas para produção de heroína expandiram-se. Na semana passada, o chefe da polícia colombiana pediu demissão sob a justificativa de que não agüentava mais ver policiais tombarem na guerra do tráfico.

Reprodução



Daniel

Garcia/AE



Em março de 1997, a televisão exibiu um vídeo em que dez policiais militares extorquiam e agrediam moradores da favela Naval, na divisa entre São Paulo e Diadema. Um tiro disparado por um dos policiais matou uma pessoa. A imagem também comoveu o país, mas pouca coisa mudou. Diadema continua uma das cidades com os maiores índices de criminalidade do Brasil. Neste ano, a PM paulista bateu o recorde de civis mortos em batidas policiais

A agonia dos passageiros do ônibus carioca que faz a linha 174 teve início às 14h20 de segunda-feira. No bairro do Jardim Botânico, fez sinal o assaltante Sandro do Nascimento. Com bermuda, camiseta e um revólver calibre 38 à mostra, ele pulou a roleta e sentou-se

próximo a uma das janelas. Vinte minutos depois, um dos passageiros conseguiu sinalizar para um carro da polícia que passava pela rua. O ônibus, então, foi interceptado por dois policiais. Nesse momento, o pânico já se havia instalado. O motorista e o cobrador abandonaram o veículo e alguns passageiros também conseguiram escapar, pulando pelas janelas e pela porta traseira. Dez passageiros, porém, foram tomados como reféns pelo seqüestrador. O marginal agarrou uma senhora aposentada de 63 anos e, mantendo-a à sua frente, disparou um tiro contra os policiais e jornalistas. As negociações só começaram com a chegada do Batalhão de Operações Especiais (Bope), que apareceu no local uma hora depois com dezoito homens – dois atiradores de elite e dezesseis soldados da tropa de assalto.

As câmaras e os refletores foram a senha para o início do show de horrores protagonizado por Sandro do Nascimento. Três horas após o início da confusão, Sandro obrigou a estudante Janaína a escrever numa janela do ônibus: "Ele tem pacto com o diabo. Tem um punhal e o diabo desenhados no braço. Ele vai matar". Dez minutos depois, em um dos momentos mais dramáticos do seqüestro, o bandido mandou que os outros passageiros deitassem Janaína no chão do ônibus e a cobrissem com um lençol. O seqüestrador avisou, então, que iria simular a morte da jovem, para que os policiais atendessem às suas exigências: armas, dinheiro e um veículo para a fuga. Ele disparou uma vez, próximo ao tornozelo de Janaína, e as reféns – àquela altura todos os homens já haviam sido libertados – entraram em desespero. Sandro colocou o revólver na boca da estudante Luanna Belmont e da professora Geisa Firmo Gonçalves. Às 18h49, teve início a seqüência final da tragédia. Puxando Geisa pelos cabelos e com o revólver apontado contra sua cabeça, o bandido desceu do ônibus e aproximou-se de três policiais. Ele avisou que era a última chance de negociação e que pretendia matar Geisa e depois se suicidar. Agachado perto do ônibus, um dos soldados do Bope avançou contra o bandido e tentou matá-lo com um tiro. Errou o alvo.

Marcelo

Tasso/AE



O PM Paulo Roberto Monteiro, com o braço engessado, chega para depor: junto com quatro colegas, alegou legítima defesa para matar o bandido dentro do carro da polícia

De acordo com o laudo do Instituto Médico Legal, Geisa foi alvejada quatro vezes. A primeira vez, pela arma do soldado. O que deveria ter sido o tiro letal no marginal feriu de raspão o queixo da moça. A reação do bandido foi se abaixar, usando a jovem como escudo. Ao mesmo tempo, disparava à queima-roupa atingindo seu tronco e o meio das costas. A menina, moradora da favela da Rocinha, saíra cedo de casa com uma amiga. Professora de um projeto de educação de crianças carentes na Rocinha, complementava a renda do marido, o cavaliço Alexandre Magno de Oliveira, com a venda de artesanato para uma loja de shopping. Geisa tinha planos de firmar-se como artista plástica e mal iniciara a carreira. Estava no 174 a caminho do banco, para descontar um cheque de 130 reais.

O Batalhão de Operações Especiais é a unidade de elite da polícia fluminense, considerada a mais bem treinada do país. Dá cursos a policiais de quinze Estados e até do exterior. A operação teve erros flagrantes apontados por cinco especialistas consultados por VEJA. A começar pela escolha do negociador. Ao contrário

do que recomendam as regras, ele era o comandante da operação. Essa conduta colocou em risco a própria negociação. Se o bandido percebe que o mediador é quem tem o poder de decisão final, qualquer negativa pode criar animosidade e levar a um desfecho desfavorável. "O bandido nunca deve achar que suas opções se esgotaram", explica o pesquisador do Instituto Fernand Braudel, José Vicente da Silva Filho, coronel reformado da PM de São Paulo. Não havia também rádios para comunicação entre os integrantes da equipe.

Nenhum erro, no entanto, foi maior que o do soldado Marcelo Oliveira dos Santos, 27 anos, fazia quatro no Bope. Quando ele decidiu agir, Sandro já estava fora do ônibus e a situação era francamente favorável a um desfecho seguro. O policial Santos estava agachado há mais de três horas. Ao partir para a aproximação ao bandido, ele teria cambaleado. Não portava a arma mais adequada, segundo especialistas, porque sua submetralhadora não teria impacto suficiente para paralisar o agressor e encerrar seus movimentos. Santos é considerado um soldado experiente e corajoso. Para integrar o batalhão, ultrapassou outros 200 candidatos numa prova, cursou três meses de academia e praticou cerca de 1 200 tiros. O policial é descrito por seu superior como um destaque na corporação.

O bandido Sandro marchava para o ocaso de uma vida de desgraças a bordo do ônibus da linha 174. Criado com a idéia de que sua mãe fora assassinada, viveu desde os 7 anos nas ruas do Rio. Escapou da morte no episódio que ficou conhecido como chacina da Candelária, em 1993, quando oito meninos de rua foram mortos a tiros por policiais militares, que vingavam o roubo de um relógio. Estava condenado a cinco anos e meio de prisão por dois crimes. Um furto e um assalto a mão armada a um táxi. Na prisão, de onde fugiu com outros detentos, foi considerado inexpressivo. "Mancha", apelido que ganhou na Candelária, nem sequer tinha documento de identidade. Seu luto foi reivindicado pela faxineira Elza da Silva, que diz ser sua mãe. No único documento pessoal que produziu em sua vida, uma ficha na delegacia de um subúrbio carioca, atribuiu a outra mulher a sua maternidade. O encontro do bandido Sandro, da professora Geisa e do soldado Marcelo durou alguns poucos segundos. Foram cinco tiros, dois golpes de imobilização e um enredo de tragédia. Espera-se que o episódio seja um dia lembrado como o começo do fim de um tempo de barbárie.

*Com reportagem de Silvia Rogar, Cristine Prestes,
Rodrigo Vergara e Raul Juste Lores, de Bogotá*

Anexo 15

Época, edição 109, 19 de junho de 2000.

ÉPOCA
Ano 85 - Nº 109 - 19 de junho de 2000
R\$ 2,00
http://www.epoca.com.br

Eles não são animais não
são crianças indefesas sem
nenhuma defesa. Eles saíram
do inferno.

Estou responsável por ser o Rio de
Jansen. Fugiu com a Zuleide
Olhou para o encontro da
minha felicidade.

Escrito de Raulino, agosto de 1992,
na sua redação do projeto Pôr do Sol.

Carlos Caspary, maio de 1999,
em sua última prisão.

PASSAGEIROS DO HORROR

EXCLUSIVO Angústias e esperanças do bandido e da professora mortos no seqüestro do ônibus no Rio

Anexo 16

Época, edição 109, 19 de junho de 2000

Tragédia Brasileira

Trechos do diário de Geisa e uma redação escrita por Sandro aos 13 anos revelam o que esperavam da vida os dois mortos no seqüestro do ônibus da Linha 174

Marceu Vieira, Marcelo Gigliotti e Eliane Brum, do Rio de Janeiro

Sandro do Nascimento acordou às 9 horas na manhã de 12 de junho. Atravessara a madrugada daquela segunda-feira dormindo sob o viaduto do Catumbi, bairro do Rio de Janeiro cercado por um anel de favelas. Geisa Gonçalves despertou pouco antes das 5 horas, fiel à rotina seguida na Vila Vermelha, localizada na parte alta da Rocinha, a maior favela da cidade. Ali, numa das tantas vielas úmidas e escuras, morava Geisa.

Sandro tinha brigado com a namorada de 20 anos, com quem vinha dividindo o cobertor marrom. Ela se aborrecera na noite de domingo ao ver Sandro descer, drogado, o Morro da Mineira. "Ele pegou R\$ 150 e gastou tudo em pó", conta a jovem. O namorado irritou-se. "Eu me amarro na sua, mas minha mina é a coca", retrucou. No jargão do morro, "mina" é mulher.

Sandro deixara claro que, se tivesse de optar, ficaria com a cocaína. A discussão amainou, e os namorados dormiram juntos. Ao acordar, ele foi a uma padaria em busca do café da manhã do casal, partilhado por alguns parceiros de viaduto. Comprou 13 pães, uma garrafa grande de refrigerante e um copo de requeijão. Sandro poderia ter decidido vender refrigerantes e balas no semáforo, atividade que lhe permitia sobreviver. Teve outra idéia. "Vem comigo", propôs à companheira. "Você carrega o revólver."

Poucas horas antes, estremunhada, Geisa despedira-se do marido, que saía rumo ao Jockey Club, onde trabalha como cavaleiro. Era apaixonada por Alexandre, personagem central do diário que abrigava seus sonhos e decepções. "Perto dele sou criança e mulher numa só", escreveu, num trecho em que faz uma descrição minuciosa do amor de sua vida.

Dois passados e o mesmo destino

Apoiada pela família, Geisa apostou no sonho, enquanto Sandro nem encontrou sua identidade

O algoz da linha 174 teria nascido Alex Júnior da Silva em Belford Roxo, na Baixada Fluminense. Nas ruas, tornou-se Mancha, devido a um sinal na face direita. Ao sobreviver à chacina de 1993, agregou mais um codinome: "Mancha da Candelária". Era como uma patente, da qual se vangloriava. Ao ser preso pela primeira vez, adotou outra alcunha, Sandro do Nascimento, sob a qual peregrinou por delegacias de polícia. Ao seqüestrar o ônibus, anunciou chamar-se Sérgio. Alex, Mancha, Sandro ou Sérgio provavelmente morreu sem se sentir dono de uma identidade.

A vítima da linha 174 nasceu Geisa Firmo Gonçalves, filha dos gráficos Gilson Gonçalves e Josefa Firmo, na cidade de Iguatu, no centro-sul do Ceará. Quando ela tinha 6 meses, os pais se separaram. Então, em companhia da mãe e da irmã Elisângela, fez a primeira migração: Fortaleza. Viviam das costuras de Josefa, de quem Geisa herdou a habilidade manual. Com a irmã, aprendeu a trançar palha e elaborar os cestos que mais tarde

garantiriam a sobrevivência.

Sandro mal conheceu a mãe, que seria Elza da Silva. E morreu sem jamais ter visto o pai, caminhoneiro que a abandonou na gravidez. Sem conseguir sobreviver com uma criança nos braços, a mãe conta que a entregou a uma amiga. Quando Sandro tinha 7 anos, a amiga morreu de doença cardíaca, e ele foi para as ruas. Aos 13, assistiu à execução da Candelária. Um ano depois se envolvia com traficantes e estreava a ficha criminal.

Geisa partiu para o Rio em maio do ano passado. A mãe morrera dois anos antes, devastada por um câncer. Geisa migrou pela segunda vez para ficar ao lado do marido, Alexandre Magno, que se mudara para a capital fluminense. Numa das cartas à irmã, escreveu: "O Rio não é tão violento quanto dizem".

Só aos 20 anos Sandro teria voltado a encontrar a mãe na favela Nova Holanda. Ao abraçá-la, sussurrou: "Agora posso morrer porque conheci minha mãe". Viveram juntos apenas cinco meses. Um dia, sem avisar, foi embora. Teria sido expulso numa guerra do tráfico.

Geisa foi enterrada na última quarta-feira na terra natal, velada por amigos, parentes e familiares. Sandro, até a sexta-feira 16, quatro dias depois do seqüestro, permanecia numa gaveta do Instituto Médico-Legal. Não possui carteira de identidade. Sem conseguir provar que é quem diz ser, Elza peregrinava em busca da certidão de nascimento para liberar o corpo. Se não encontrar o documento, até mesmo o nome e a filiação de Sandro não passam de suposições. O enterro como indigente livraria o governo do Rio de mais um processo de indenização. Um exame de DNA já foi autorizado. Por enquanto, mesmo morto, Sandro segue marginal. Para a burocracia, é como se o seqüestrador do 174 nunca houvesse existido.

Geisa passou a manhã ensinando artesanato a crianças da Rocinha. Despediu-se da turma às 11 horas, com a frase habitual: "Até amanhã". Almoçou na sede do projeto. Foi uma refeição frugal - guisado de carne, batata, arroz e feijão. Todas as semanas, aguardava ansiosa a chegada da sexta-feira. É o dia em que servem pizza. Caminhou até a casa da amiga Damiana. Iriam juntas a um banco, para descontar um cheque de R\$ 130.

Naquele momento, Sandro estava sozinho: a namorada se recusara a acompanhá-lo em outro crime. Quando não vendia balas e refrigerantes em esquinas, praticava furtos e assaltos a mão armada. Ao afastar-se do viaduto, fez uma escala num cortiço localizado numa rua em que algumas crianças o conheciam. "Tio, dá uma bala", pediram. Balas comestíveis, Sandro não tinha naquele dia. Quem viu os meninos agarrados à bermuda daquele homem não poderia vislumbrar o protagonista de um episódio que deixaria o país paralisado de horror.

Sandro tomou banho no único chuveiro do cortiço. Voltou a convocar a namorada. Atirou-lhe pedras. Depois, arrependeu-se e cobriu-a de beijos. O lugar onde dormira e curtira a ressaca da cocaína da noite anterior fica ao lado do Sambódromo. Quando saiu dali, no fim da manhã de 12 de junho, carregava uma mochila nas costas e um revólver calibre 38 na cintura. Tinha cinco balas no tambor. Modelo antigo. Era instrumento de trabalho. Geisa despediu-se de Beethoven, gato preto de olhos amarelos. Deixava para trás calcinhas e cuecas penduradas no varal e a casinha povoada de escassos móveis. Sobre a penteadeira do quarto, o diário e um caderno escolar. Nele, registrava esperanças. Recortava e colava sonhos - roupas da moda, eletrodomésticos, móveis novos. Procurava desenhar a planta da casa que jamais chegaria a construir. Queria ser dona de dois jardins-de-inverno, três quartos, cinco banheiros, varanda, cozinha,

sala de estar e de TV e escritório. No diário, registrou o nome dos filhos que jamais geraria. Iriam chamar-se Thayse, Christey, Kesya, Thallys e Michelly.

Sandro queria fazer um assalto e voltar para dormir mais uma noite embaixo do viaduto. Geisa planejava pegar a Linha 592. O trânsito caótico da Rocinha obrigou-a a mudar de idéia. Embarcou em outro ônibus, o da Linha 174, que faz o percurso da Gávea à Central do Brasil. Os sonhos dela e o projeto dele começavam a ser revogados no último dia de suas vidas. Às 14h16 os destinos de Sandro e de Geisa se cruzaram. Era obra do acaso. Por descaso, às 18h50 os dois estariam mortos.

Ela pagou R\$ 0,90 e transpôs a catraca. Sandro ignorou a regra. Passou por baixo da roleta sob o olhar do cobrador. Eram diferentes, apesar de ter tudo para ser iguais. Geisa ganhava R\$ 500 por mês. Sandro não tinha renda fixa, mas gastava quantia equivalente em farras, drogas e alguma comida. Os relatos deixados por ambos desenham um fosso entre eles. Trechos do diário de Geisa e de uma redação escrita por Sandro, ainda criança, mostram como a vida transformou-os em personagens do sonho e da desesperança.

No 174, Geisa e Sandro se encontraram para revelar os desencontros de um país marcado por contradições sociais. "Eles não são animais não. São crianças indefesa sem nenhuma riqueza", escreveu Sandro. Até concluir a 3ª série do ensino fundamental ele freqüentou a escola com regularidade. Tinha 13 anos quando rascunhou a redação guardada pela pedagoga Lígia Costa Leite, hoje fazendo um curso de doutorado no Canadá. Lígia ainda guarda textos escritos por garotos nos tempos em que coordenava a organização não-governamental Flor do Amanhã. A Flor do Amanhã foi idealizada para ajudar a tirar meninos de rua da rota do crime. "Desde os 7 anos ele lutava para não morrer. O extermínio virou política social no Brasil", lamenta a professora.

Do diário de Geisa emerge a esperança. "Estou viajando para o Rio de Janeiro. Estou indo ao encontro da minha felicidade", escreveu em 21 de maio de 1999. Ao embarcar em Fortaleza, no Ceará, virou-se para a irmã e disse 11 palavras dramaticamente premonitórias. "Vou ficar famosa no Rio. Vocês vão me ver na TV." Era só um sonho. Seria um pesadelo. O último. Chegando ao Rio, Geisa foi morar na Rocinha. Ao contrário dos brasileiros que vêem as favelas apenas como cenário do desfile de tragédias do noticiário policial, ela se encantou. "Estou morando na Rocinha, mas muito feliz", confidenciou ao diário.

José Fernandes do Nascimento tem 51 anos. Era o motorista do ônibus que virou palco da tragédia brasileira encenada no Rio no dia 12 de junho. Ganha R\$ 670, pouco mais que o salário de Geisa - equivalente a quatro noites de Sandro no Morro da Mineira. Fernandes não notou o revólver na cintura do bandido quando permitiu que entrasse no coletivo. Um pedestre viu e alertou dois policiais. Com um gesto facilmente decifrado pelo motorista, a dupla de militares subiu no ônibus. Era pouco antes de 14h30. Iniciava-se o terror. Acuado, Sandro anunciou que os 12 passageiros eram seus reféns. Geisa estava entre eles.

BRASIL

Flagrados por uma câmara da Companhia de Engenharia de Tráfego da prefeitura do Rio, passageiros, seqüestrador e policiais passaram a protagonizar um longa-metragem. Durou quatro horas e meia. Foi um filme dos tempos do cinema mudo. Os diálogos travados pelos personagens do drama não eram audíveis para milhões de brasileiros que acompanhavam o seqüestro, ao vivo, por redes de TV, emissoras de rádio ou flashes dos sites de notícias da internet. Havia emblemáticas diferenças em relação às histórias encenadas nos filmes sem trilha sonora: o cinema mudo nunca mostrava o momento da morte de um personagem, sempre tinha roteiro definido apesar da improvisação dos atores e o final feliz era premissa irrevogável. Todos conheciam os astros. Ao encenar as últimas horas de suas vidas, sem som,

para todo o mundo, Sandro e Geisa eram anônimos. A identidade deles só foi descoberta depois do desfecho trágico.

Sandro causou revolta ao usar quatro mulheres como escudo. Tratou-as com crueldade. Torturou-as física e moralmente. Atirou na direção de jornalistas. Entre as reféns estava a estudante Luanna Belmont, de 23 anos, que procurou sempre manter alguma serenidade. "Vi que o bandido era passível de diálogo. Perguntei se ele sabia quem era a maior vítima da situação. Ele disse que não. Eu respondi: você", conta Luanna.

Polícias mal preparadas

Militares brasileiros ganham um terço do salário dos argentinos

- No Rio de Janeiro, o salário inicial de um PM é US\$ 222. Em Buenos Aires, US\$ 600 e em Nova York US\$ 2.914
- Todas as polícias militares do país têm tropas de elite como o Batalhão de Operações Especiais (Bope) do Rio. Essas tropas, porém, usam equipamentos obsoletos e treinam pouco. Mal remunerado e mal treinado, o policial erra em situações críticas

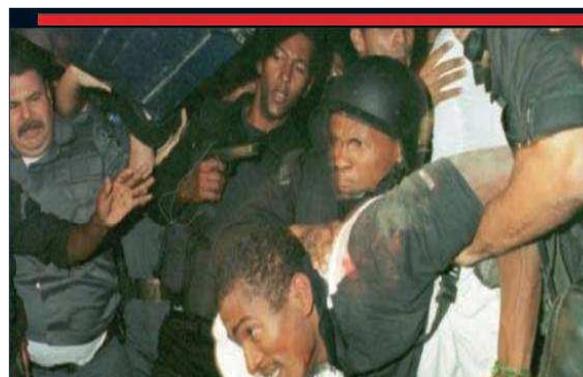
Apesar do aparente descontrole, Sandro foi capaz de simular a morte de Janaína Lopes Neves, outra refém. Durante uma hora, pensou-se que ela estivesse morta. Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, o pai da estudante, Claudemir Neves, não acreditava no que via. "Comecei a assistir na hora do tiro. Envelheci 10 anos num segundo", lembra.

Às 18h50 o seqüestrador resolveu descer do ônibus. Escolheu Geisa para proteger-se. Abandonou o veículo e foi cercado por alguns policiais. Uma sensação de alívio começava a tomar conta da platéia. Entrava em cena o despreparo policial. Marcelo Oliveira dos Santos, soldado do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio, protagonizou o final infeliz. Aos 27 anos, é soldado do grupo de elite da PM fluminense. Recebe o mesmo salário de um guarda de trânsito - R\$ 600. Descontrolado, com uma submetralhadora HK em punho, avançou contra Sandro e Geisa. Acertou a garota no rosto. Errou o bandido. Sandro atirou três vezes contra o corpo da refém. Acertou em todas. Outro tiro desferido pela polícia errou o bandido. Raspou em Geisa. O seqüestrador foi imobilizado. Levaram-no, ileso, para um camburão acompanhado por cinco policiais. Dez minutos depois, estava morto. Foi asfiziado pelo capitão Ricardo de Souza. Um inquérito apura as falhas policiais.

Às 14h16 da última sexta-feira, quatro dias depois da tragédia, o ônibus que serve à mesma Linha 174 deixou o ponto onde começa a viagem, na Estrada da Gávea. Diante do Jockey Club subiram dois policiais. Revistaram os passageiros. "Tinham de fazer isso antes", protestou Leandro da Silva, de 17 anos, funcionário de uma farmácia e morador da Favela da Rocinha. "Só vieram em cima de mim porque sou negro." A viagem prosseguiu. Na viagem de volta, o ônibus circula a uma quadra da Câmara Municipal. Um vereador já propôs que a Rua 3 da Rocinha passe a se chamar Rua Professora Geisa Gonçalves.

A vida passou ao vivo nas telas de TV **O dia em que o Brasil assistiu a uma execução em tempo real**

O dia 12 de junho de 2000 entrou para a história da televisão brasileira como o primeiro em que se assistiu a uma execução ao vivo. As cenas do seqüestro do ônibus 174 foram transmitidas em tempo real pela TV a cabo Globo News e pela Rede Record. Até dois estudantes de Jornalismo da PUC-RJ, João Ricardo Ribeiro e Bruna Baitelli, ambos de 22 anos, registraram as imagens. Os dois gravavam um programa para a TV Universitária, ali perto, quando tudo começou. "Eu chorava, mas não conseguia parar de filmar", lembra Bruna. O diretor de jornalismo da Rede Globo, Evandro Carlos de Andrade, elogia a cobertura. "Se o público não tivesse testemunhado, engoliria versões oficiais." Luiz Gonzaga Mineiro, diretor da Record, admite pequenos excessos, como a música de suspense que acompanhava sua transmissão. "É a fórmula de nosso jornal Cidade Alerta. mas vamos mudar."



Com reportagem de Anabela Paiva, Pedro Motta Gueiros, Ronald Freitas, Bruno Weis e Bernardino Furtado (Editado)